

SONHAR A PAISAGEM: UM CAMINHO ETNOBOTÂNICO PELA CIDADE UNIVERSITÁRIA



MARIA ISABEL MAGALHÃES TAVARES DE OLIVEIRA

FAU USP | TFG 2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

imagem capa:

Oliveira (2021), com base em

Albert e Kopenawa (2015).

SONHAR A PAISAGEM: Um *caminho* etnobotânico pela Cidade Universitária

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Oliveira, Maria Isabel Magalhães Tavares de
Sonhar a paisagem: um caminho etnobotânico pela Cidade Universitária / Maria Isabel Magalhães Tavares de Oliveira; orientadora Karina Oliveira Leitão. coorientador Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos Lima - São Paulo, 2021.
81 p.

Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

1. Paisagem. 2. Etnobotânica. 3. Perspectivismo Ameríndio. 4. Cosmovisões. I. Leitão, Karina Oliveira, orient. II. Lima, Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos, coorient. III. Título.

Maria Isabel Magalhães Tavares de Oliveira

Orientação: Karina Oliveira Leitão

Coorientação: Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos Lima

Trabalho Final de Graduação

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade de São Paulo

São Paulo, agosto de 2021

RESUMO

O trabalho é uma investigação teórica e propositiva sobre a paisagem e as cosmovisões indígenas brasileiras, com foco na cidade de São Paulo e na Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira. O trabalho se apoia em um projeto de extensão ligado à Rede Indígena da Universidade de São Paulo que tem o objetivo de criar uma Praça das Culturas em seu interior que, pela ocupação, represente todos os povos indígenas do Brasil. Dessa forma, é proposta uma intervenção paisagística que expande a ideia desta praça para outros pontos do campus, propondo uma ocupação indígena da paisagem que se dá pela vegetação. O projeto é um caminho que interliga pontos-chaves da Cidade Universitária, estimula a aproximação da sociedade à natureza e evidencia o simbolismo e espiritualismo que as plantas carregam por meio da etnobotânica. Faz-se, um estudo sobre o vínculo que os diferentes povos travam com suas paisagens, enfocando na Mata Atlântica e no Cerrado e no povo Guarani, dada a localização do projeto em São Paulo como território indígena Guarani. Ressalta-se no trabalho a memória indígena que está viva no território da cidade de São Paulo.

Palavras Chave:

Paisagem, etnobotânica, perspectivismo ameríndio, cosmovisões.

AGRADECIMENTOS

Primeramente aos meus pais, pelo apoio e incentivo que me trouxeram até aqui. Aos meus irmãos pela parceria e companhia de todos os dias. Ao meu vô Zé, que também gosta de aprender sobre as árvores. À toda minha família querida.

Ao Gabriel, pelo carinho, escuta e paciência. Por estar ao meu lado todo este tempo difícil, tornando tudo mais leve.

À Karina, por aceitar entrar nesse sonho comigo, trazendo sempre uma boa energia e muito aprendizado ao processo. À Catharina, que já no meu primeiro ano de FAU me apresentou à paisagem, mudando os rumos da minha formação.

À Lara, pelas infinitas trocas e conversas que geraram a maior riqueza deste trabalho e pela amizade. Ao Pietro, Teresa, Greta, Carol, Bárbara, Mariana, Camila, Luiza, Jayne, Laura, Ana, Lara Beatriz, Raquel, Arthur, Marina, Caio e tantas outras amizades que tornaram esses anos de graduação tão especiais. Aos amigos da escola que carinhosamente me acompanham até hoje.

Ao grupo de estudos em agroecologia que animam minhas segundas-feiras, em especial à Dri, Mônica, Carol e Lucas que tiveram paciência de ouvir e comentar este trabalho.

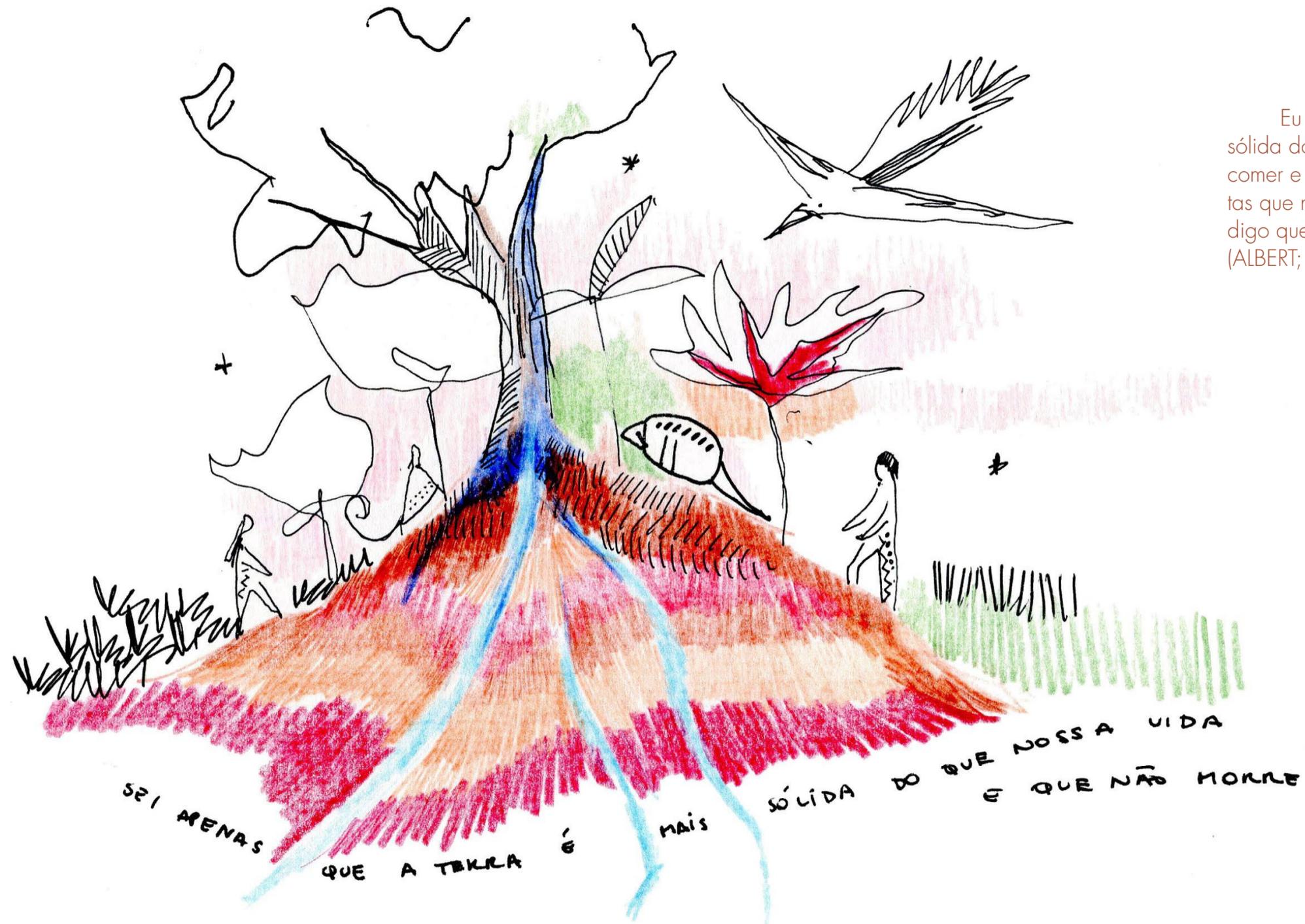
Ao Caio, por me levar para o grupo de extensão e por aceitar participar da banca examinadora. À Renata que gentilmente cedeu o espaço do diálogo e contribuiu para esse processo.

Ao Danilo, por aceitar compor a banca e pelo incrível trabalho desenvolvido junto à Rede indígena da USP, tão importante para a universidade. Em especial ao núcleo da Praça das Culturas, que me acolheu e que me levou à sonhar, à Naju, Karaí, Werá e Giovanna.

Ao professor José Pirani do Instituto de Biociências, que nos recebeu e nos apresentou o jardim do Fitotério do Departamento de Botânica. À Daniella que me recebeu no Clube dos Professores e Viveiro de Mudas.

À Flávia que, com muita alegria, me apresentou à prática do paisagismo.

À Ju, que deixa muitas saudades. Quem eu gostaria de estar compartilhando esse momento junto, mas que vira e mexe volta nos meus sonhos.



Eu não sei fazer contas como eles. Sei apenas que a terra é mais sólida do que nossa vida e que não morre. Sei também que ela nos faz comer e viver. Não é ouro, nem as mercadorias que faz crescer as plantas que nos alimenta, e que engordam as presas que caçamos! Por isso digo que o valor de nossa floresta é muito alto e muito pesado (ALBERT; KOPENAWA, 2015, p. 354, 355).

> Oliveira (2021), com base em Albert e Kopenawa (2015).

SUMÁRIO

Introdução	07	Capítulo 4. Sonhar a paisagem: Narrativas de projeto	37
Capítulo 1. Um olhar sobre a paisagem	11	4.1. Percurso	37
1.1. Natureza, sociedade e paisagem	11	4.2. <i>Para onde a água corre</i>	40
1.2. O perspectivismo ameríndio, cosmovisões brasileiras	14	4.3. <i>O calor do fogo</i>	51
1.3. <i>A floresta cultivada</i>	17	4.4. <i>Trabalhar, colher a terra</i>	53
1.4. Territorialidade e pertencimento	20	<i>Onde a água encontra o céu</i>	56
Capítulo 2. São Paulo território Guarani.	22	4.5. <i>Onde as árvores caminham</i>	64
2.1. História do povo Guarani e movimentações	22	4.6. <i>O que sobrou do céu</i>	69
2.2. Cinturão Verde Guarani e a retomada da Agricultura Tradicional	27	Considerações finais	73
Capítulo 3. Um outro olhar para a Cidade Universitária: contextualização do projeto	31	Referências Bibliográficas	74
3.1. Espaço verde e território Guarani	31	Tabela de Vegetações	79
3.2. Espaço do saber: Opy e Praça das Culturas	34		



INTRODUÇÃO

Eu tenho sonhado muito com a água. No último sonho que tive com a Cidade Universitária, eu estava na Praça do Relógio e tudo começava a alagar. Não era água da chuva, não chovia, na verdade até fazia um sol ameno. A água vinha de algum lugar, não sei dizer de onde, mas corria com tranquilidade, e assim foi preenchendo os espaços mais baixos da praça. Eu e as outras pessoas que estavam comigo, que já não me lembro mais quem eram, íamos até uma parte mais alta para não nos molharmos e ali ficávamos vendo a água. Lembro de ver algumas árvores, não muitas, elas estavam espalhadas pela praça e tinha alguns capins também. No geral a praça era um pouco diferente do que é hoje, não tinha o relógio, tinha um relevo que descia e subia, sem grandes inclinações, só algumas depressões, onde a água se acumulou. Olhando ao redor, dava para ver que todos tinham se abrigado nas pequenas ilhas que haviam se formado. Logo, eu percebi que a água não ia continuar subindo a ponto de nos afogar. Ela tinha se estabilizado em uma altura próxima a dos joelhos. E então pudemos sair caminhando.

> Oliveira (2021), com base em Albert e Kopenawa (2015).

Neste trabalho a proposta de sonhar a paisagem vai nos dois sentidos da palavra. Sonhar como o que a gente anseia, o que esperamos para o futuro, a paisagem que queremos. E sonhar da forma onírica, em reconhecer os sonhos como espaços de conhecimento, em saber escutar o que nos dizem e entender como podem nos guiar. Pensando agora, é bem possível que esse sonho tenha me remetido ao que era a Praça do Relógio antigamente. Afinal, boa parte do campus da Cidade Universitária era várzea do Rio Pinheiros, áreas alagáveis que viravam rio nas épocas de chuva.

O ser humano sonha há milhares de anos. E há milhares de anos esses sonhos vem guiando as sociedades. No entanto, com o surgimento da eletricidade, começamos a ocupar a noite com outras atividades, deixando o sonho de lado e perdendo a capacidade de sonhar. Como coloca Ribeiro (2019)⁰, os sonhos constituem um processo cerebral de organizar as memórias do consciente e inconsciente de forma a criar possibilidades futuras, imaginar hipóteses e ter revelações novas. Ou seja, o sonho pode sim estar em um lugar de oráculo e se constitui como um processo de conhecimento importante para a cabeça e para o corpo.

Muitos povos pelo mundo ainda sabem sonhar e abstrair do sonho sua sabedoria. Como fala Albert e Kopenawa (2015), o sonho é um lugar de aprendizado. No seu caso, o sonho de um xamã pode trazer grandes revelações, é um sonho que possibilita



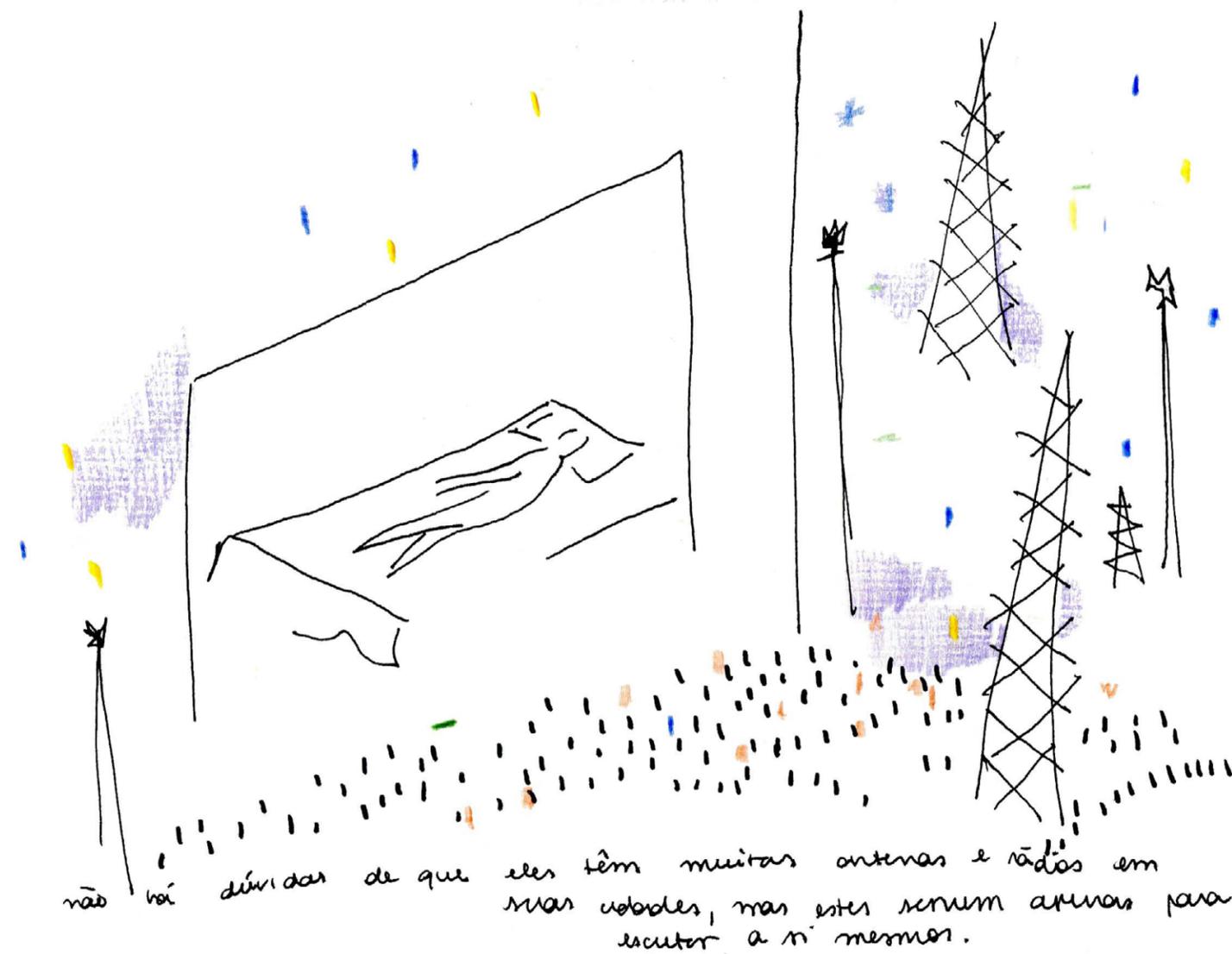
> Oliveira (2021) com base em (ALBERT; KOPENAWA, 2015, p. 465).

0. Os estudos recentes de Ribeiro fazem uma interlocução entre as descobertas da neurociência e os saberes ancestrais sobre os sonhos.

cura e uma ligação com os espíritos. Os espíritos levam-no muito longe para ver as coisas do mundo e da floresta. O mesmo coloca Krenak (2020), chamando de instituição do sonho uma disciplina de “autoconhecimento sobre a vida, e a aplicação desse conhecimento na sua interação com o mundo e com as outras pessoas” (KRENAK, 2020, p. 53).

Os brancos dormem deitados perto do chão, em camas, nas quais se agitam com desconforto. Seu sono é ruim e seu sonho tarda a vir. E quando afinal chega, nunca vai longe e acaba muito depressa. Não há dúvida de que eles têm muitas antenas e rádios em suas cidades, mas estes servem apenas para escutar a si mesmos (ALBERT; KOPENAWA, 2015, p. 461).

O sonhar também pode ser coletivo. Ao sentar-se de manhã e compartilhar o sonho com outra pessoa, ele se transforma. Com o ato de contar ele passa a ser dos outros também, que podem recontá-lo, abraçá-lo e recriá-lo. O tema deste trabalho partiu da experiência de um sonho coletivo compartilhado dentro de um grupo de extensão universitária do qual participo. Um sonho de jovens e lideranças Guarani e de alunos e professores indígenas da Universidade de São Paulo (USP) de ocupá-la e torná-la mais indígena, a partir da criação de uma Praça das Culturas dentro do campus. Como tratarei ao longo do trabalho, o projeto que proponho, uma intervenção paisagística na Cidade Universitária



> Oliveira (2021) com base em (ALBERT; KOPENAWA, 2015, p. 461).

Armando Salles de Oliveira (CUASO) da Universidade de São Paulo (USP), tem como objetivo uma sensibilização à questão indígena através da paisagem.

O processo de construção do tema se deu, a princípio, por meio de uma imersão na temática indígena brasileira. Ao conhecer o trabalho da extensão evidenciou-se o interesse em focar na paisagem indígena de São Paulo e na Cidade Universitária. Durante a investigação do tema foram produzidos desenhos a fim de absorver os conteúdos e gravar ideias lidas e escutadas. Uma forma de transmitir os pensamentos e sensações que marcaram esse percurso. Os desenhos permeiam este trabalho como um todo, estão ilustrando e trazendo o universo dos meus sonhos pessoais para este caderno. Dessa forma, o tema “sonho” se torna um fio condutor deste trabalho uma vez que é um tema importante tanto na vida indígena quanto na minha vida pessoal e sintetiza o desejo do projeto de extensão.

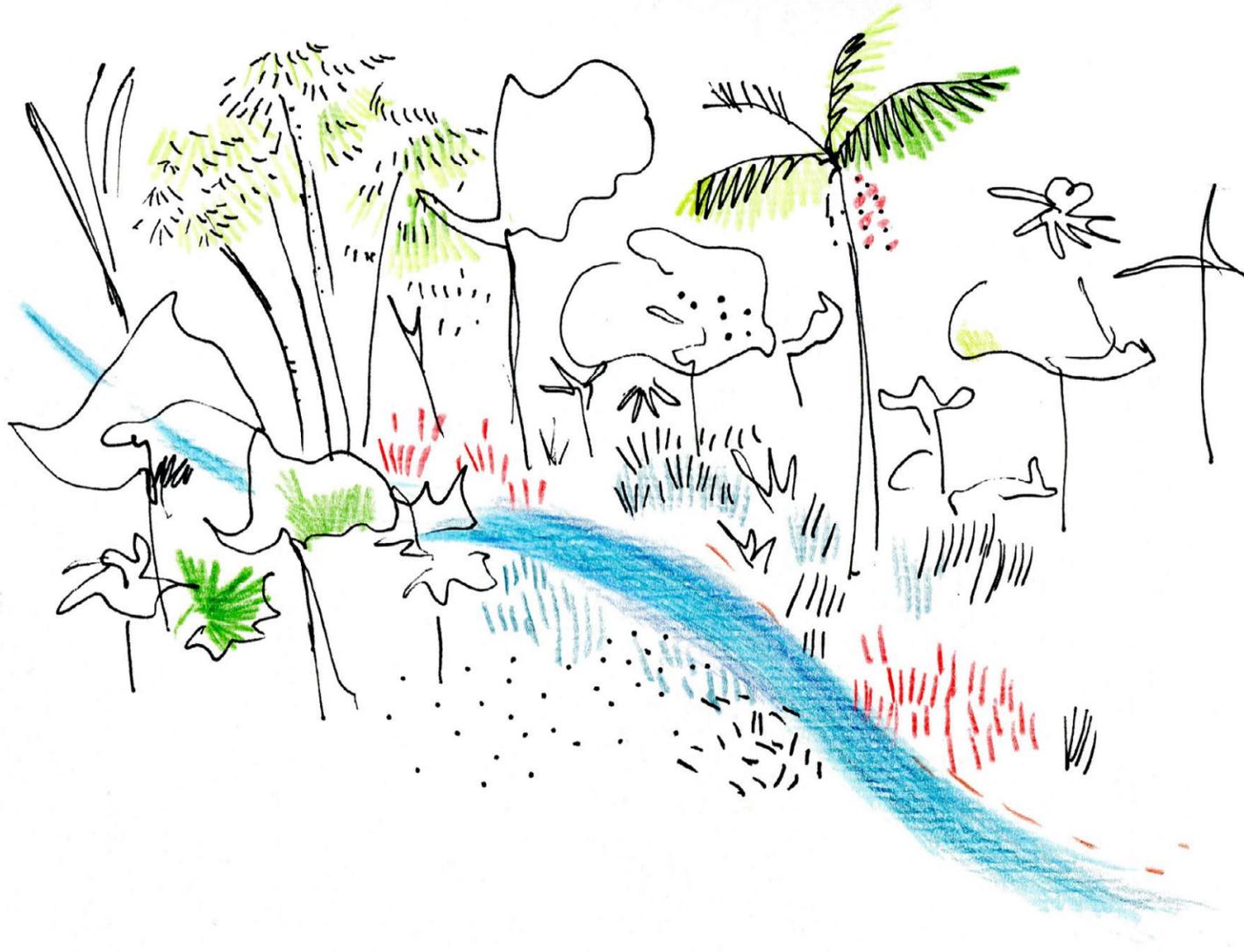
Logo, o trabalho se estrutura da seguinte forma: no primeiro capítulo proponho a sensibilização e conceituação sobre a paisagem, com o intuito de aproximar o ser humano da natureza e de ter uma relação mais profunda com a terra, se baseando nas cosmovisões indígenas brasileiras. Em seguida, no segundo capítulo, apresento uma breve contextualização da história do povo Guarani, que ocupa a região de São Paulo há milhares de anos e é quem recebe e acolhe os diversos povos indígenas que vêm para a cidade e para Cidade Universitária. No capítulo três trato

mais especificamente da USP, do porquê sonhar essa paisagem, contando brevemente o que está sendo realizado na Praça das Culturas e como isso poderia se expandir para o resto do campus. Por fim, o capítulo quatro é uma narrativa do projeto, que se constitui como um trajeto pela paisagem da Cidade Universitária. Vou contando sobre lugares, escolhas, dando atenção especial à vegetação existente e às novas plantas que pretendo inserir, a partir de uma perspectiva etnobotânica.

Este trabalho, por se tratar de uma proposta paisagística, têm a vegetação como algo central. A etnobotânica é um campo que se debruça sobre os diferentes vínculos que as sociedades estabelecem com as plantas. Seja no sentido prático – quais são as espécies alimentícias, as medicinais e as utilizadas para a construção das casas – seja no simbólico e espiritual – quais plantas são usadas em rituais ou estão presentes na cosmologia e dotam de algum valor sagrado. Assim, o estudo da etnobotânica tem o intuito de revelar a dimensão cultural que cada planta carrega em si (ANDRÉ, 2019; GALANTE, 2011). Como será tratado adiante, todos os povos criam vínculos com o bioma em que estão inseridos e assim com suas espécies vegetais. Foi importante aprender sobre a espiritualidade que algumas plantas transmitem para alguns povos e pensar como inseri-las no campus, com objetivo de transformar a paisagem em algo também simbólico.

CAPÍTULO 1. Um olhar sobre a paisagem

1.1. Natureza, sociedade e paisagem



Neste capítulo é feita a exploração do conceito de paisagem, introduzindo uma visão ameríndia. Evidencia-se o vínculo profundo dos povos indígenas com seus territórios, suas florestas e cultivos. Essa concepção se traduz na paisagem e serve de guia para a proposta projetual deste trabalho que visa trazer uma ocupação indígena da USP por meio de uma intervenção paisagística.

O que é a paisagem? Ao pensar a paisagem natural¹, é imprescindível pensá-la em todos os elementos que a compõe seja a vegetação, animais, rios, montanhas, céu e a terra. Tal conceito já foi discutido em diversas disciplinas ao longo do último século². Este trabalho se apoia em uma definição de paisagem *viva e vivida*, que inclui o vínculo que o espectador estabelece com ela; a experiência do sujeito no espaço é um ponto central, que vai além de uma interação de mero observador.

De certa forma, a paisagem carrega tudo que o sujeito vê, sente, escuta do ambiente e como ele processa isso. Essa concepção de paisagem está relacionada com a memória e o vínculo com o lugar. Uma pessoa do topo de uma colina observando sua cidade natal reconhece lugares vividos, sente a brisa do vento e o calor do sol. São todos fatores que formam uma experiência de ver e de compor a paisagem. Como coloca Vera Pallamim ao relacionar tais conceitos com a disciplina da fenomenologia, “a paisagem é um *lugar fenomênico*, definido por nosso olhar, nossas tarefas,

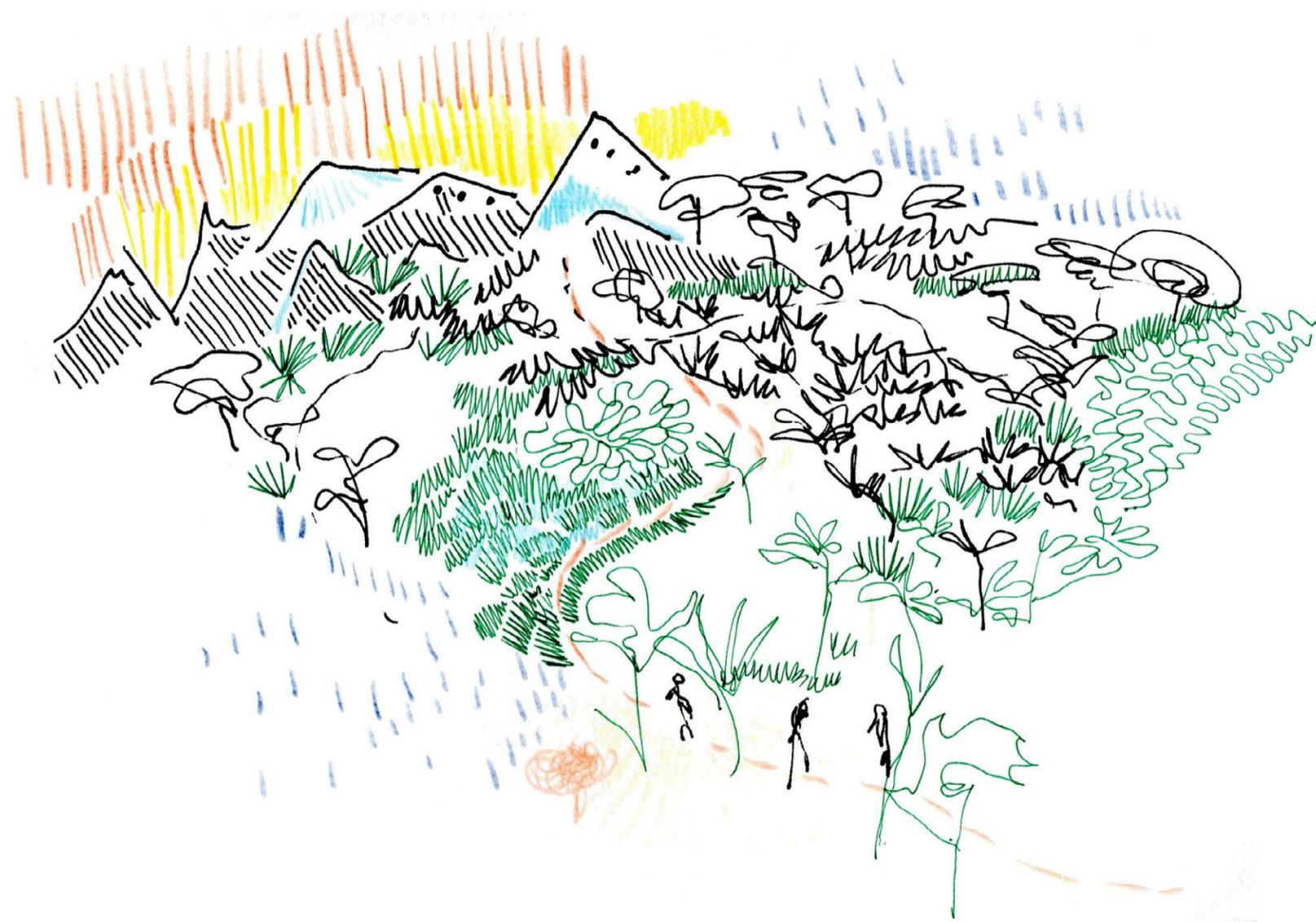
> Imagem: Oliveira (2021).

1. Paisagem natural em contraposição à paisagem urbana. A definição colocada neste trabalho poderia se aplicar para ambas, no entanto, escolheu-se centralizar a discussão acerca da paisagem natural, já que as questões urbanas fogem do escopo do trabalho.

2. Ver (MARIA, 2010) e a construção da ideia de paisagem, para as distintas definições.

nosso mundo de implantação diante das coisas, como resultante da coexistência entre nós e o mundo” (PALLAMIM et al, 2014, p.25 e 26). Não se recebe a paisagem passivamente, ela “acontece’ em uma relação entre, pode-se arriscar, sujeito-sujeito; o mundo e o ser que mutuamente se afetam” (LIMA et al., 2017, p. 300).

Dessa forma, a paisagem requer um espaço habitado, uma relação entre pelo menos dois. Se não houver alguém ali sentindo-a, ela será apenas natureza (LIMA et al., 2017). Na mesma linha, Ingold também coloca a relação humana como crucial para essa experiência, desdobrando como se daria essa dupla interação: como a paisagem *me afeta* e como eu *a afeto* (INGOLD, 2021), a paisagem é um “processo que abarca vidas em movimento” (MATTA, 2016, p. 14). Parece fácil pensar como o ser humano pode afetar a paisagem. A primeira imagem que salta são as intervenções da sociedade que destroem a natureza; grandes cidades, extração de minérios, desmatamento etc. No entanto, Ingold não trata exatamente dessas intervenções, aponta que tal relação pode ser muito mais singela e menos devastadora. No exemplo levantado pelo autor, habitantes de um pequeno vilarejo transformam a paisagem ao deixarem suas trilhas pelo morro de tanto percorrermos o mesmo caminho. Da mesma forma, deixam trilhas os cavalos, o gado ao pastar e as chuvas, que pouco a pouco vão erodindo as montanhas e deixando seus rastros. A ocupação dos seres – importante ressaltar *animados* e *inanimados*, como a chuva



> Oliveira (2021) com base em Popygua (2016).

– transformam o ambiente, tornando assim, a paisagem viva.

Se então os humanos afetam a paisagem, como ela os afeta? Além da perspectiva fenomênica colocada acima, e de todo o sentimento que ela pode despertar no sujeito, seja na memória pessoal ou coletiva de um povo, no simbolismo e espiritualidade, há também uma intervenção no próprio corpo.

O corpo aparece como um importante transmissor entre essas duas esferas: o corpo sente³, através de todos seus sentidos e deixa rastros por onde caminha; ao mesmo tempo, ao caminhar a pessoa leva a paisagem consigo. Voltando ao exercício de subir uma montanha, o corpo sente calor ou frio e estimula seus músculos para a subida, gravando a paisagem em uma *memória corporal* (INGOLD, 2021).

Pelos exercícios de descida e subida, e suas diferentes implicações musculares, os contornos da paisagem não são tão medidos quanto sentidos — eles são incorporados diretamente à nossa experiência corporal. Mas mesmo se você permanecer enraizado em um ponto, o mesmo princípio se aplica. Enquanto você olha do outro lado do vale para a colina no horizonte, seus olhos não permanecem fixos: girando nas órbitas ou enquanto você inclina a cabeça, os gestos deles concordam com o movimento de sua atenção, enquanto segue o curso da paisagem. (...) Assim, o mesmo movimento é incor-

porado, pelas pessoas, em sua “consciência muscular”, e pela paisagem, em sua rede de caminhos e trilhas (INGOLD, 2021, p. 141–143).

O ato de caminhar, ponto central da proposta projetual deste trabalho, possui um simbolismo especial, uma vez que o caminho pode revelar essa interação próxima do sujeito com o ambiente à sua volta e torná-lo parte da paisagem. Caminhar é também deslocar-se a uma velocidade na qual seja possível absorver e interiorizar boa parte do que está ao redor, permite observar de perto e sentir o espaço, além de vê-lo.

A definição de paisagem apresentada neste trabalho quebra, de certa forma, a dicotomia entre sociedade e natureza expressa no pensamento ocidental desde seus primórdios. Ao possibilitar uma conexão entre essas duas esferas – essencial para a existência da paisagem – esses conceitos se entrelaçam.

“A ideia de paisagem”, como escreve Meinig, “contraria o reconhecimento de qualquer relação binária simples entre homem e natureza” (1979b, p.2). Assim, nem a paisagem é idêntica à natureza, nem está do lado da humanidade contra a natureza. Assim como o domínio familiar de nossa habitação, é conosco, não contra nós, mas não é menos real por isso. E, vivendo nela, a paisagem se torna parte de nós, assim como fazemos parte dela (INGOLD, 2021, p. 117).

3. O corpo como vetor de todas essas interações. Nas palavras de Pallamim ao interpretar Merleau-Ponty (2006): “Sendo o corpo “sentiente e sensível, sonoro e audível, vidente e visível, tocante e tangível o - espaço que este ocupa é maior do que aquele propriamente individual, pois é alargado por sua intencionalidade e sua criação” (PALLAMIN, 2015). Interpretado como a expansão dos sentidos para além do corpo físico, até onde chega a percepção.

1.2. O perspectivismo ameríndio, cosmovisões brasileiras

O binarismo parte da ideia de que a cultura, o viver em sociedade e a linguagem seriam os fatores que distinguem os humanos dos *não-humanos* – os outros seres que compõe o ambiente natural, sejam vivos ou inertes. Mais que uma distinção, essa relação leva ao afastamento; uma vez que pela ideia de evolução, o ser humano saiu de uma condição de animalidade para chegar em uma antagônica, a de humanidade, deixando de pertencer à natureza (GALANTE, 2011).

Coloca-se assim a condição natural como algo do passado, e a natureza como algo externo, incompatível com a sociedade – a convivência entre ambas no mesmo espaço levaria à degradação. Dessa ideia nasce o modelo de Unidades de Conservação, em que para preservar a natureza, devido ao agravamento das questões ambientais, ela deve ser deixada intacta e isolada da humanidade.

Contudo, essa é uma visão que exclui os povos originários e os não-humanos – uma ideia de humanidade que suprime a pluralidade das formas de vida (KRENAK, 2020). É a própria despersonalização dos seres da natureza que acarreta a devastação dos recursos naturais, pois eliminam-se seus sentidos; “fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo alguma coisa que não seja natureza, tudo é natureza” (KRENAK, 2020, p. 16–17).

Pela ótica dos povos ameríndios a relação entre natureza e cultura é diferente da perspectiva ocidental, neste caso ambas as esferas se aproximam uma da outra. Neste caso, “**a condição original comum aos humanos e animais não é a animalidade, mas a humanidade.**”⁴ (LÉVI-STRAUSS 1985:14, 190 apud VIVEIROS DE CASTRO, 2017b, p. 308 grifo do autor). A diferença está em que, dessa vez, os animais que mudaram com o tempo e perderam as características humanas enquanto os humanos permaneceram iguais. Nas palavras de Viveiros de Castro, que denomina esse olhar como *perspectivismo ameríndio*⁵, “os animais são ex-humanos, e não os humanos ex-animais” (VIVEIROS DE CASTRO, 2017b, p. 308).

Isso não impede, no entanto, que o lado humano dos animais continue existindo internamente. Muitas vezes ele é revelado por meio dos mitos e dos rituais xamânicos ou pelos espíritos que estão em forma de animais. Essa noção se expande para as plantas, o céu, a terra, para tudo que compõe o ambiente; tudo de certa forma está vivo e provido de humanidade (VIVEIROS DE CASTRO, 2017b). Seja o Rio Doce ser seu avô – como para os Krenak – as mandiocas que cuidam de si mesmas – como dizem os povos do Rio Negro – ou os animais de caça que são antigos ancestrais, segundo os Yanomami (ALBERT; KOPENAWA, 2015; EMPERAIRE, 2021; KRENAK, 2020)⁶.

4. Importante ressaltar a questão da *humanidade*: “o referencial comum a todos os seres da natureza não é o homem enquanto espécie, mas a humanidade enquanto condição” (Descola 1986:120 apud VIVEIROS DE CASTRO, 2017b, p. 309)

5. O perspectivismo é relativo a como os seres humanos veem os outros seres, mas também como veem a si mesmos (VIVEIROS DE CASTRO, 2017b).

6. Dentre os povos indígenas do Brasil, a variedade de cosmovisões são muitas - 305 povos e mais de 150 línguas faladas (Instituto Socioambiental) - que se diferenciam em diversos aspectos e modos de vida e se assemelham em outros, principalmente ao serem comparados com pensamento ocidental. Sendo assim, o perspectivismo de Viveiros de Castro é um fenômeno que se expressa de formas distintas por cada povo.



“ os animais que caçamos
são os fantasmas de nossos
ancestrais transformados em coço
no primeiro tempo

DAMOS A ELES O NOME DE
CAÇA, MAS O FATO É QUE SOMOS
TODOS HUMANOS : 214-215

Como explica Albert e Kopenawa (2015), a palavra em yanomami que designa o que chamamos de natureza é “terra-floresta”. Não é só a vegetação, é a terra, a montanha, o rio, os *xapiri*⁷, tudo que tem vida e que respira. A terra-floresta, seria assim o mundo inteiro. Tudo funcionando como um organismo, sem uma separação do que é humano e não-humano. Kopenawa entende que a montanha ao lado de sua casa tem vida, assim como o rio onde pescam. Os animais possuem um simbolismo importante, por serem seus ancestrais que se transformaram ao longo do tempo e, ao estarem nas imagens dos *xapiri*, demonstram possuir poder de cura e proteção. Vê-se como a natureza se mescla com as sabedorias, com o modo de ver o mundo e de como entender o passado e o futuro.

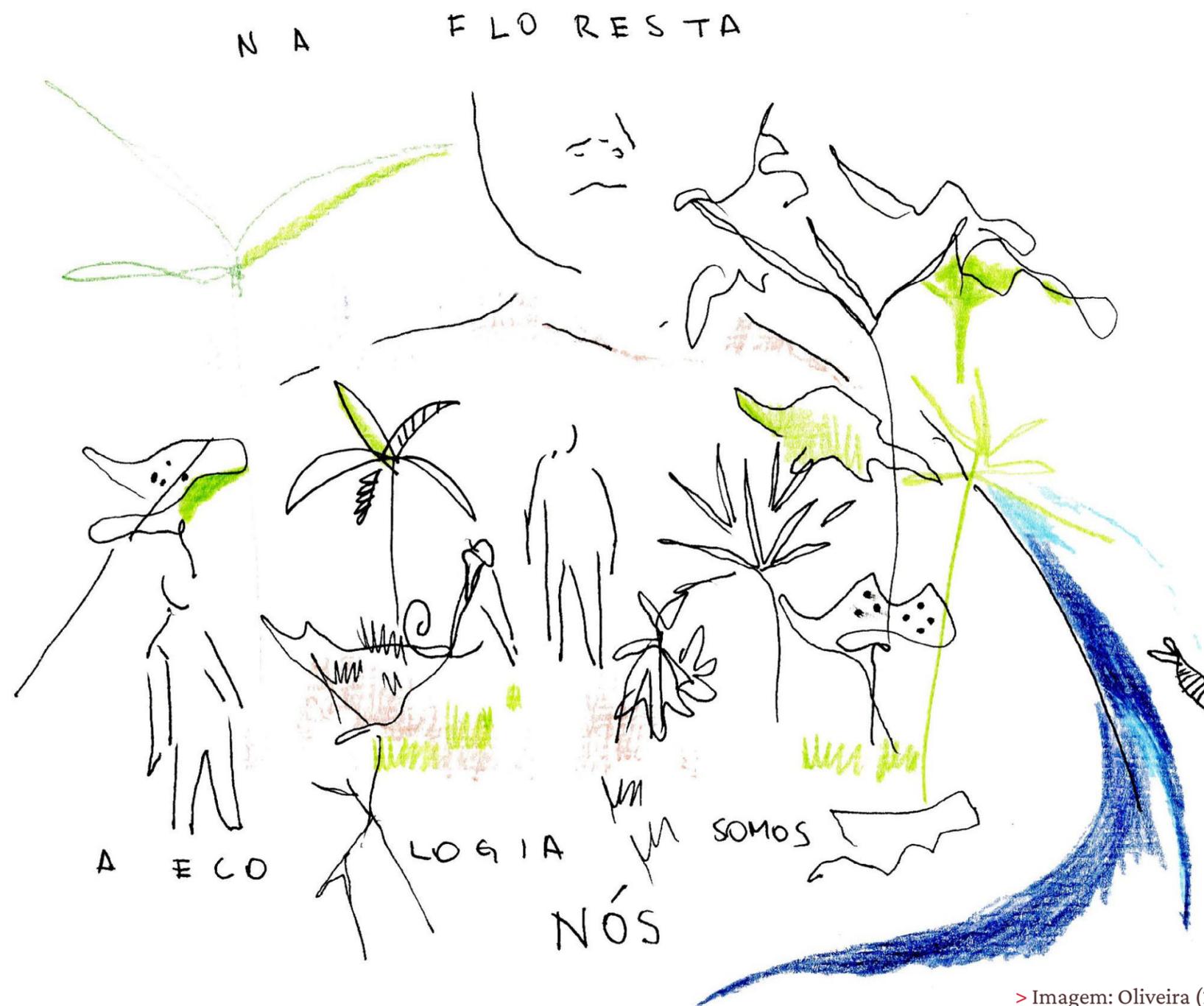
A ideia da terra-floresta que une todos os seres aparece em contraposição à de meio-ambiente, como Kopenawa critica. Para ele, meio ambiente induz uma divisão, uma quebra da floresta em pedaços “É o que resta de tudo o que eles destruíram até agora. Não gosto dessa palavra meio. A terra não deve ser cortada pelo meio” (ALBERT; KOPENAWA, 2015, p. 484). Para sua preservação, deve-se pensar em todo o organismo *terra-floresta* ao invés de preservar pequenos remanescentes de mata nativa: “prefiro que os brancos falem de natureza ou de ecologia inteira. Se defendermos a floresta por inteiro, ela continuará viva” (ALBERT; KOPENAWA, 2015, p. 485).

7. Os *xapiri* se traduzem em português como os “espíritos”.

> Imagem: Oliveira (2021) com base em (ALBERT; KOPENAWA, 2015, p.214-215).

A palavra ecologia induz uma relação mais harmoniosa com a natureza: não é a ideia de meio ambiente, afastado da sociedade e fechado em Unidades de Conservação que impedem a ocupação humana. Pelo contrário, impõe uma convivência em que mantém todos os seres vivos, a vida na terra-floresta. Seguindo a cosmovisão Yanomami e nos saberes de Kopenawa, trata-se de *Omama*, o criador:

Omama tem sido, desde o primeiro tempo, o centro das palavras que os brancos chamam de ecologia. É verdade! Muito antes de essas palavras existirem entre eles e de começarem a repeti-las tantas vezes, já estavam em nós, embora não as chamássemos do mesmo jeito. (...) Na floresta, **a ecologia somos nós**, os humanos. Mas também, tanto quanto nós, os *xapiri*, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol! É tudo que veio à existência na floresta, longe dos brancos; tudo o que ainda não tem cerca (ALBERT; KOPENAWA, 2015, p. 479–480 grifo nosso).



> Imagem: Oliveira (2021) com base em (ALBERT; KOPENAWA, 2015, p.479-480).

1.3. A floresta cultivada



A imagem da *floresta plantada* ou *floresta cultivada*⁸ foi central no desenvolvimento desse trabalho, permeando-o como um todo. Contrária à ideia de natureza intocada, desmistifica a concepção de que a separação do homem com a natureza é essencial para a sua preservação. A imagem que temos de natureza pura é idealizada e irreal. Cada vez mais entende-se a importância da ocupação humana para seu desenvolvimento e a geração de sua biodiversidade.

Estudos sobre a composição vegetal da floresta amazônica revelaram que ela se configura como uma floresta humanizada e antropizada. Mais de um terço das espécies hiper abundantes⁹ encontradas na Amazônia são espécies domesticadas. Esse fato indica que a floresta foi construída pelos povos que ali habitaram e alteraram sua composição em “um processo gradual e cumulativo, cuja evolução acompanha as transformações na história ameríndia” (FURQUIM, 2021, p. 126). Pode-se dizer que certas populações humanas coevoluíram com as matas tropicais da América e contribuíram para a diversidade biológica delas. Áreas da floresta destacadas pela sua maior biodiversidade coincidem com locais que foram habitados consecutivamente por vários povos ao longo da história (FURQUIM, 2021).

Através do ato de colher e consumir alimentos da floresta, os humanos plantam e são responsáveis pela dispersão de certas

> Imagem: Oliveira (2021)

8. Conceito que foi sendo construído neste trabalho a partir de Oliveira (2016), Furquim (2021) e Emperaire (2021) de que “a floresta é um grande cultivo” (OLIVEIRA, 2016, p. 124).

9. Praticamente metade dos indivíduos vegetais encontrados na floresta amazônica correspondem a espécies hiper abundantes, ainda que elas correspondam a apenas 1,4% da diversidade de espécies existentes no bioma (FURQUIM, 2021).

espécies¹⁰, assim como as aves são responsáveis pela de outras. No caso da agricultura, observou-se algo semelhante. As roças, que poderiam ser pensadas como interventoras nas matas nativas, na verdade compõe o ciclo de vida da floresta, contribuindo também para o aumento da variabilidade de espécies.

O ciclo natural da agricultura ameríndia alterna entre *aldeia, roça, capoeira e floresta*. As roças são mantidas por aproximadamente três anos – tempo de cultivo até que seja necessário o descanso da terra – e então são abandonadas. Por conseguinte, começa o período de retomada da floresta, a capoeira, em que as primeiras espécies começam a ocupar essa clareira. Espécies como embaúba, por exemplo, são sinais dessa primeira retomada da floresta, têm o crescimento rápido e se beneficiam com as clareiras abertas. Em alguns anos terá a floresta recomposta: plantas de sombra nascem por baixo das primeiras, ocupando áreas sub arbóreas; e as árvores sólidas, de crescimento lento alcançam altura entre as existentes para encontrar luz. A não ser pela análise minuciosa das espécies botânicas, à primeira vista, uma capoeira em estágio avançado se confunde com a floresta no entorno (OLIVEIRA, 2016).

Esse processo natural vai renovando e fortalecendo certas espécies vegetais. Além disso, as roças indígenas contêm uma enorme variedade de cultivos: são colecionadas variedades de manivas¹¹, batata-doce, milho etc. (EMPERAIRE, 2021). Essa diversidade é

importante para a continuidade da espécie que fica menos suscetível a pragas e doenças, além de contribuir para a segurança alimentar da aldeia.

O abacaxi, por exemplo, é uma espécie vegetal que se acredita ser proveniente originalmente da região que é hoje o Paraguai. No entanto, esse cultivo se espalhou por toda América do Sul com o deslocamento dos Guarani pelo território e pelas trocas de alimentos feitas entre os diversos povos (CRESTANI et al., 2010). Essas trocas configuram uma rede entre povos e sementes que persiste até hoje, garantindo a variabilidade de espécies e resistindo ao sistema monocultor. A imagem a seguir retrata o deslocamento dos Guarani através do continente sul-americano. Nesse trajeto, que será abordado novamente adiante, foram carregando consigo suas sementes e, assim, plantando a floresta.

Atualmente, os povos indígenas do Brasil têm pouca facilidade de se movimentar pelo território como era feito anteriormente. As terras demarcadas não são muitas e acabam por induzir uma sedentarização. Contudo, essa movimentação era importante, e ainda é, para configurar as redes de trocas, pela alternância dos espaços de roça e para o mantimento da própria floresta que, de certa forma, se sustenta pelo ato de caminhar.

Como disse Krenak, continuamos vivendo no *organismo*

10. Exemplo: açaí é a espécie mais abundante da floresta amazônica (FURQUIM, 2021)

11. As manivas correspondem a parte visível da planta da mandioca, que possuem um carácter estético para decoração das roças (e por isso a coleção, ao enfeitar a roça com diversas variedades, tem-se a diversidade) enquanto a mandioca, que seria a parte do tubérculo, teria o valor alimentar (EMPERAIRE, 2021).

Terra (KRENAK, 2020), ou na *terra-floresta* Yanomami (ALBERT; KOPENAWA, 2015). Fica evidente a necessidade de outra relação com a natureza dentro do pensamento ocidental para se aproximar desse organismo. É importante entender como fazer parte para compor com a natureza e com as florestas, que vivem da nossa biodiversidade.

A intervenção a ser proposta para a Cidade Universitária tem o intuito de instigar uma relação mais próxima com a natureza, e criar redes de trocas com o natural que pouco existem na cidade de São Paulo. Como será apresentado adiante, pensa-se um campus onde se possa plantar e colher, conhecer a água e o sol. Onde a relação com a natureza seja também uma forma de aprendizado e de memória de vários povos. Propõe-se essa sensibilização com a paisagem, para que ela possa entrar no dia a dia de quem frequenta a USP, trazendo a memória indígena viva à paisagem junto com seus saberes.



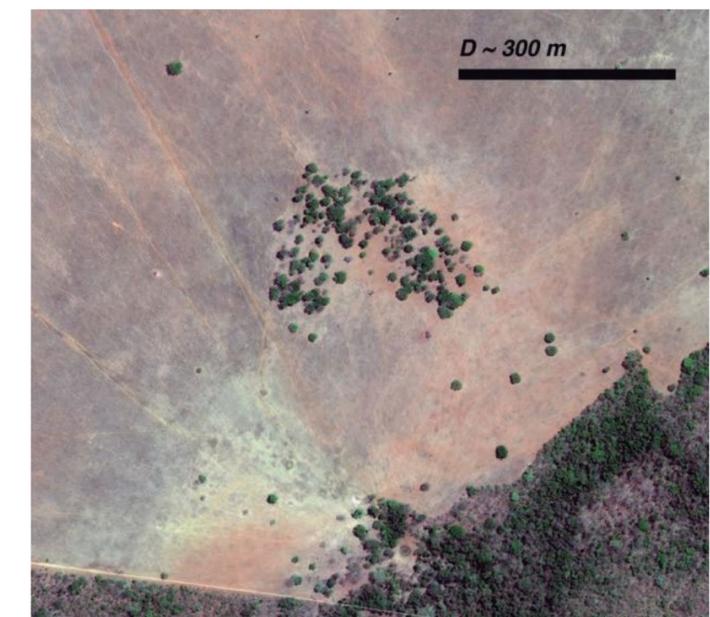
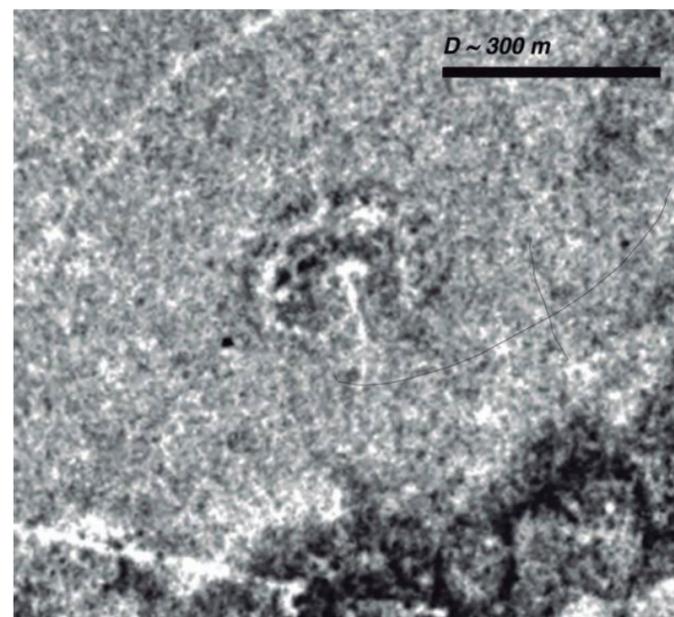
> Deslocamento Guarani pelo território e o cultivo da floresta. Oliveira (2021) com base em Popygua (2016).

1.4. Territorialidade e pertencimento

A relação dos povos com as florestas faz-se entender pelo próprio vínculo estabelecido com a terra, de pertencimento e até de existência. O território que se habita não pode ser qualquer um. Culturalmente criou-se uma relação com a natureza existente ali, que induz um modo de vida. No momento em que se perde seu território tradicional, esvai-se a cultura, o modo de vida e a vitalidade.

A conexão com a terra pode ser bastante profunda. O próprio fato de evoluir em conjunto com um bioma, em que uma agricultura tradicional alimenta não só humanos, mas a própria floresta, já evidencia essa correlação. Além disso, a espiritualidade está alicerçada na terra. Foi nela que nasceram e morreram seus antepassados; nela estão lugares sagrados, rios, montanhas, picos. É a fonte de muita sabedoria, adquirida na vivência e ao longo do tempo. Se saírem dali, se não mais puderem escutar as histórias sobre aquele rio ou vale, será uma perda cultural irreparável.

Paulo Tavares, em seu trabalho intitulado *Memórias da Terra*, consegue mostrar por meio de fotos essa relação forte dos povos com suas terras e da natureza com seus habitantes. Em seus registros, ele evidencia como a ocupação indígena de algumas áreas influencia a fertilidade e como isso fica registrado na terra, por meio da biodiversidade gerada (TAVARES, 2020). Terras originalmente



> Fotos: Tavares (2020)

do povo Xavante, expulso pelos interesses do agronegócio, contêm ainda vestígios dessa ocupação no território: no meio da imensidão de monocultura da soja, têm-se polos florestais repletos de árvores frutíferas que coincidem exatamente com a localização das antigas aldeias. É a resistência indígena gravada na terra. Este trabalho foi utilizado na tentativa de demarcar a posse Xavante dessas terras, ao mostrar que a própria terra tem a memória dos antigos povos que ali habitavam, e revela isso no meio de um cultivo – o da soja – que pelo contrário, é devastador de sua fertilidade.

Para os Guarani, por exemplo, a presença de palmeiras *pindovy* (jerivás) em grupo no meio da mata são indícios que aquele espaço foi ocupado por seus parentes no passado (OLIVEIRA, 2009). A palmeira *pindovy* tem valor simbólico na cultura Guarani, por isso são bastante cultivadas, gerando marcos na floresta que perduram para além do tempo de ocupação da aldeia.

CAPÍTULO 2. São Paulo território Guarani

2.1 História do povo Guarani e movimentações



Após a introdução ao conceito de paisagem e às cosmovisões indígenas brasileiras no geral, faz-se uma aproximação à história e à cosmologia Guarani, enfatizando o vínculo desse povo com a cidade de São Paulo e com a Cidade Universitária. A memória Guarani está inscrita neste território e sua presença se faz notar nas aldeias que resistem no presente.

A paisagem natural de São Paulo é essencialmente Guarani. Historicamente, essa região foi ocupada por esse povo muito antes da colonização. Hoje, permanecem resistindo em algumas poucas terras indígenas que sobraram, procurando manter viva sua cultura e mantendo a paisagem. O termo Guarani é um termo unificador de muitos povos, histórias, sabedorias e vivências:

Guarani é uma designação que não dá conta da multiplicidade de coletivos e seus muitos caminhos e transformações, compondo redes em que figuram muitos nomes, como Mbya, Ava, Nhandeva, Xiripa, Tupi, Tupi Guarani, Kaiowa, Pai Tavyterã, entre outros. Tais denominações trazem consigo singularidades nas histórias, línguas e conhecimentos dessas populações, ao mesmo tempo que indicam conexões entre elas que podem ser reconhecidas em diferentes tempos e espaços, desde antes da chegada dos europeus às conjunturas atuais, em um vasto território que os não indígenas recortaram em países como Paraguai, Argentina, Uruguai, Bolívia e Brasil (ORG. GALLOIS; MACEDO, 2018, p. 9).

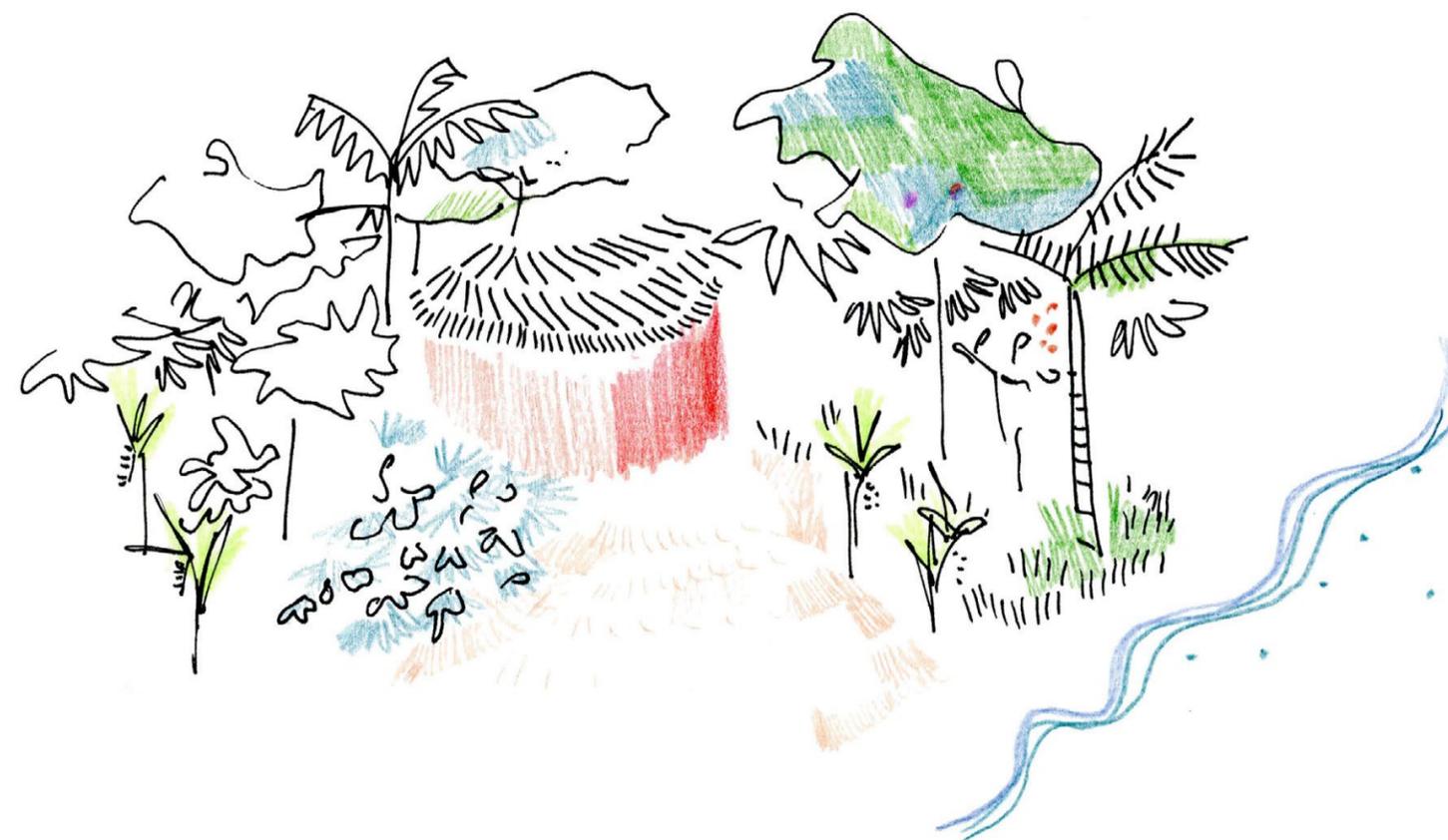
> A criação do mundo Guarani. *Nherumi mirim*, a primeira árvore que dará origem à floresta, o tatu, primeiro animal a ocupar as matas e o pássaro primitivo.

Oliveira (2021) com base em Popygua (2016).

Advindos da região sul da Amazônia, onde se originou o tronco linguístico Tupi e a família linguística Tupi-Guarani, os Guarani se deslocaram para o sul, estabelecendo-se nas bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai. Já os Tupinambá se movimentaram em direção ao litoral norte e nordeste do que é hoje o Brasil (CICCARONE, 2011). Esses rios, morada deste povo por milhares de anos, são importantes tanto na sua história como para a cosmologia. Na criação do mundo Guarani, *yamã*, o girino, é o criador e protetor das seis nascentes principais que, saindo do centro da terra, afloraram em seis rios, sendo três deles o Paraná, Uruguai e Iguaçu, que dariam origem a todos os outros cursos d'água (POPYGUA, 2016).

Especialmente os Mbya, ou “Nhande’i va’e kuery”, que habitam a região de São Paulo hoje, saíram dessa região e foram ocupando as terras ao leste, em uma caminhada em direção ao sol nascente que atingiu as margens do oceano atlântico. Ali, muitos grupos se estabeleceram, região sagrada revelada por *Nhanderu* que, nas palavras de Popygua (2016) teria guiado seus antepassados a chegarem em *Para guaxu rembe*, à margem do grande mar, pois ali “era *Yvy porã*, Terra boa e aconchegante (POPYGUA, 2016, p. 46).” Um lugar ideal para viverem o *Nhandereko*, modo de vida Guarani.

Ao contar sobre o deslocamento de seus antepassados, Popygua (2016) narra as paisagens que foram cercando-os, como as florestas de araucárias, da região sul, lugares de campos abertos,



“*Para guaxu rembe* também é de muita inspiração para nos fortalecermos espiritualmente, para formar *tekoa*, onde acontece nosso modo de vida, para viver o *Nhandereko*, nosso modo de ser, para ter *yvy poty aguyje*, agricultura e plantio com abundância, e para *oupyty aguã Nhanderu arandu*, para alcançar a sabedoria divina, a morada dos *Nhanderu*” (POPYGUA, 2016, p. 46).

> Oliveira (2021) com base em Popygua (2016).



"Nhanderu indicava os lugares onde deveriam parar e cultivar as sementes e os frutos trazidos para se reproduzirem em todos os cantos Yvyrupa, a Terra criada por ele." (POPYGUÁ, 2016, p. 44)

matas; cenários que foram compondo um imaginário simbólico e uma sabedoria sobre esses ecossistemas que perdura para além das gerações. Além disso, levavam por todo o trajeto suas sementes originárias e cultivavam suas variedades de plantas e frutos. Iam plantando e enriquecendo a paisagem que os envolvia, a *Yvyrupa*, território tradicional Guarani, e a Mata Atlântica, visto que o amplo território Guarani, especialmente dos Guarani-Mbya, condiz com os domínios da Mata Atlântica (OLIVEIRA, 2009).

Se, por um lado, os povos da Amazonia contribuíram para a formação das florestas dali, por outro, no Sul e Sudeste, os Guarani coevoluiram com a Mata Atlântica através das inter-relações estabelecidas e pelos deslocamentos constantes. O vínculo com o bioma está na utilização das plantas na alimentação e no manejo de sistemas de agricultura que permeiam essas florestas, e na própria cosmovisão: é reconhecida uma quantidade enorme de plantas medicinais e plantas com valor espiritual usadas em rituais. Além disso, estão presentes nas narrativas sobre a criação do mundo e na filosofia que permeia o modo de vida na *Yvyrupa*.

Sendo assim, a movimentação pelo território estava ligada ao próprio modo de vida e a forma de se estabelecer no ambiente. O povo Guarani, assim como muitos povos ameríndios, se apoia em um modelo de agricultura itinerante (CICCARONE, 2011), ou seja, deslocar-se é ideal para garantir a produção de alimentos e a

> Oliveira (2021) com base em Popygua (2016).

regeneração natural da terra. Além disso, haveria diversos outros motivos que poderiam acarretar uma mudança de região, motivos sociais e políticos de conflitos com outros povos ou até mesmo religioso¹². É possível que seja uma soma de todos esses fatores que motivava o deslocamento e, muitas vezes, o que guiava os caminhos a serem seguidos eram visões oníricas dos *Xeramõi*¹³.

No entanto, o advento da colonização da América pelos europeus mudou substancialmente a forma que os povos se configuravam no território, acelerando um processo de migração interna. O povo Guarani, por se localizar no litoral atlântico, foi um dos mais afetados por esse processo desde seu início. Eram tanto capturados e levados para as missões jesuíticas para serem catequizados, quanto para exercer trabalhos forçados. Além disso, as epidemias e guerras geradas pela invasão colonial impactaram drasticamente na demografia das populações indígenas da época.

Esses fatos ocasionaram a dispersão dos grupos pelo território e fugas em busca de terras protegidas. Parte dos Guarani que estavam no litoral migraram para dentro do continente, na direção oeste, onde os bandeirantes e jesuítas não chegavam. Outros permaneceram na região litorânea, nas proximidades da Serra do Mar, dado que a vegetação densa e as condições geográficas eram favoráveis à invisibilidade diante dos invasores (CICCARONE, 2011).

A história dos 500 anos seguintes foi semelhante. Os povos indígenas continuaram a ser expulsos de seus territórios e a ter que se deslocar a procura de regiões em que pudessem viver seu modo de vida. As poucas aldeias restantes ficaram espalhadas, perdendo as conexões antigas entre si. Entretanto, há um esforço por parte dos Guarani em seguir caminhando, ocupando e renovando, especialmente os domínios da Mata Atlântica, de forma a manter viva a *Yvyrupa* e a própria cultura Guarani-Mbya (LADEIRA; TUPÃ, 2014; POPYGUÁ, 2016). É uma maneira de afirmar que toda essa parcela do território brasileiro pertence originalmente aos Guarani, uma vez que o “conceito indígena de território (...) ultrapassa os limites físicos das aldeias e está associado à noção de mundo (CICCARONE, 2011, p. 146).”

Conjuntamente, há a retomada, pelos Guarani, dos territórios de seus antepassados, que através de imagens de sonhos visualizam as terras ao litoral de onde foram expulsos e os locais onde viveram seus grandes pajés (LADEIRA; TUPÃ, 2014). Como coloca Oliveira (2009), “permanecem fiéis ao seu território, ocupando os espaços criados e deixados por **Nhanderu** (Nosso Pai – Deus) para que vivam, reconhecendo os **amba**, locais de referência histórica e mitológica dentro do território tradicional (OLIVEIRA, 2009, p. 18 grifo do autor)”.

Dessa maneira, proteger a Mata Atlântica é essencial para

12. Na cosmovisão Guarani há um lugar importante pela busca da chamada Terra sem Males, *Yvy Marãey*, conceito profundamente espiritual para os Guarani, que representa tanto o lugar da eternidade, como uma busca pelas condições originárias que poderia ser motivo para os deslocamentos. Hoje em dia essa filosofia segue sendo guia para algumas movimentações, uma vez que “A continuidade da busca das condições para alcançar *yvy marãey* significa, talvez, o desejo de perpetuar o próprio ideal de transcender este mundo e alcançar o lugar onde tudo se originou, e, portanto, a eternidade em condição humana e, assim, a conservação do modo de ser Guarani (LADEIRA, 2015, p. 127).”

13. Avôs, anciões.

cultura e para a manutenção do *Nhandereko*. Isso acaba sendo um problema para muitas *tekoa*¹⁴ que possuem poucos recursos florestais disponíveis, implicando em uma mudança no modo de vida e no manejo da agricultura que, pela falta de espaço não pode ser feita à maneira tradicional com os momentos de pousio.

Assim, a paisagem natural da cidade de São Paulo, por se localizar nos domínios da Mata Atlântica, é Guarani. Mas não só, todo o território é Guarani, inclusive a cidade que foi fundada com a expulsão e opressão indígena. Atualmente temos duas terras indígenas dentro do município, que seguem resistindo há mais de 500 anos ao lado da maior metrópole da América Latina que serão tratadas a seguir.



> Imagem das nascentes criadas por *yamã*.

Oliveira (2021) com base em Popygua (2016).

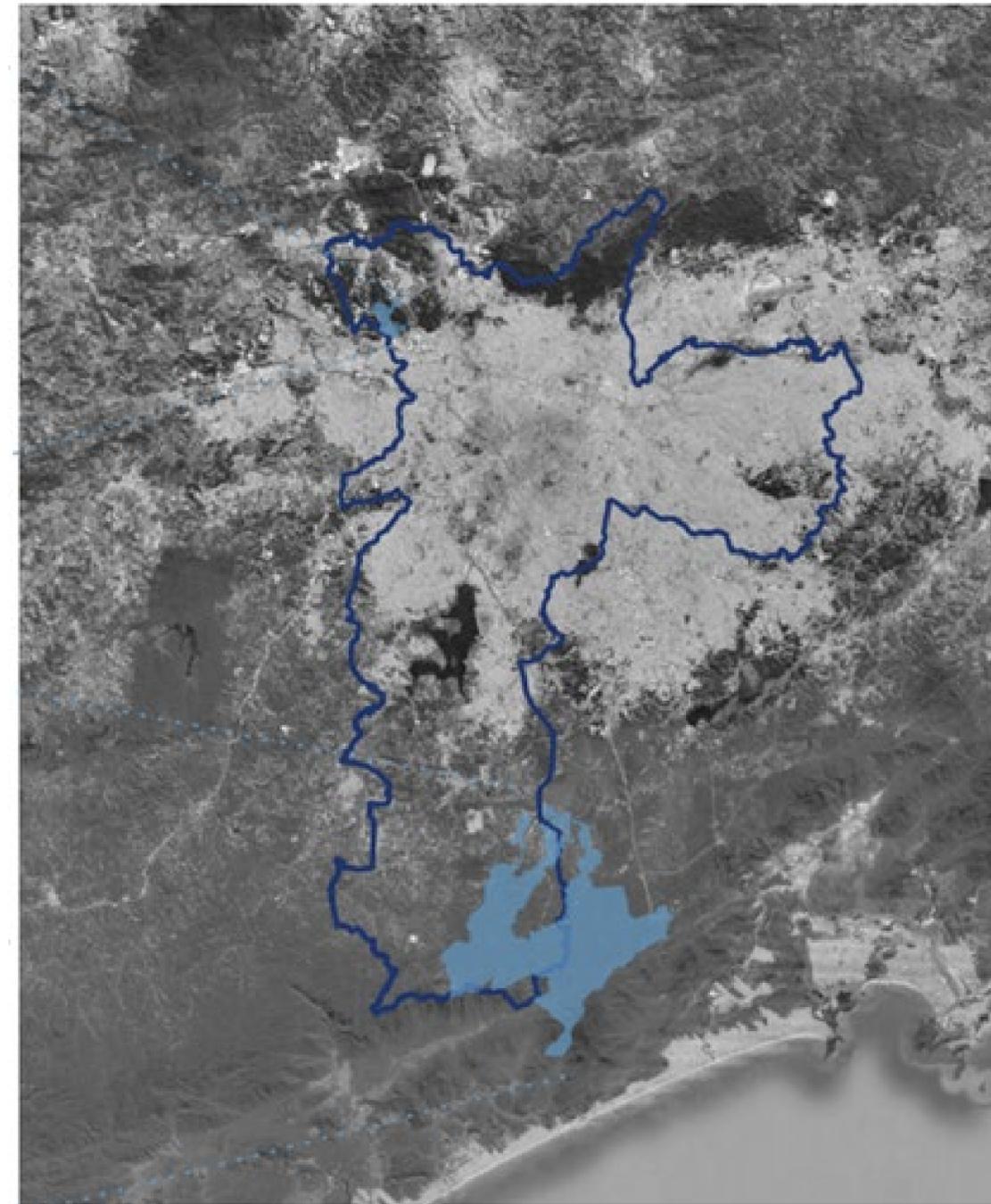
14. Espaço de morada, aldeia, onde ocorre o modo de vida Guarani.

2.2. Cinturão Verde Guarani e a retomada da agricultura tradicional

Das duas terras indígenas em São Paulo, temos a Terra Indígena (TI) Jaraguá, na região noroeste e a Terra Indígena Tenondé Porã, na zona sul. Ambas foram demarcadas após anos de luta dos Guarani em ter seu território reconhecido, que se intensificou em 2013, quando eles tomaram as rodovias e o monumento às bandeiras.

A TI Jaraguá, com 532 hectares declarados e 583 habitantes (dado de 2013), abrigava inicialmente, desde os anos 1950 duas *tekoa*: Pyau e Ytu e hoje já conta com seis no total. A terra, que já conta com um espaço limitado para que se possa estabelecer um modo de vida adequado - possui pouco espaço para plantar e um acesso restrito à mata - continua sofrendo pressões externas imobiliárias para ser ainda mais reduzida. Além disso, 46% do território se encontra dentro do Parque Estadual do Jaraguá, que não admite a permanência em seu interior (PEROSA, 2020). Portanto, trata-se de uma área de Mata Atlântica muito rica e essencial para o modo de vida Guarani, para perpetuar os conhecimentos para as próximas gerações, mas que não pode ser plenamente usufruída.

A segunda, a Terra Indígena Tenondé Porã, abriga sete aldeias, somando uma população de 1175 pessoas (dado de 2015) em uma área de 16 mil hectares declarados¹⁵, porém ainda não totalmente homologados¹⁶. Nessa terra, devido à sua extensão e localização

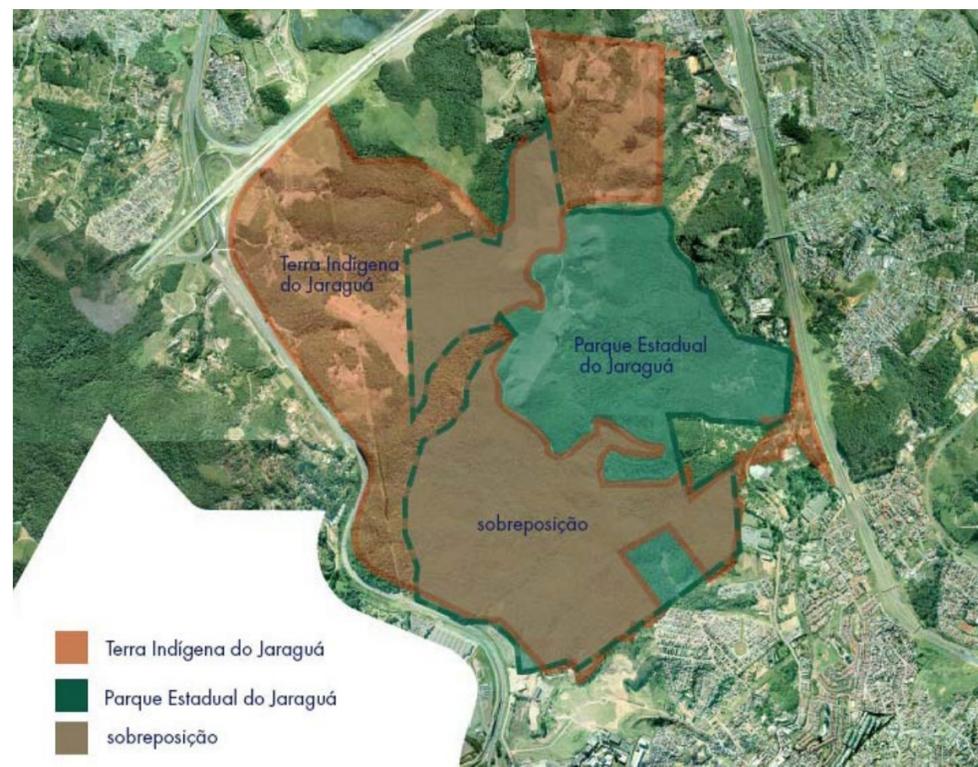
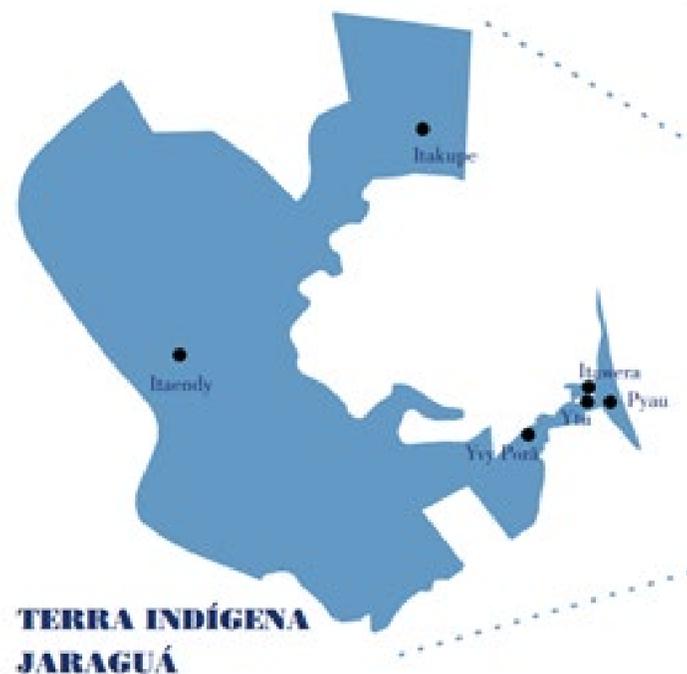


> Imagem: Em azul escuro os limites do município de São Paulo e em azul claro as duas terras indígenas do Município: TI Jaraguá acima e TI Tenondé Porã abaixo.

Fonte: Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e Programa Aldeias

15. Parte dessa terra está nos seguintes municípios: Mongaguá, São Bernardo dos Campos e São Vicente.

16. Dados retirados do site Terras Indígenas do Brasil do Instituto Socioambiental (ISA).



na zona rural do município, os moradores possuem maior liberdade para exercer o *Nhandereko*. Com o reconhecimento da TI pela FUNAI em 2012 e posteriormente a demarcação oficial em 2016 pelo governo federal, após muita pressão dos povos indígenas, sete *tekoa*, além das duas iniciais (Tenondé-Porã e Krukuru) se espalharam pelo território, ocupando áreas degradadas pelo plantio sucessivo de eucaliptos em sistema de monocultura (GUARANI, 2020).

Nessas *tekoa* está sendo feito um importante trabalho de recuperação da fertilidade do solo e da proteção das nascentes. Por meio do cultivo de plantas nativas, o solo está agora enriquecido e o território está voltando a abrigar a Mata Atlântica. Em conjunto, há um processo de retomada da agricultura tradicional e das sementes Guarani.

O cultivo das sementes tradicionais tem relevância na segurança nutricional da aldeia, uma vez que permite a autonomia da população pelo consumo de alimentos saudáveis, que resgatam a cultura e alimentam o corpo e o espírito. Como foi abordado anteriormente, sobre o vínculo dos povos com as florestas, há muito aprendizado e conhecimento ancestral vinculado ao ato de plantar e cultivar. Além disso, a manutenção da variedade de cultivos: milho vermelho, roxo, mesclado, 50 variedades de batata-doce¹⁷, são uma forma de resistência contra o movimento atual do agro-

> Imagem:

Fonte: CTI/Programa Aldeias

> Imagem:

Fonte: Geosampa. Elaboração Oliveira (2021)

¹⁷ Como conta Jerá Guarani (2020), em poucos anos já conseguiram recuperar 7 variedades de milho e 50 de batata-doce.



negócio que visa controlar as sementes disponíveis. O agronegócio vem substituindo progressivamente as sementes originais por transgênicas que necessitam de agrotóxicos. Deter o poder e a sabedoria das sementes é fundamental para a soberania alimentar e para a saúde dos indivíduos. Cada vez menos encontra-se sementes originais disponíveis, essa retomada só foi possível pela troca de sementes feita em feiras de encontros de produtores orgânicos e entre aldeias pelo Brasil.

Tendo em vista a resistência das terras indígenas na cidade de São Paulo, tramita na câmara municipal um projeto de lei (PL 181 de 2016) apelidado como Cinturão Verde Guarani, que pretende reconhecer e fortalecer a cultura Guarani-Mbya e seus territórios.

O projeto de lei, se aprovado, fortalecerá as atividades que são realizadas hoje em dia com apoio do Programa Aldeias (programa municipal de apoio às terras indígenas). Apesar do projeto de lei não traçar um cinturão por completo - ele incide apenas sobre áreas indígenas já demarcadas - o nome Cinturão Verde Guarani evoca a potencialidade de articular os territórios restantes com o modo de vida Guarani. Estimula-se a recuperação da Mata Atlântica nas áreas rurais do município e um plantio agrícola sustentável que, por meio de um sistema agroflorestal poderia plantar a variedade de cultivos Guarani. Para garantir a permanência das sementes é necessário que seu uso se propague para outras terras. A agricul-

> Imagem:

Fonte: CTI/Programa Aldeias

tura também funciona como um organismo; cultivos vizinhos estão ligados entre si e interferem uns aos outros. Sendo assim, é necessário entender a importância da retomada da agricultura e do uso das sementes originais para todo o modelo de agricultura utilizado no Brasil, e pensar como modificá-lo.

Levando para um lado mais sonhador, o Cinturão Verde Guarani, ao afirmar a cultura Guarani e sua maneira de se estabelecer no território, pode ir cercando e entrando na área urbana da cidade, transformando-a. Afinal, o que as Terras Indígenas ao redor de São Paulo vêm fazendo nas últimas décadas é afirmar que existe outro modo de vida e que uma outra cidade é possível.

...os Guaranis, é importante dizer, não só resistem nessas bordas da cidade como eles tão realmente propondo uma forma de coexistência entre essa resistência – resistir a não morrer, a não ser exterminado, como durante há cinco séculos se tentou fazer, mas também ter uma rebeldia de mostrar que existe outro modo de viver, de experimentar uma outra forma de vida, uma outra forma de relação e de produção de habitações coletivas humanas.... construir territórios juntos, coletivamente (CINTURÃO VERDE GUARANI - QUINTAS AMERÍNDIAS, 2020, 41:00).

Capítulo 3. Um outro olhar para a Cidade Universitária: contextualização do projeto

Partindo da análise sobre a cidade de São Paulo como território Guarani, entra-se na Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira (CUASO), onde se estabelece o desenho do projeto. A CUASO representa um lugar ímpar em São Paulo sendo um dos maiores espaços verdes da cidade. Além de seu potencial paisagístico a ser explorado, se trata de um ambiente simbólico para a descolonização dos saberes e a introdução de pensamentos indígenas no âmbito acadêmico. Em 2017, realizou-se a construção da Casa de Culturas Indígenas dentro do campus, que simbolizou um processo de reafirmação e ocupação indígena na universidade.

3.1 Espaço verde e território Guarani

A Cidade Universitária possui um espaço verde significativo para a cidade de São Paulo. Sendo raros os espaços livres da cidade, o campus se destaca na trama da cidade por possuir cerca de 262 hectares de áreas livres¹⁸, grande parte ajardinada. Configura-se assim um espaço com grande potencial paisagístico, contudo pouco explorado. Este espaço, que poderia somar com os outros parques da cidade como mais um espaço de lazer para a população, se mantém relativamente restrito ao acesso da população em geral, sendo exclusivo à comunidade USP.

Além da importância das áreas verdes, o campus abriga remanescentes da vegetação nativa da cidade de São Paulo, protegidas



> Foto do Google Earth. Elaboração Oliveira (2021).

18. Dado de Delitti, Pivello (2017). Áreas livres: toda a área não edificada do campus, que seria cerca de 70% da área total.

hoje pelo Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica (PMMA) e pela universidade com a criação das reservas ecológicas. O PMMA se constitui como um plano, ligado a Lei da Mata Atlântica (11.428 - 2006), e ao Plano Diretor Estratégico do Município que, por meio do mapeamento dos remanescentes existentes, visa a recuperação da vegetação nativa.

Essas áreas de reserva, mesmo que sejam pequenas comparadas à dimensão da cidade, cumprem um papel fundamental para a manutenção da flora e fauna local. Além disso, são espaços muito caros à população geral, que no cotidiano praticamente não possui acesso a essa vegetação; sendo assim, há um potencial paisagístico a ser explorado nesses espaços para que as pessoas possam vivê-los e usufruí-los.

Acredita-se que os próprios usuários do campus, membros da Comunidade USP, pouco aproveitam esse potencial. Parte das reservas possui acesso restrito. No dia a dia, as pessoas cruzam o campus com outras finalidades e com um tempo breve para a contemplação e o apreço à paisagem. O fato de estar ali, vivendo o ambiente, afeta os usuários sem que necessariamente tenham consciência disso, mas isso não é estimulado. Dessa forma, o presente projeto se propõe a atrair esse outro olhar à paisagem. Procura interferir em caminhos feitos pelo campus, que vão de um ponto ao outro, para que os trajetos possam ser desviados,



> Localização das Reservas e Remanescentes de Mata Atlântica na CUASO.

Foto do Google Earth. Fonte: Delitti e Pivello (2017) e Geosampa. Elaboração Oliveira (2021).

levando o espectador a conhecer algo novo a aguçar a sua curiosidade ao que pode ter ali. Trata-se da possibilidade de ter uma rota de passeio pelo campus, inclusive para quem é de fora da universidade poder usufruir desse espaço em horas de lazer e descanso.

A vegetação natural da região da cidade de São Paulo, e especificamente da CUASO se caracterizava, antes da expansão da mancha urbana e da colonização, com trechos de vegetação típica de várzea, trechos de floresta de Mata Atlântica e de campos de Cerrado. Hoje, com a retificação do Rio Pinheiros, a vegetação de várzea foi completamente extinta. As reservas ecológicas do campus correspondem à trechos remanescentes de Mata Atlântica e um raro trecho de Cerrado (DELITTI, PIVELLO, 2017). Nas áreas de reserva há um cuidado na manutenção dessa vegetação e manejo de espécies consideradas exóticas invasoras, visto que não são áreas de mata primária e sim áreas que sofreram diversas alterações com o tempo¹⁹. Além disso, há uma preocupação em expandir essas reservas para os jardins do campus, criando corredores ecológicos importantes para a fauna e ir substituindo aos poucos a vegetação paisagística, que é composta em grande parte por exóticas.

Dessa forma, a presente proposta também procura relacionar esses biomas com os demais espaços do campus. A ideia é ter regiões de plantio de espécies do Cerrado, outras com plantas da

Mata Atlântica, selecionando espécies importantes para recuperação florestal e plantas simbólicas desses biomas que carregam espiritualidade para os povos indígenas. Há também a preocupação em introduzir espécies de várzea em locais de brejo, sendo um primeiro passo para a restauração desse ecossistema e das bordas dos rios.

¹⁹. A vegetação das reservas foi se modificando com o tempo e nisso recebeu alguns indivíduos de espécies invasoras que vieram de seu entorno. Um exemplo é a palmeira australiana (*Archontophoenix cunningghamiana*) que pela sua alta capacidade de se reproduzir acaba competindo com as espécies nativas levando à extinção de algumas (DELITTI, PIVELLO, 2017).

3.2. Espaço do saber: *Opy* e Praça das Culturas



Entre os anos de 2016 e 2017 realizou-se a construção Casa das Culturas Indígenas no campus da Cidade Universitária, que se tornou também uma *Opy*, uma Casa de Reza Guarani. Situada ao lado do Instituto de Psicologia, a obra foi liderada por um *Xeramõi* do Jaraguá em conjunto com a Rede Indígena da USP.

A Rede Indígena foi fundada pelo professor Danilo Silva Guimarães em 2012. Desde então vem dialogando com as comunidades indígenas ao redor de São Paulo e criando iniciativas colaborativas. Uma delas, foi a construção da Casa de Culturas Indígenas no campus, que trouxe a presença indígena para dentro da universidade:

Um espaço aberto à participação de todos os povos indígenas, visando a maior visibilidade da presença indígena em São Paulo. No diálogo vivo, concreto, a palavra dos outros nos transformou e transformou o espaço acadêmico, com a construção de uma casa indígena em pleno campus universitário (GUIMARÃES, 2020, p. 62).

Além disso, a casa se consolidou como um espaço espiritual e acolhedor para os estudantes indígenas que ali conseguiram se encontrar, se reconhecer e se fortalecer. A própria construção da casa já significou a realização de um sonho compartilhado entre professores, alunos e aldeias, em ter um espaço na USP, que além

> Oliveira (2021).

de ser importante por amparar os estudantes indígenas, se transformou em um símbolo de resistência e ocupação dentro do campus.

Com o passar do tempo e com a *Opy* recebendo atividades como curso de língua Guarani, os *Nhemboaty* – encontros semanais da Rede Indígena – e cantos e rezas dos alunos; esse sonho cresceu. Sonhou-se em criar uma praça ao redor da casa, espaço que já era ocupado nos encontros, mas que poderia ser transformado para abrigar o sonho de todos que ali conviviam. A primeira ideia nasceu realmente de um sonho de um morador da TI do Jaraguá, uma visão onírica que visualizou a Praça das Culturas. Após ser compartilhada, vários estudantes que frequentavam a *Opy* começaram a ter seus próprios sonhos sobre aquele lugar.

Buscou-se então concretizar essa praça, transformando-a em um projeto de extensão universitária, aprovado pela Pró-Reitoria da USP em 2021, no programa “Aprender na Comunidade”. O projeto conta com a interlocução entre demais unidades da USP, como a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) e com os estudantes que cuidam da casa no dia a dia. Para eles a praça é realmente um sonho vivo, pois já vem sendo ocupada e tendo várias atividades. Há diversas plantas no local, inclusive plantas sagradas. A ideia do projeto de extensão é que isso possa se expandir, abarcando outros sonhos; uma Praça das Culturas que possa representar todos os

povos brasileiros, para que, quando ingresse um aluno de qualquer povo indígena do Brasil, ele também possa ter a sensação de se sentir em casa ali.

É um sonho coletivo, de muitos que frequentam a *Opy*, de poder ter um espaço adequado para contemplar o fogo, um lugar para dançar e de poder plantar cada vez mais plantas indígenas, cuidando do espaço e alimentando os espíritos que o protegem.

Finalmente, por se inserir no espaço da universidade, que representa o aspecto mais científico e acadêmico da sociedade ocidental, a intervenção proposta neste trabalho tem o objetivo de expressar que é possível adquirir conhecimentos de outras formas – que é possível aprender com a natureza, com as vivências e pela ancestralidade e não apenas pelo modo tradicional escolar. Afirmar que existem outras maneiras de olhar o mundo, que incluem outros seres – não só o homem no centro – e consequentemente outras formas de conhecimento tão relevantes quanto a dominante. E assim, ressaltar que a cultura indígena continua viva dentro do Brasil e que ela deve estar também nos espaços universitários, assim como a universidade deve se abrir e descolonizar seus saberes, o que vem sendo feito na Casa de Culturas Indígenas. Dessa forma, o projeto visa a expandir o que está sendo cultivado na Praça das Culturas para outros espaços verdes do campus, levando sentido para essa paisagem.



> Praça das Culturas e *Opy*.
Oliveira (2021).

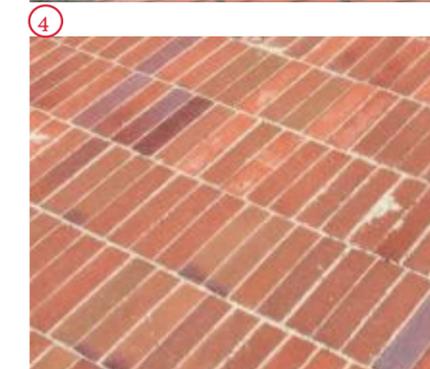
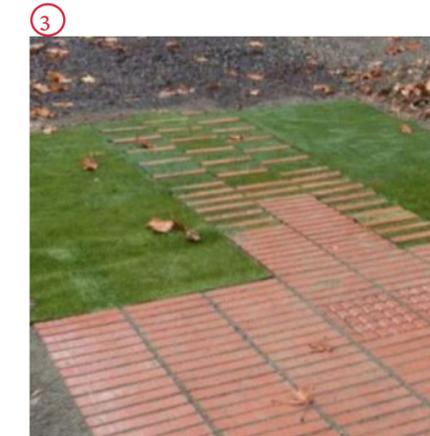
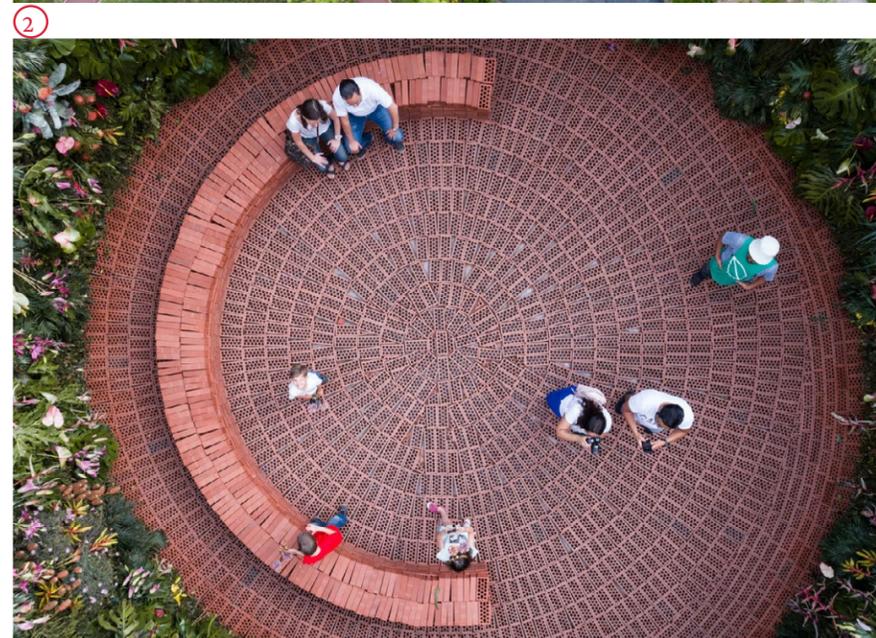
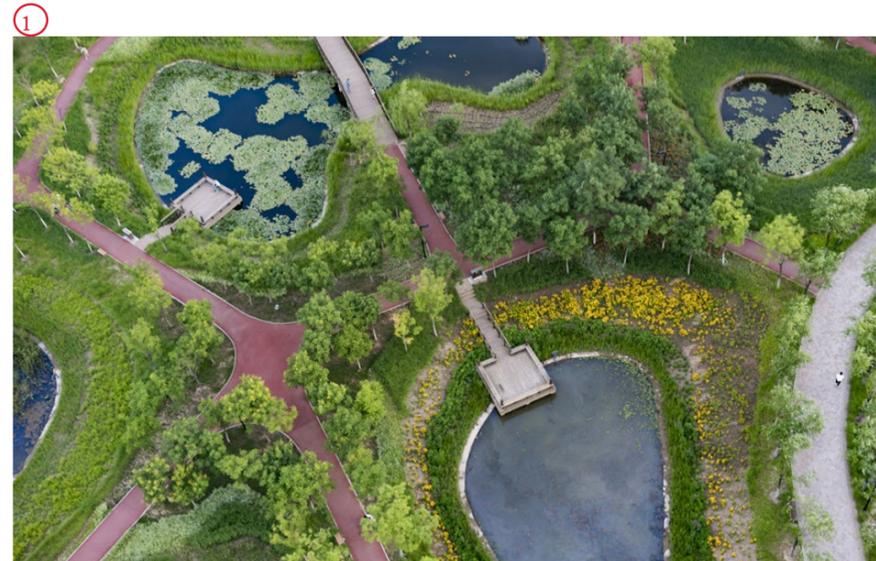
Capítulo 4. Sonhar a paisagem: Narrativas de projeto

4.1. Percurso

“Os caminhos traçados pelas humanos e outros tipos de gente indicam como movimentam-se pelos territórios, além de propiciarem a conexão, a comunicação e de marcarem experiências pessoais permeadas de memórias e de sentidos” (MATTA, 2016, p. 35).

O projeto, como já mencionado, propõe um caminho pela CUASO. Um percurso circular a ser feito a pé²⁰, que interliga pontos existentes e cruza trajetos cotidianos, instigando a desviar o sentido e seguir o percurso. Dessa forma, ele estaria demarcado no chão através de um piso que se destacaria ao lado dos existentes.

Pensou-se em utilizar blocos de tijolo ecológico²¹, para o trajeto geral, e decks de madeira em áreas de brejo e próximas à cursos d’água. Além disso, projetou-se alguns bancos, também de tijolo, em pontos específicos do circuito, para propiciar espaços de estar. As imagens ao lado serviram de inspiração para piso de tijolo e o banco vermelho que mesmo se destacando na paisagem permite a permeabilidade da vegetação. O bloco ecológico foi escolhido por apresentar a vantagem de ter um menor impacto no ambiente inserido, em comparação a outros pisos. Além de ser de fácil aplicação, pois não necessita argamassa, permite o respiro do solo. Os tijolos poderiam ser produzidos dentro da USP, no Canteiro Experimental da FAU que possui o maquinário para tal. A cor avermelhada do



> imagens de referência.

Fonte:

1. Turenscape.

2. Núcleo / Ana Nuño y Luis Young. Archdaily.

3, 4 e 5. Breimann & Bruun / Land+ Teglklinker.

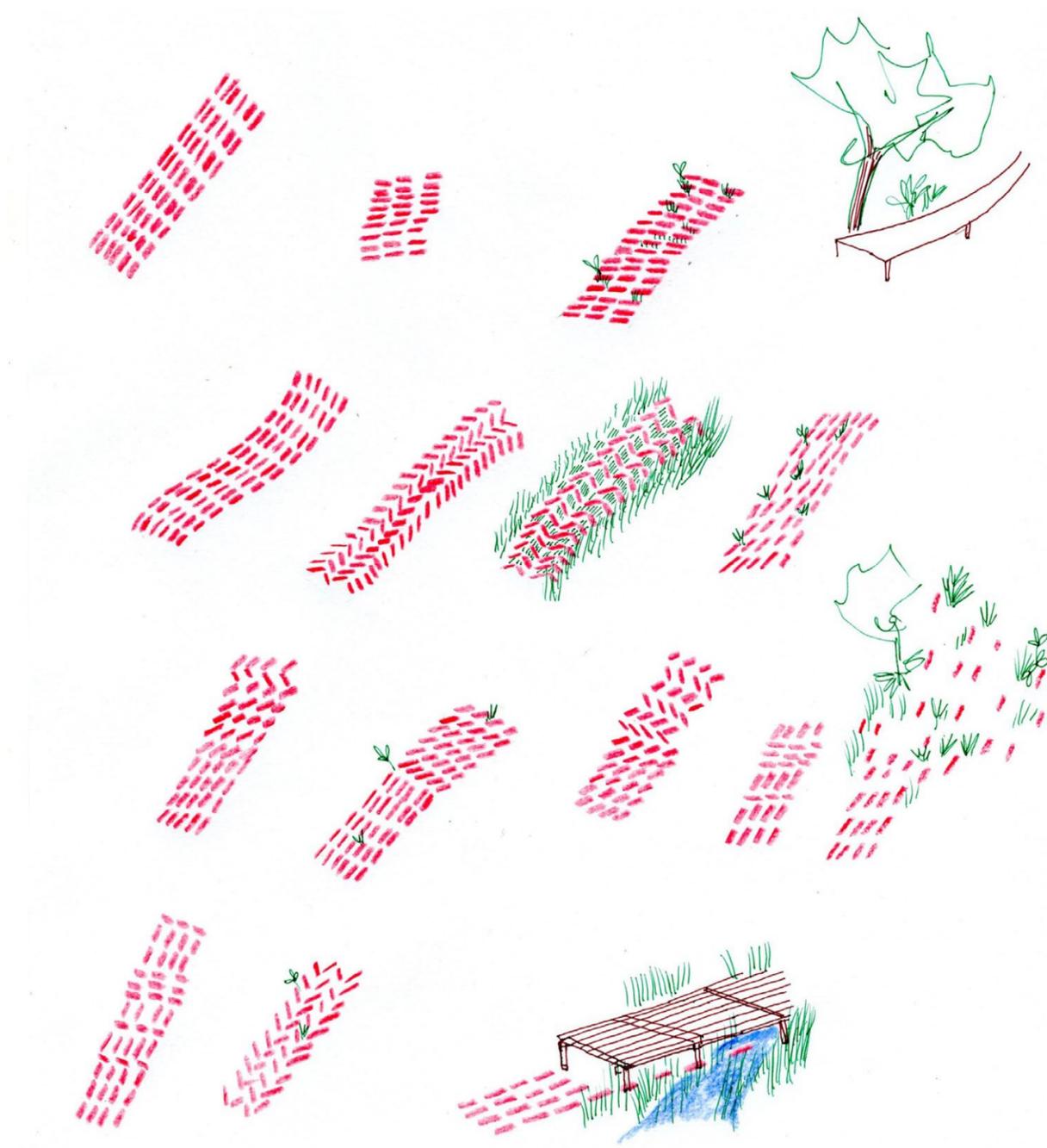
²⁰ Estima-se que uma pessoa caminhando tranquilamente levaria aproximadamente 1h30 para percorrer todo o circuito, que tem cerca de 4km. No entanto, o caminho pode ser acessado à qualquer momento e iniciado a partir de todos os trechos, ou seja, mesmo sendo mais interessante a experiência de dar a volta completa, as pessoas podem percorrer apenas alguns trechos no dia a dia, quando possuem menos tempo.

²¹ Tijolo feito de uma mistura de terra e cimento que não precisa passar pelo processo de queima do

bloco contrastaria com os demais caminhos existentes e indicaria o percurso. Além disso, é possível pensar diferentes maneiras de paginação e assentamento do piso para criar diferentes formas que podem desenhar o trajeto, como explorado no desenho a seguir.

Como pontos chaves da paisagem da CUASO elegeu-se: a Praça das Culturas, central para o trabalho e a descolonização da paisagem da USP; a Praça do Relógio, pela sua extensão verde e por cruzar vários caminhos do dia a dia; a raia pelo contato com a água; a Reserva Florestal do Instituto de Biociências (RFIB) e o antigo Clube dos Professores, hoje Viveiro de Mudas, pela preservação da Mata Atlântica²². Sendo assim, temos o percurso como apresentado na folha seguinte.

O percurso se divide em três grandes trajetos: da *água*, da *terra* e da *floresta*, com pontos sobre o *céu* e o *fogo*, apresentados a seguir. Temos então: *o calor do fogo*, onde se localiza a Praça das Culturas e a *Opy*, centro espiritual do campus, que aquece todos os seres vivos da USP, humanos, pássaros e encantados. *Trabalhar e colher a terra*, intervenção proposta para a Praça do Relógio e arredores, de introduzir plantas alimentícias, por meio da criação de espaços de roça e pelo plantio de árvores frutíferas – onde então se alimentam os seres vivos. *Onde a água encontra o céu*, um desvio do percurso da Praça do Relógio que leva à raia onde há um deck para ver o sol nascer. *Onde as árvores caminham*, parte do trajeto que entra



tijolo convencional, sendo por isso mais ecológico. Também não é necessário utilizar argamassa para o assentamento, o ideal é que seja colocado apenas sobre uma camada de areia, possibilitando a permeabilidade da água da chuva.

22. Das reservas apresentadas anteriormente, escolheu-se apenas essas duas pela proximidade com os outros elementos do percurso, para que o trajeto não seja muito longo e possível de ser feito a pé. Seria interessante pensar um percurso secundário que pudesse interligar todas as áreas de reserva, como um adendo a esse principal.

> imagem: experimentações de piso. Oliveira (2021).

mapa geral do trajeto



Escala 1:7500



nas áreas de reserva, resgatando o pouco que sobrou das florestas - lugar de morada de pássaros, insetos, e do espírito. O *que sobrou o céu*, mirante do alto do morro do Instituto de Física que avista o Pico do Jaraguá, memória da resistência política dos Guarani na TI Jaraguá. Por fim, *para onde a água corre*, trecho que acompanha um córrego existente dentro do campus, atualmente canalizado. O nome de cada trecho estará indicado no piso, escrito no tijolo em alguns pontos.

Quanto à vegetação pensada ao longo do percurso, trabalhou-se com os seguintes domínios: Etnobotânica, Mata Atlântica, Cerrado e Brejo, sendo que em alguns casos eles se entrelaçaram. Essas escolhas se basearam na análise da vegetação existente e das possibilidades do terreno, que serão esmiuçadas a diante.

4.2. *Para onde a água corre*

A Cidade Universitária, além de abrigar raros remanescentes da Mata Atlântica, é berço de alguns cursos d'água. Há duas nascentes conhecidas, a primeira no interior da RFIB, que dá origem ao chamado riacho do Tejo²³, que percorre a reserva e forma um lago na sua extremidade, fruto de um represamento artificial. A segunda, dentro de uma reserva ecológica que está ao sul da CUASO e recebeu o nome de Reserva da Nascente (DELITTI, PIVELLO, 2017). Ao lado, fora dos limites da USP, há mais um córrego que nasce dentro do parque do Instituto Butantan. Entretanto, existem outras nascentes ocultas dentro do campus com seus cursos canalizados sob a CUASO e que ainda é possível encontrar seus vestígios.

Investigou-se a existência desses córregos, com a colaboração de Bonzi, que anteriormente havia feito uma busca pelos cursos d'água na USP, registrando-a em um artigo (BONZI, 2014) e por consultas a mapas antigos da hidráulica do campus, cedidos pela Escola Politécnica (POLI). Sendo assim, foram encontrados os cursos mapeados na imagem seguinte, três cursos principais, que nascem da parte mais alta do campus, nos arredores do Instituto de Biociências (IB), e correm, lado a lado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) e chegam ao lado da Faculdade de Economia Administração, Contabilidade e Atuária (FEA). Ali há um canal maior que junta a água dos córregos e da drenagem pluvial para desaguar no Canal de Tejo, este aberto e visível que, por sua vez,

²³. Riacho do Tejo, natural, é diferente do Canal do Tejo, artificial, construído atrás da Escola Politécnica.



para onde a água corre

Mapeamento dos cursos d'água da Cidade Universitária

Córrego escolhido para trabalho destacado em azul claro.

> Oliveira (2021).



leva as águas para o Ribeirão Jaguaré, fora do campus, que posteriormente desembocará no Rio Pinheiros.

Em seguida, foi feita uma verificação no local na qual foi possível visualizar as caixas por onde passam os córregos e, em algumas até escutar o barulho da água correndo.

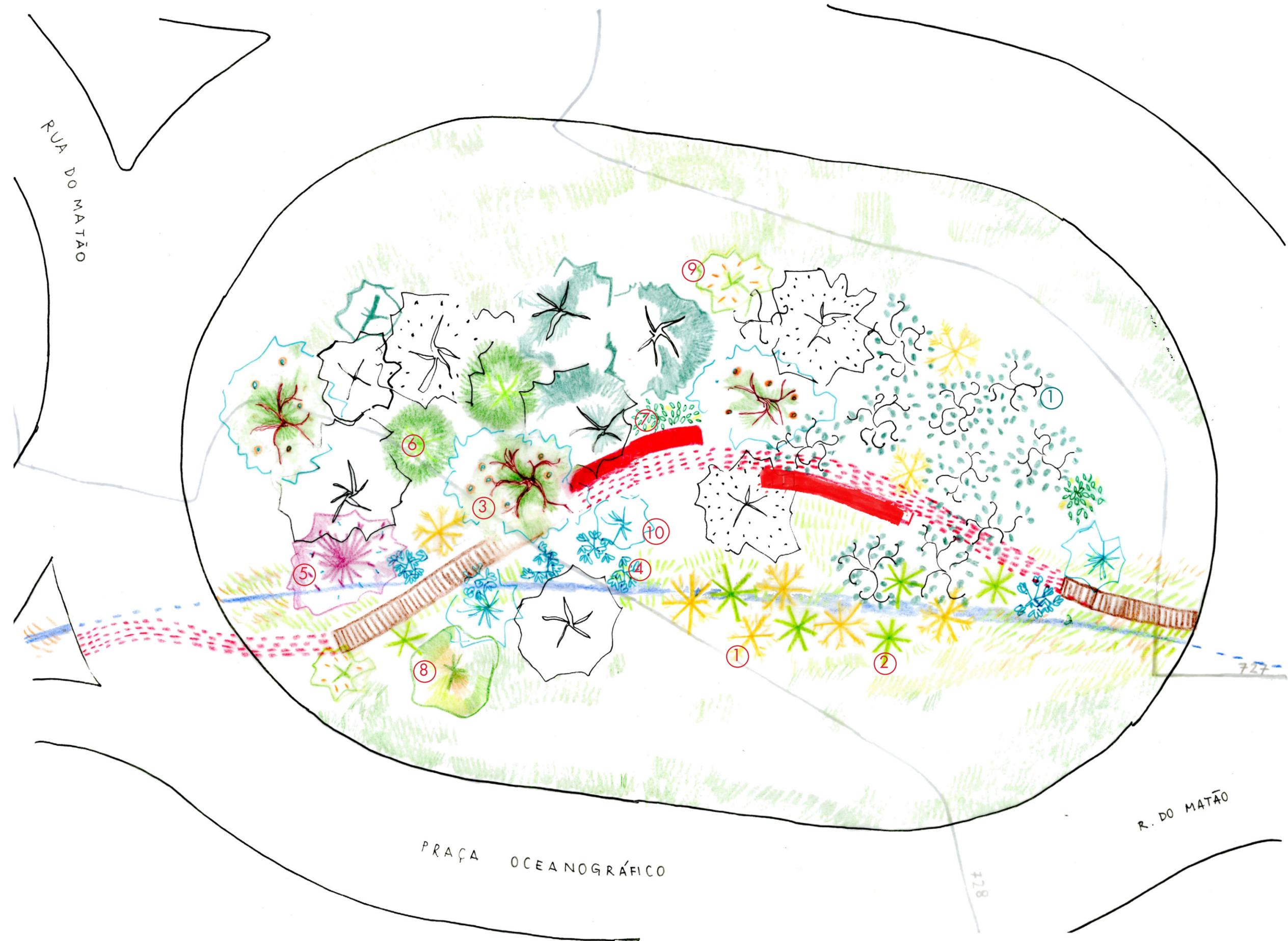
Dentre os córregos existentes, escolheu-se abrir e renaturalizar um deles, justamente o que vem do Instituto de Física e passa ao lado oeste da FAU. Pela análise da topografia e por meio das plantas de hidráulica, os indícios afirmam que esse córrego nasce no morro do Instituto de Física (IF), próximo ao mirante, e que ele estaria canalizado ao lado da calçada da Travessa R. Não se encontrou nenhuma caixa nesta travessa. A única encontrada se localiza ao lado da Travessa E, já na parte baixa do morro. Sendo assim, definiu-se abrir o córrego a partir deste ponto, como indicado no mapa, e caracterizar as áreas que ele passa com plantas adequadas para restauração de matas ciliares e áreas de brejo.

Para esta parte do trajeto, foi feita a ampliação de três áreas a ponto de mostrar, em uma escala mais próxima, o que se propõe para esses trechos. Sobre todos os desenhos que seguirão, em preto e azul-acinzentado, estão desenhadas todas as árvores existentes. As demais, coloridas são as propostas por este trabalho. O tracejado vermelho e as listras em marrom correspondem respectivamente ao piso de tijolo e aos decks. Pintados de vermelho são os bancos de tijolo. Por fim, em azul, água.



> Imagem das caixas encontradas, em frente ao Instituto de Oceanografia (IO) e ao lado da FAU.

Fotos: Oliveira (2021).



para onde a água corre

Praça do Oceanográfico

EXISTENTE IDENTIFICADA

- 1. Ipê-do-cerrado

NOVA

- 1. Buriti
- 2. Buritirana
- 3. Pequi
- 4. Embaúba
- 5. Grumixama
- 6. Cambuci
- 7. Pêra-do-campo
- 8. Ingá-do-brejo
- 9. Gabiroba
- 10. Chá-de-bugre



Escala gráfica



Sobre o pedaço que percorre a Praça do Oceanográfico, dado que a vegetação existente é composta por uma quantidade de ipês-do-cerrado, e pela proximidade de áreas abertas de campos, escolheu-se dar prioridade ao plantio de espécies nativas do Cerrado neste trecho.

Sendo assim, elencou-se as palmeira buriti e buritirana, embaúbas, chá-de-bugre, e alguns capins nativos, que estão presentes no processo natural de regeneração dos brejos do Cerrado (SARTORELLI; FILHO, 2017). O buriti, fruto de casca dura e carnosos por dentro é muito apreciado no Cerrado, além disso, procurar por pequenas florestas de buriti e buritirana no território é uma forma utilizada no interior do Brasil de buscar indícios de cursos d'água.

A praça do oceanográfico se encontra em meio à rota cotidiana dos alunos da USP que leva ao Restaurante Universitário da Física. Dessa forma, pensou-se em criar ali um lugar de descanso pós-almoço, cercado por árvores frutíferas nativas, que poderiam ser provadas pelos estudantes que cada vez menos têm conhecimento sobre essas frutas. Desenhou-se dois grandes bancos, com uma largura de um metro, para que pudessem deitar ali e se acomodar sobre a sombra das árvores escutando o barulho d'água. Escolheu-se algumas frutas do Cerrado; o Pequi, que mesmo sendo bastante apreciado é pouco comercializado em São Paulo, fazendo com que venha se perdendo a cultura de consumi-lo; a pêra-



> Intervenção na Praça do Oceanográfico. Oliveira (2021).

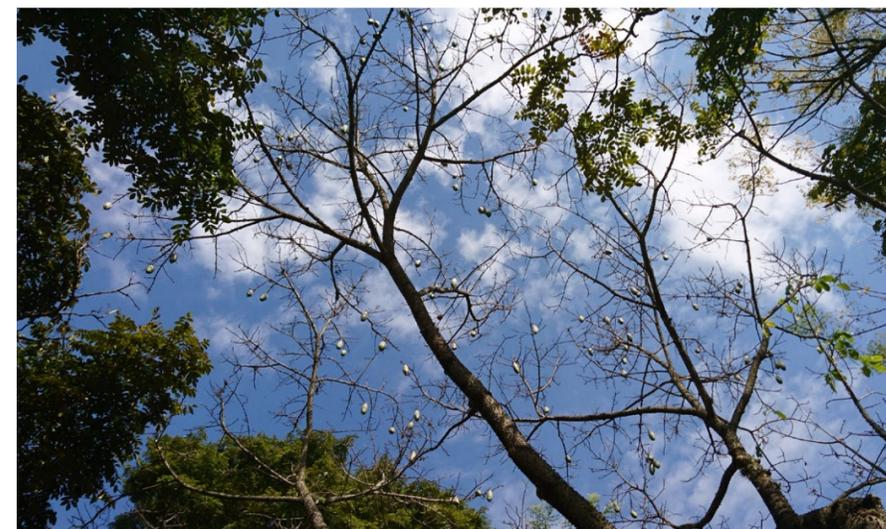
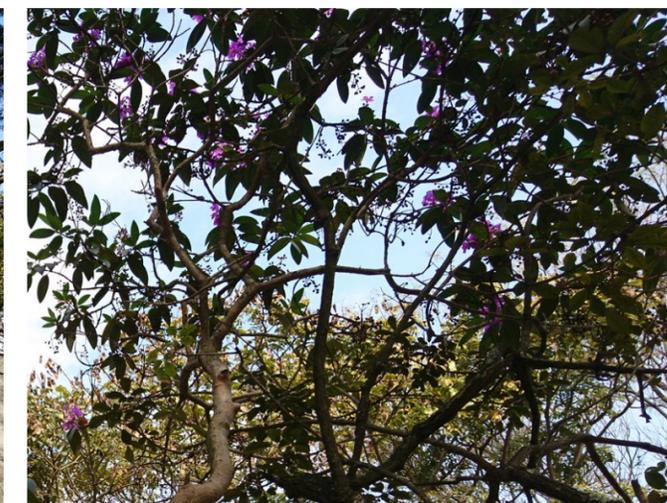
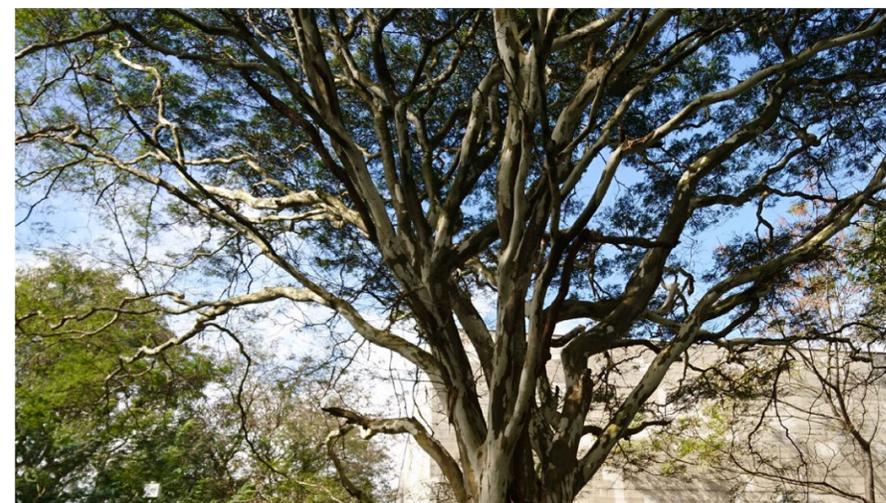
-do-campo, fruto ácido utilizado para confecção de doces e um arbusto importante para a regeneração do bioma; a grumixama, de frutos roxos da Mata Atlântica, mas cada vez mais rara e que se beneficia também de solos brejosos; exemplares do Cambuci, fruta *paulistana por excelência* que hoje em dia é pouco encontrada (SILVA, TASSARA, 2005).

Por fim, a *guavira* ou gabioba, fruta importante para os Guarani, por ser fonte de vitaminas necessárias para o crescimento das crianças integram o elenco. Como narra Ladeira e Tupã (2014), hoje em dia é difícil encontrá-la no sudeste, antigamente quando não havia exemplares em uma área, era comum trazer mudas de outros lugares para sempre ter seus frutos por perto (LADEIRA; TUPÃ, 2014).

Seguindo o caminho do córrego, o percurso passa por diversas árvores marcantes. Exemplares de paineira, planta que se destaca na paisagem por seu tronco arredondado, sua floração rosa exuberante e seus frutos que produzem uma espécie de algodão; pau-ferro, ao lado da FAU, árvore extremamente ornamental; quaresmeira; pata-de-vaca, dentre outras. O caminho passa então pelo lado oeste da FEA, ladeando o córrego. No entanto, devido às condições do local, optou-se por deixar o córrego canalizado neste trecho, uma vez que o terreno está em sua maior parte pavimentado e há pouco espaço livre entre os edifícios existentes para criar uma margem natural e adequada para a proteção das águas. A existência do córrego será apenas demarcada com uma pintura no

chão em azul mineral.

Mais adiante, quando o córrego chega nas proximidades do Instituto de Relações Internacionais (IRI) ele volta a ver o céu. Ali há uma grande praça que pela topografia naturalmente receberia as águas que estão hoje canalizadas perto da rua.

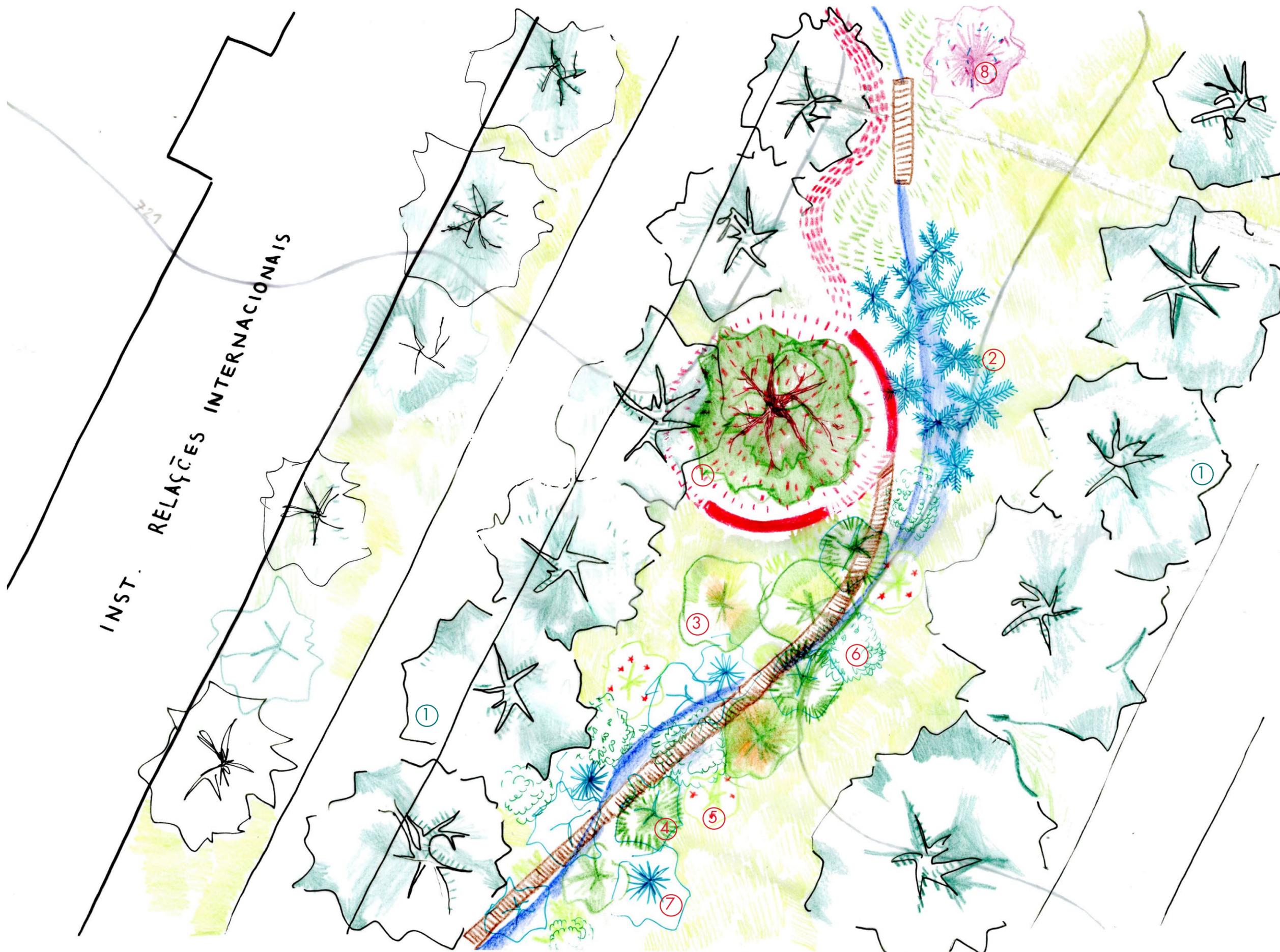


> Fotos: Oliveira (2021)

Copa do pau-ferro ao lado da FAU

Flores da quaresmeira na Luciano Gualberto.

Frutos da paineira ao lado da FAU



para onde a água corre

Instituto de Relações Internacionais

EXISTENTES IDENTIFICADAS

1. Tipuanas

NOVAS

1. Jatobá

2. Palmeira-juçara

3. Ingá-do-brejo

4. Pinha-do-brejo

5. Pindaíba-do-brejo

6. Guanandi

7. Chá-de-bugre

8. Grumixama



Escala gráfica

0 1 2 5 10m



Nessa parte do trajeto, por passar entre as tipuanas existentes em frente ao IRI, optou-se por espécies de regeneração de brejos da Mata Atlântica, que se adequariam melhor a uma condição de meia sombra em comparação às do Cerrado. Sendo assim, ao entrar na praça, o caminho, sobre um deck de madeira, passa por uma área de mata ciliar fechada, que abriga espécies como: pindaíba-do-brejo, pinha-do-brejo, chá-de-bugre, embaúba, ingá-do-brejo e guanandi. A família botânica dos ingás está presente por todo o Brasil em diversas variedades que são apreciadas em cada região sendo o ingá-do-brejo conhecido por habitar as margens dos rios da Mata Atlântica e do Cerrado. Já o guanandi, também conhecido como *mãe das águas*, é capaz de levar o oxigênio necessário para as raízes através do tronco. Além disso, está bastante presente no imaginário da cultura Guarani, sendo também empregado na construção de casas das *tekoa* do litoral de São Paulo (ANDRÉ, 2019).

Ao final do deck, chega-se a uma pequena praça a ser projetada com a pavimentação de tijolos espaçados entre si e circundada por bancos. Ao centro tem-se um jatobá, árvore frondosa, conhecida pelos povos do Cerrado como árvore da sabedoria, por ter uma longa vida, como um ancião. Sua copa oferece um espaço harmonioso embaixo e seus frutos uma farinha bastante utilizada para a confecção de alimentos.

Em seguida, o córrego desagua no canal do Tejo, um lugar pouco



> Caminho do deck entre as árvores que compõem a mata ciliar. Oliveira (2021).



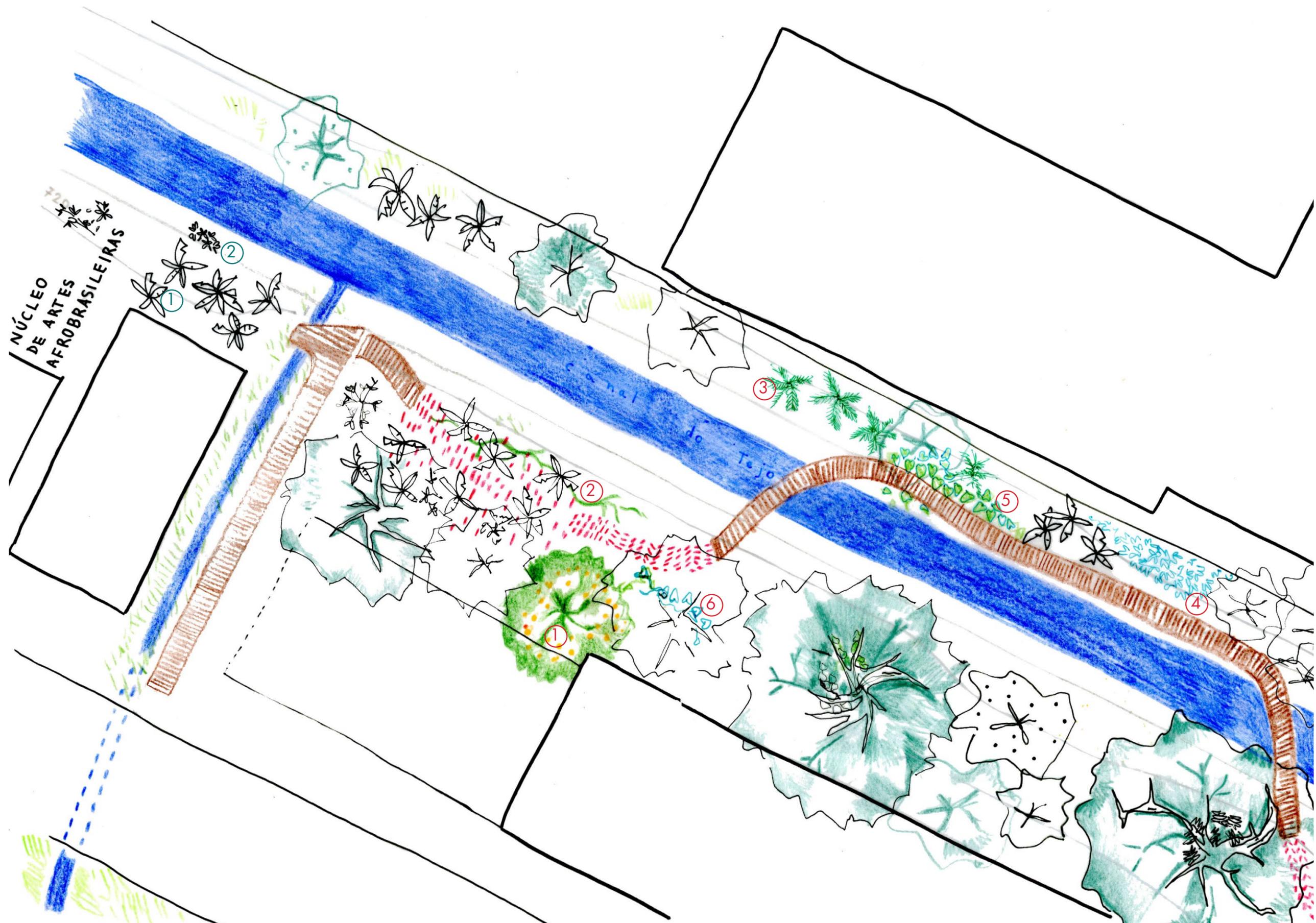
frequentado pelos estudantes no dia a dia, mas muito bem cuidado por algumas pessoas. Ali há uma horta, criada por um funcionário da POLI que cultiva principalmente bananeiras e mamoeiros que trazem uma certa vida para o ambiente estéril do canal de concreto.

Dada a existência da horta, que está justamente à frente da sede do Núcleo de Artes Afrobrasileiras da USP, idealizou-se plantar espécies de roça que simbolizem a etnobotânica da matriz africana no Brasil. A banana é uma planta exótica²⁴, mas que pela sua ampla difusão pelo Brasil firmou um vínculo com as culturas brasileiras se tornando, a meu ver, quase uma nativa. Apesar de ter chegado ao Brasil por meio da cultura africana, representada pela culinária que perdura até hoje, está presente nas roças de quilombos e também de aldeias indígenas por todo o país, sendo portanto uma planta importante para vários povos do Brasil. Outros cultivos que se adaptaram bem ao território brasileiro e possuem uma dimensão cultural importante são, por exemplo: o inhame, quiabo, o cajá e o dendê – os dois últimos mais presentes no Nordeste.

Neste trecho de horta, pensou-se em plantar também melancia e melão. Plantas que são motivo de discussão acerca de sua origem, geralmente atribuída à África. No entanto, os Guarani alegam que elas já eram plantados aqui, inclusive possuem nomes em sua língua, respectivamente: *xanjau* e *mero*. Acredita-se que também existem algumas espécies de banana nativa, que se diferem um pouco da banana comercializada e que deve ser comida cozida (SILVA, TASSARA, 2005).

> Intervenção ao lado do IRI, “Praça do Jatobá”. Oliveira, (2021).

²⁴. Provavelmente originária da Ásia, depois difundida para África onde já é cultivada há mais de mil anos.



para onde a água corre

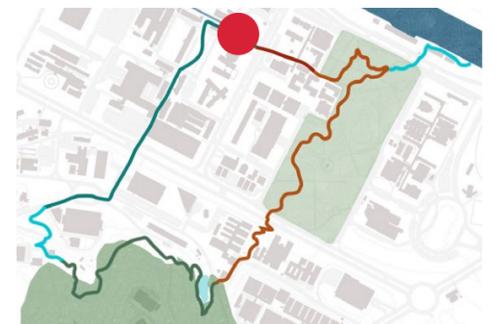
Canal do Tejo

EXISTENTES IDENTIFICADAS

- 1. Banana
- 2. Mamão

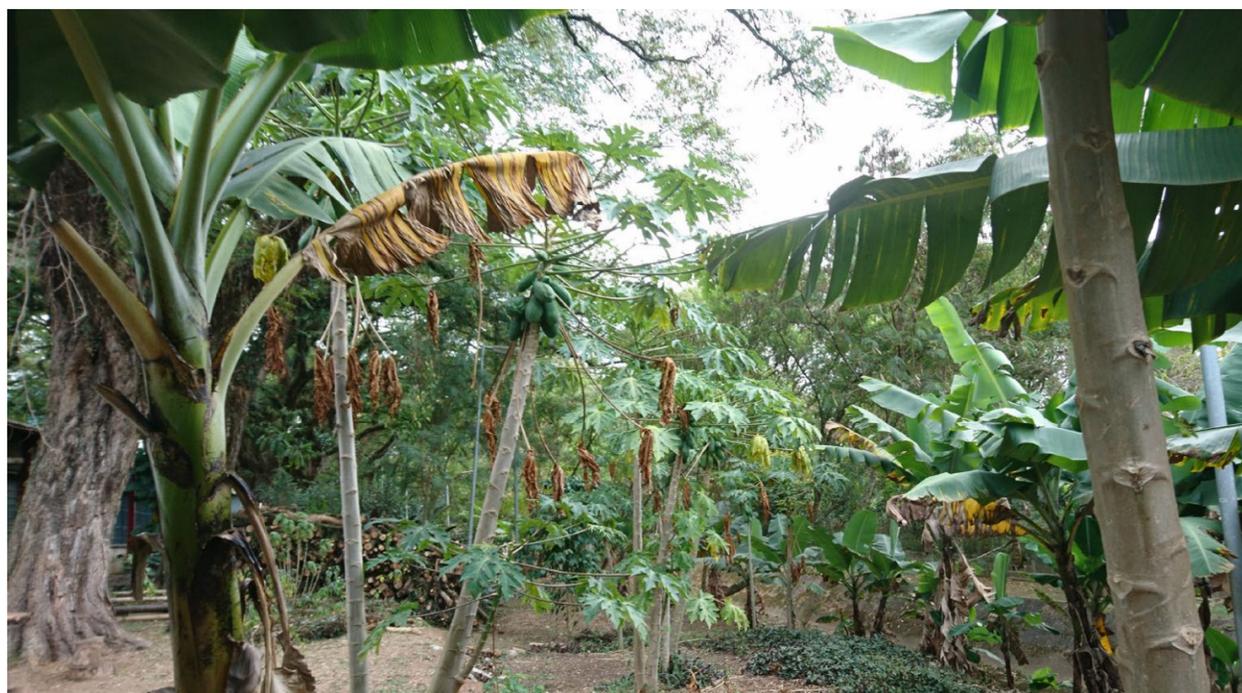
NOVAS

- 1. Cajá
- 2. Melão e Melancia
- 3. Dendê
- 4. Quiabo
- 5. Inhamé
- 6. Cará



Escala gráfica





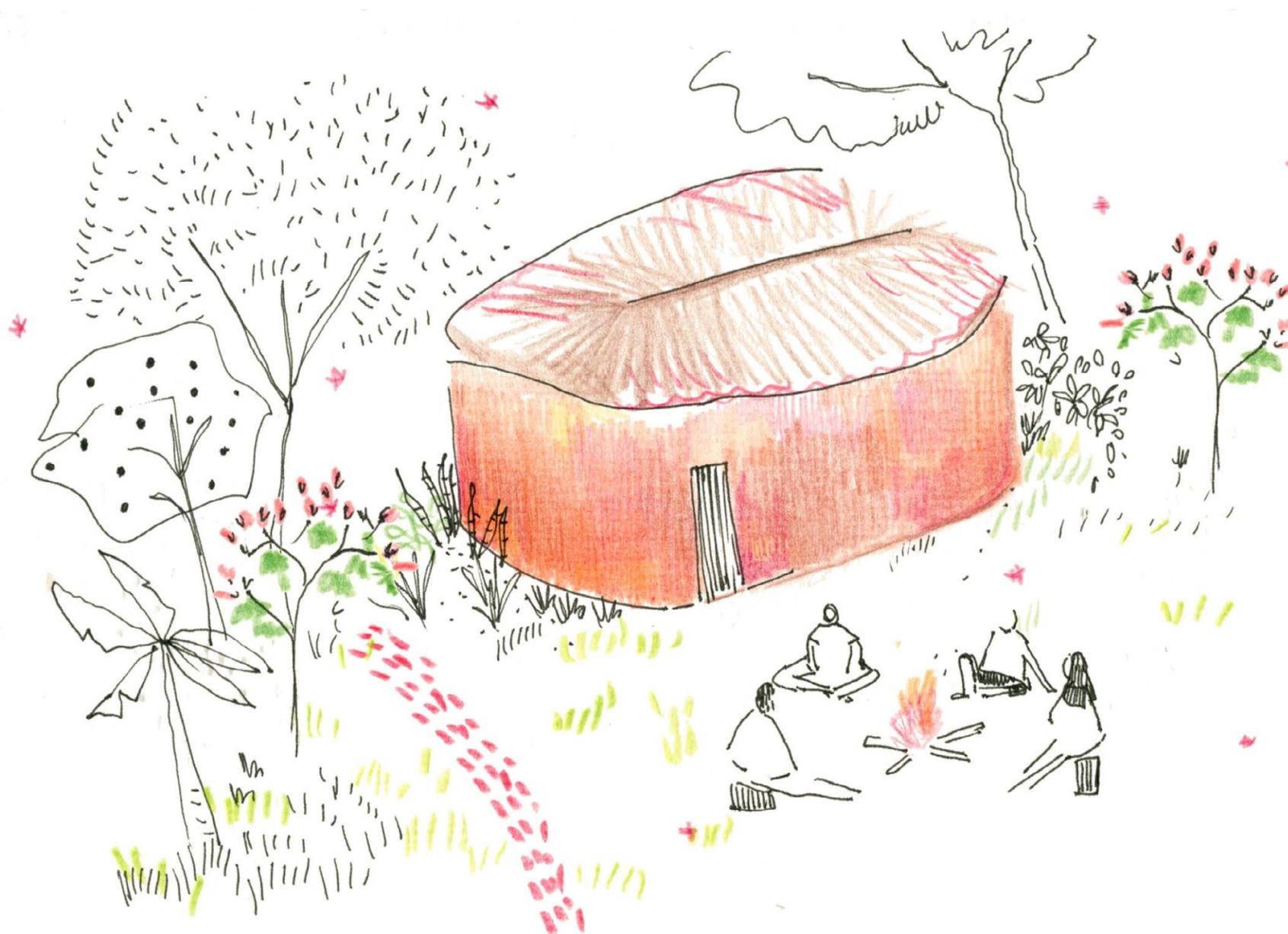
> Fotos das bananeiras e mamoeiros existentes. Oliveira (2021).

> Intervenção no Canal do Tejo. Oliveira (2021).

4.3 O calor do fogo

Saindo do canal do Tejo, atravessa-se a rua e chega-se à Praça das Culturas, espaço dotado de uma profunda fonte espiritual que cada vez mais vem se tornando um lugar sagrado dada a existência da *Opy*. O projeto desta praça está sendo elaborado em conjunto, dentro do grupo de extensão da Rede Indígena, que vêm recolhendo os sonhos de quem ali frequenta. É uma praça que mesmo se tiver um projeto, estará em contínua construção; antes de ser chamada de praça, já era ocupada e transformada aos poucos para abrigar as atividades da Casa de Culturas Indígenas. Entende-se ainda que esse processo de transformação continuará acontecendo. Cada vez que uma pessoa nova frequentar aquele lugar é mais um sonho a ser somado. O mesmo sobre a vegetação, que está sempre sendo cuidada e recebendo novas mudas.

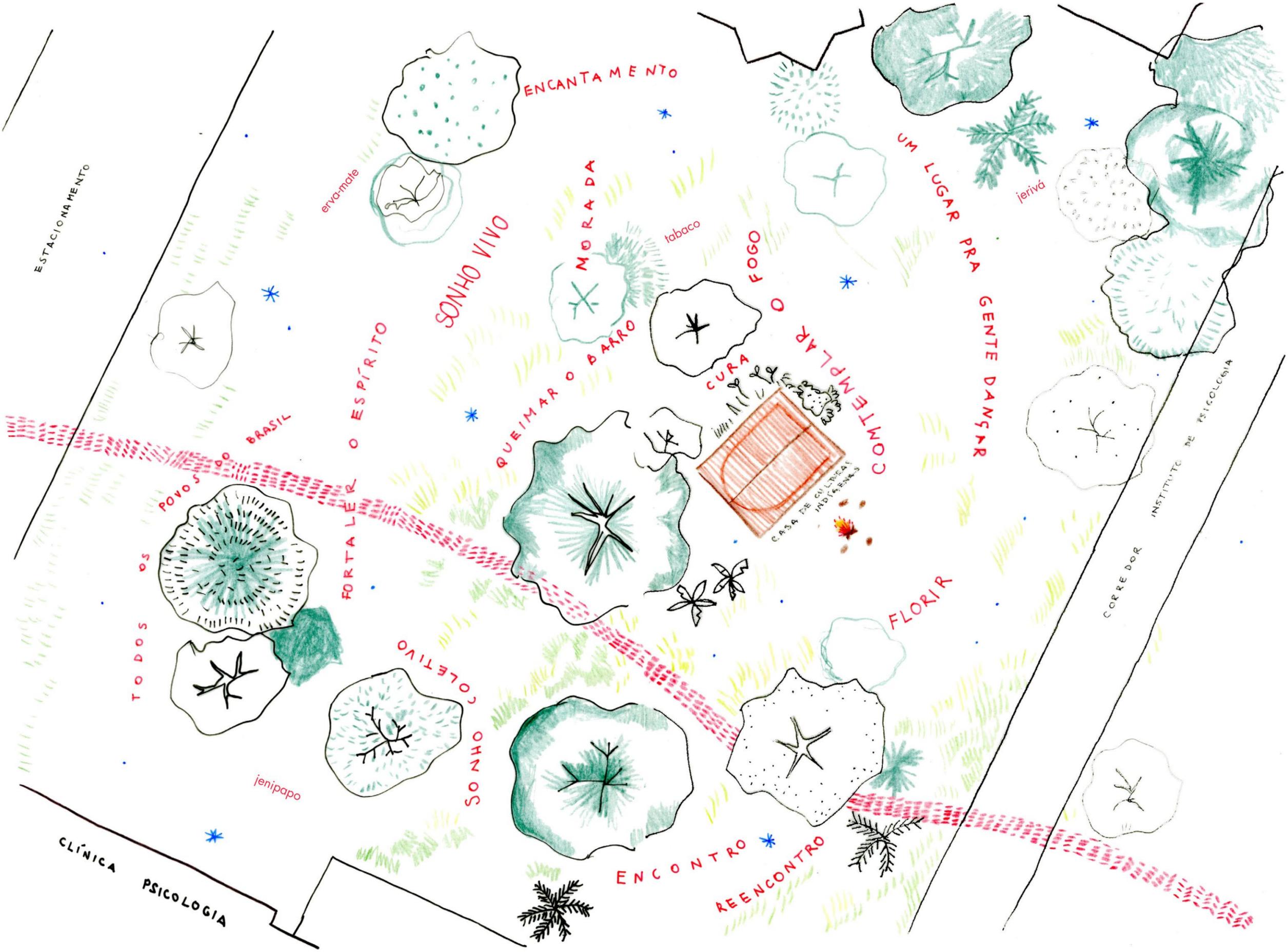
Foi possível fazer uma breve identificação das plantas existentes no local, elencando espécimes de abacate, acerola, pitanga, café, urucum. Como o foco deste trabalho não é o desenho da Praça - isso está sendo elaborado pelo grupo - e sim uma abordagem botânica da CUASO, sugeriu-se o plantio de algumas espécies, que teriam um valor simbólico importante para as culturas indígenas. Dentre elas está o jenipapo, de onde se extrai a tinta para pinturas corporais; o *pety*, em guarani, ou tabaco, sendo o fumo considerado um meio para se conectar com outras dimensões; a *ka'a*, erva mate e as palmeiras *jerivá*, *pindovy*, centrais na cosmologia Guarani desde a criação do mundo. Esta planta representa resistência no terri-



tório por ser um marco na paisagem dos lugares ocupados pelos ancestrais Guarani. Selecionou-se ainda algumas plantas frutíferas com o intuito de alimentar os outros seres que ali habitam como pássaros e abelhas. Como exemplo temos a fruta-do-sabiá, conhecida por atrair a avifauna, a guavira, já mencionada anteriormente e o pau-jacaré, que é visitado pelas abelhas *jatai*²⁵ durante sua floração.

> O caminho pela Praça das Culturas

25. Consideradas abelhas Guarani.



o calor do fogo
Praça das Culturas



Escala gráfica
0 1 2 5 10m

4.4. *Trabalhar, colher a terra*

Aqui inicia-se o trajeto ligado à terra, pensando no que ela provém, nos cultivos e na alimentação saudável, pela perspectiva de resgatar o aprendizado que vêm da agricultura e da importância de consumir alimentos nativos, respeitando a sazonalidade e a regionalidade. Ao passar pela Praça do Relógio, trata-se de primeiramente evidenciar as árvores existentes que possuem um valor simbólico para a cultura Guarani e, em seguida, introduzir um espaço de roça para o trabalho com a terra.

Neste primeiro momento, o caminho que sai da Praça das Culturas ingressa na Praça do Relógio, cruzando um pedaço de maciço arbóreo mais fechado. Logo avista-se uma clareira à frente, onde se planeja plantar uma sapucaia que atraia o olhar do caminhante. A sapucaia, árvore característica da floresta pluvial atlântica floresce na primavera, envolvendo a paisagem com sua copa rosa. Seus frutos amadurecem no fim do inverno fazendo com que as cabaças se abram e lancem castanhas pelo chão. Castanhas saborosas que podem ser apreciadas por quem estiver por ali e que também atraem outros mamíferos, como macacos.

Em seguida o caminho passa por uma árvore frondosa existente, com cerca de 25 metros de copa. Foi projetado um banco embaixo para que se possa aproveitar a sombra e contemplar a sapucaia ao longe. Adiante, o percurso segue por uma região repleta de arau-

cárias, onde se propôs o plantio de duas cerejeiras-do-rio-grande, que produz uma fruta que traz o equilíbrio entre o doce e o azedo. É uma árvore presente na região sul e sudeste do Brasil, além de países como Argentina, Paraguai e Uruguai, exatamente os territórios ocupados pelos Guarani²⁶.

O caminho entra então em um trecho onde há outro conjunto de araucárias, com exemplares maiores e em maior quantidade. Entre elas há uma pequena clareira, um espaço de gramado que pode ser usado para deitar e contemplar suas copas diferenciadas que chamam bastante atenção. Neste mesmo pedaço existem algumas aroeiras-pimenteiras e uma pequena goiabeira. São todas árvores simbólicas para o povo Guarani que sempre ocupou as áreas de seus domínios. A aroeira-pimenteira, produz o pequeno fruto que pode ser usado para temperar alimentos. Especialmente a araucária possui um lugar especial na cosmologia Guarani, como conta Popyguá (2016), ela está presente nas narrativas dos deslocamentos de seus antepassados pelo sul. Além disso, sua madeira é utilizada para a confecção de cachimbos Guarani, artefato essencial para perpetuar a espiritualidade uma vez que o fumo do tabaco proporciona o contato com *Nhanderu*. Além disso, até pouco tempo atrás, antes da grande expansão da cidade de São Paulo, encontravam-se araucárias em maior quantidade pelo território que inclusive formavam pequenos aglomerados, raros atualmente.

26. Um fato interessante que se percebeu durante as pesquisas botânicas feitas é que boa parte das árvores apresentadas neste trabalho - com a exceção de algumas de Cerrado - são encontradas exatamente nesses países: Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil (região sul e sudeste) condizendo com o território Guarani e assim reafirmando o que foi discutido anteriormente sobre o vínculo dos Guarani com a Mata Atlântica e a coevolução com o bioma.

colher a terra

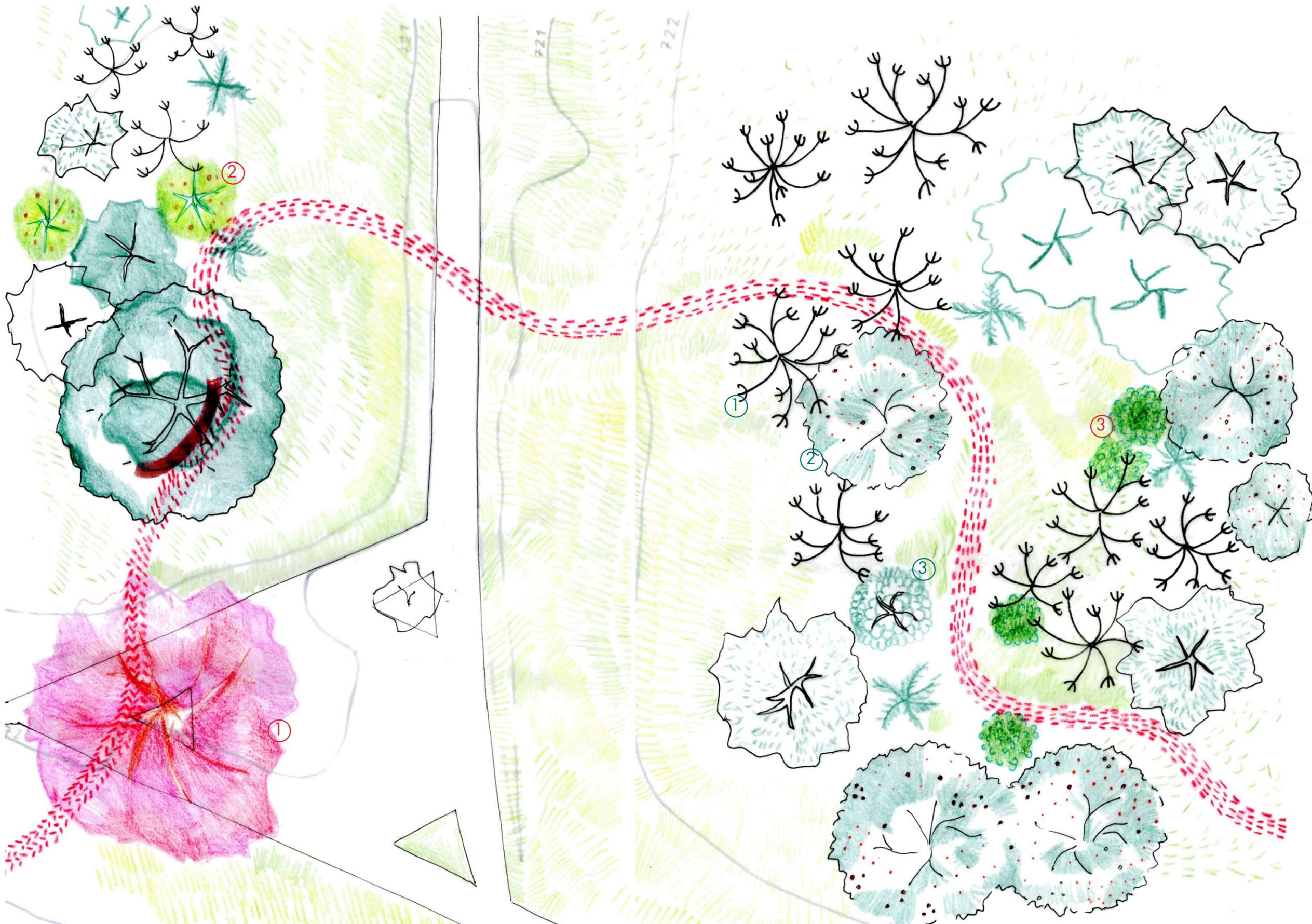
Praça do Relógio

EXISTENTES IDENTIFICADAS:

1. Araucária
2. Aroeira-pimenteira
3. Goiaba

NOVAS

1. Sapucaia
2. Cereja-do-rio-grande
3. Erva-mate



Pensou-se introduzir algumas mudas da erva-mate, *ka'a* em guarani, sob as araucárias. A erva-mate, assim como o tabaco, faz parte do cotidiano Guarani e transmite um simbolismo que se atrela à ancestralidade. São ervas que são consumidas há milhares de anos estão inerentes à cultura e ao modo de vida (PROGRAMA ALDEIAS, 2016).



> Fotos das araucárias e aroeiras-pimenteiros existentes na Praça do Relógio. Oliveira (2021).

Onde a água encontra o céu

Da Praça do Relógio o caminhante encontra uma bifurcação que o leva em direção à raia olímpica. Entrando pela portaria principal da raia, o percurso segue sobre um deck de madeira até chegar em um ponto aberto onde o deck se amplia, criando um espaço em frente às águas para ver o sol nascer. Ali seria plantado um pau-cigarra, árvore que se favorece da luz presente em campos abertos é importante para a recuperação de matas ciliares (LORENZI, 2020). Outras plantas presentes nesse trecho são a samambaiado-brejo e o jacarandá-branco, que floresce de novembro a abril, ambas plantas das várzeas da Mata Atlântica.

Contemplar a raia já é uma atividade que traz tranquilidade por sua beleza e extensão. Pela manhã o espetáculo é mais bonito: a luz rarefeita do sol nascente reflete nas águas que ganham um tom azulado profundo eo sol que nasce entre árvores e prédios da cidade pinta algumas nuvens de rosa. Em algumas épocas do ano é possível visualizar um belo pôr do sol também, por isso, o banco que está mais à oeste pode ser sentado de ambos os lados, permitindo a vista do nascimento e do poente.



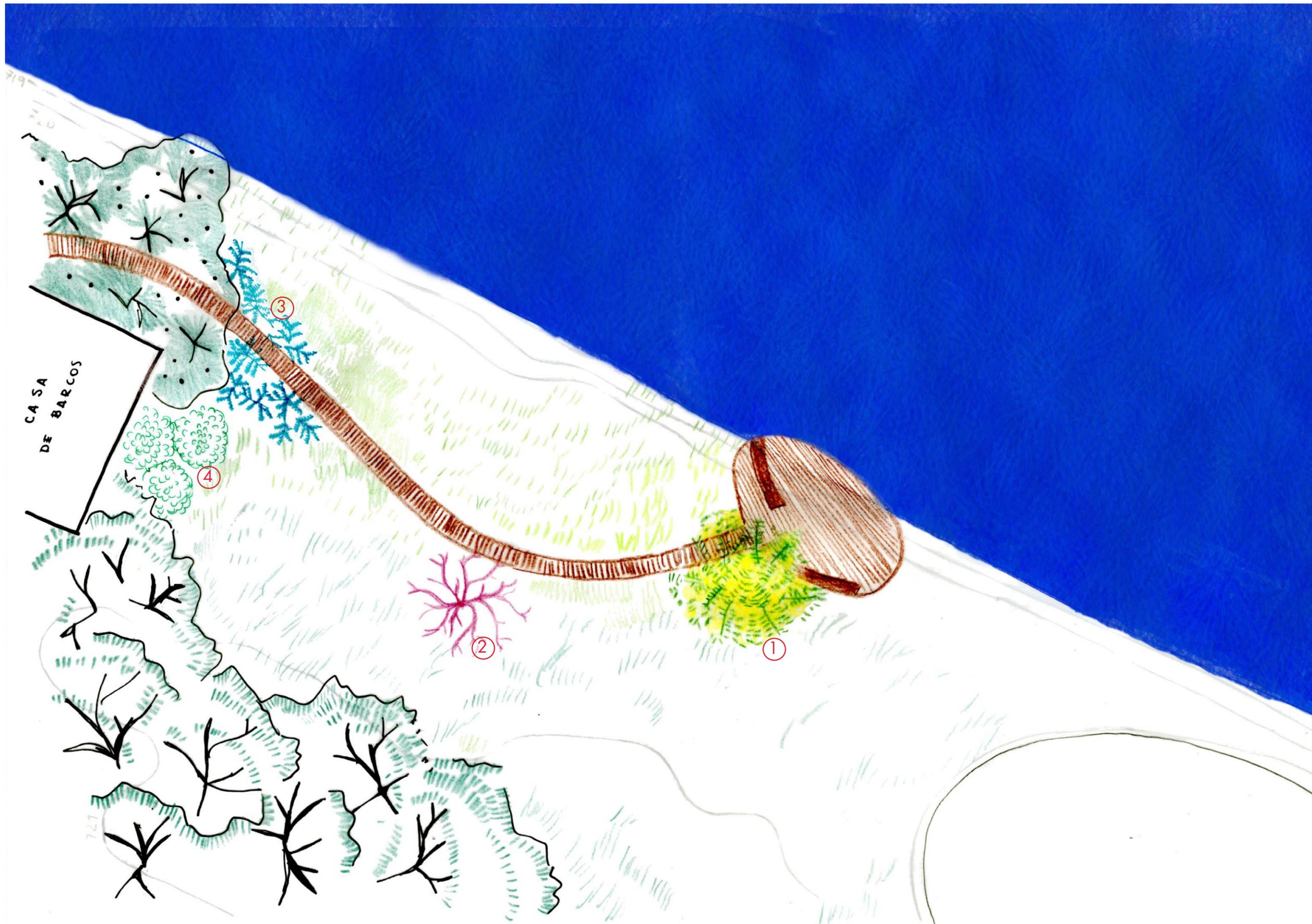
> Intervenção na Raia Olímpica.
Oliveira (2021).

onde a água encontra o céu

Raia Olímpica

NOVAS

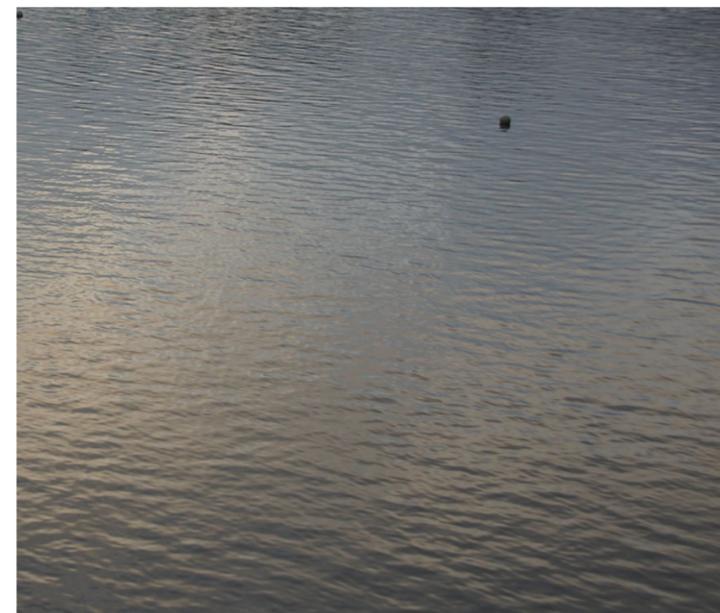
1. Pau-cigarra
2. Jacarandá-branco
3. Samambaiáçu-do-brejo
4. Guanandi



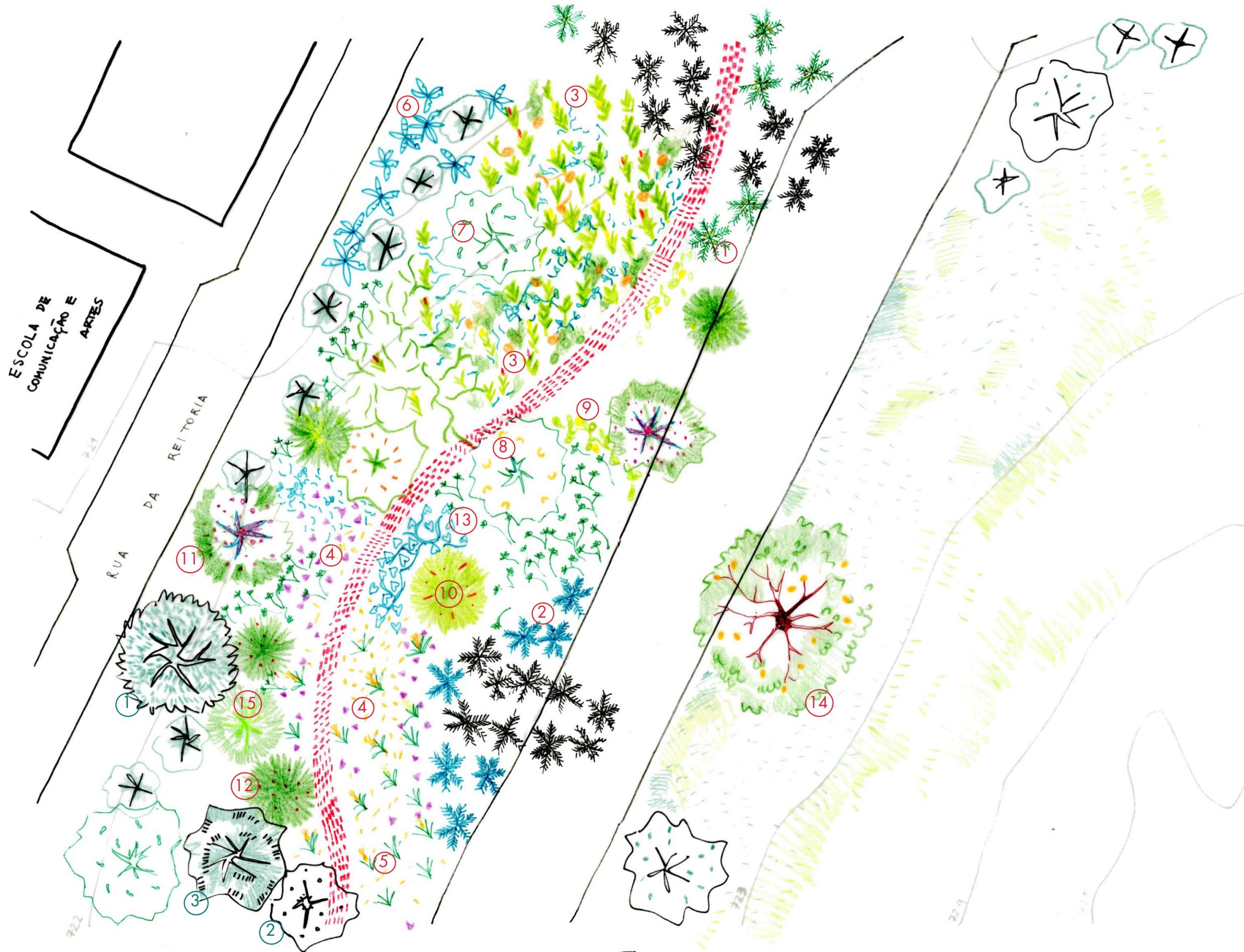
Escala gráfica

0 1 2 5 10m





> Fotos da raia ao nascer do sol.
Oliveira (2021).



trabalhar a terra

Praça do Relógio

EXISTENTES IDENTIFICADAS:

1. Mangueira
2. Paineira
3. Sibipiruna

NOVAS

1. Jerivá
2. Palmeira-juçara
3. Milho + feijão + abóbora
4. Batata-doce + amendoim
5. Melão + melancia
4. Mandioca
5. Abacaxi
6. Banana
7. Ingá-macaco
8. Ingá-ferradura
9. Maracujá
10. Pitanga
11. Jaboticaba
12. Araçá-do-mato
13. Cará
14. Jaracatiá
15. Cambuci



Escala gráfica

0 1 2 5 10m



Voltando à Praça do Relógio, o caminho entra na parte em que seria cultivada a roça. Hoje esse trecho, que se localiza em uma extremidade da praça, possui algumas palmeiras e um gramado, com bastante espaço para o plantio. A roça foi pensada neste local, mas poderia ser implementada em outros lugares que possuem características semelhantes e não atrapalhariam os ambientes de estar e de encontro que a praça proporciona. Inclusive, poderia ser pensada uma rotatividade entre essas áreas para que a roça não seja cultivada sempre no mesmo local, sobrecarregando a terra.

É uma utopia pedagógica que o cultivo e o manejo da terra sejam aprendidos dentro da universidade, uma vez que a agricultura tradicional carrega uma sabedoria ancestral que não pode ser perdida. Poderiam ser pensadas algumas atividades de plantio com os alunos quando ingressam na faculdade, e que assim eles possam seguir cuidando de suas mudas e colhendo seus alimentos ao longo do curso. Uma roça requer um contato próximo e um cuidado do dia a dia para se manter de pé, o que torna essa ideia bastante sonhadora. No entanto, não são poucos os exemplos de hortas e roças, que surgiram espontaneamente pela vontade de funcionários e estudantes pelo campus. Já foi mencionada a horta do canal do Tejo, igualmente, há uma horta dos moradores do Conjunto Residencial da USP (CRUSP) e uma outra na Escola de Comunicação e Artes. Ou seja, dentre a comunidade USP, há quem sintam falta do cuidado com a terra em uma cidade como São Paulo e

há quem tenha o interesse de tornar isso parte do seu cotidiano. Na CUASO não falta espaço para oferecer essas atividades.

A roça se inspirou na agricultura Guarani que está sendo trabalhada na Tenondé Porã. Tendo em vista o lado sonhador do Cinturão Verde Guarani, o espaço verde da Cidade Universitária poderia ser a vertente que faz esse cinturão entrar na área urbana que ele circunda. Os cultivos seguiriam a proposição de retomada de sementes que, como foi dito anteriormente, para se manterem vivas, devem ser cultivadas cada vez mais. A presença dessas sementes na USP e de seus cultivares já gera um aprendizado em si: uma maneira de fazer a sociedade abrir os olhos para as variedades de alimentos nativos existentes e assim refletir sobre a alimentação convencional, que se baseia em poucas espécies e em uma sazonalidade quase inexistente. Mesmo a quem falte interesse ou disponibilidade para cuidar das plantas, o simples gesto de passear pela roça e observar o desenvolvimento natural dos alimentos pode ser muito rico levando à reflexão.

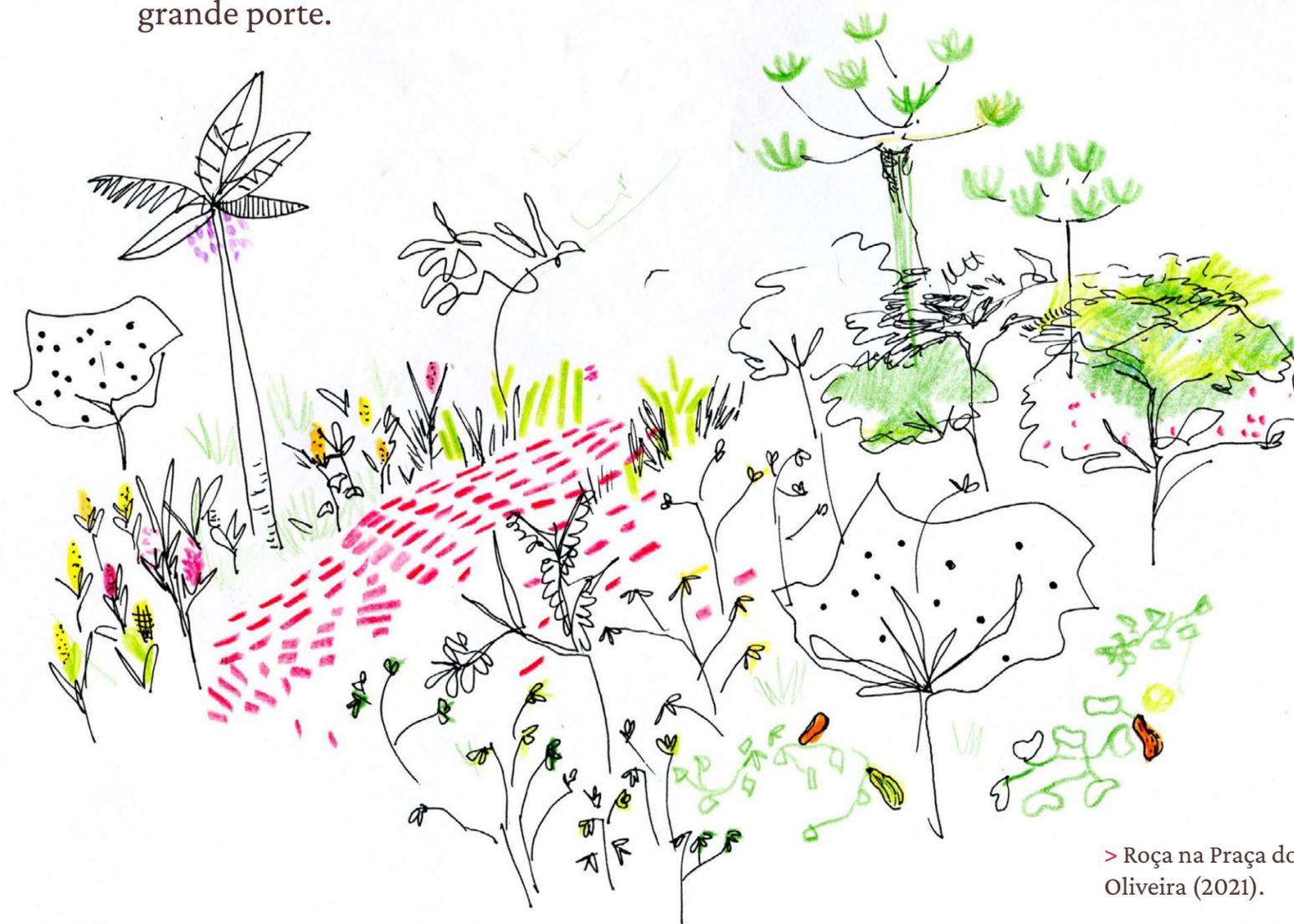
Tradicionalmente, a agricultura Guarani se baseia em um sistema agroflorestal que tem o milho verdadeiro, *avaxi ete'i* como um de seus principais elementos, “cujo cultivo orienta o calendário e a ordenação entre os mundos, sendo possivelmente o grupo central de toda a cosmologia botânica Guarani (Oliveira, 2009, p. 112)”. O plantio do milho se soma muitas vezes ao do

feijão e da abóbora, formando um consórcio em que a abóbora, *anda'i* e o feijão, *kumanda*, se beneficiam da sombra gerada pelo milho e, o milho do nitrogênio que o feijão, por ser uma leguminosa, consegue fixar ao solo. A mandioca, *mandi'o*, o amendoim, *manduvi*, e a batata-doce, *jety*, são outros cultivos importantes nas roças indígenas da América do Sul. Junto ao milho, a batata-doce é um cultivo que está sendo central na recuperação da agricultura tradicional Guarani e na busca e manutenção de suas variedades. No Brasil, a mandioca, que se proliferou por todos os cultivos pelo país, têm um maior protagonismo nas roças do norte onde, como foi dito anteriormente, são colecionadas suas variedades garantindo a produção dos alimentos e o embelezamento da roça.

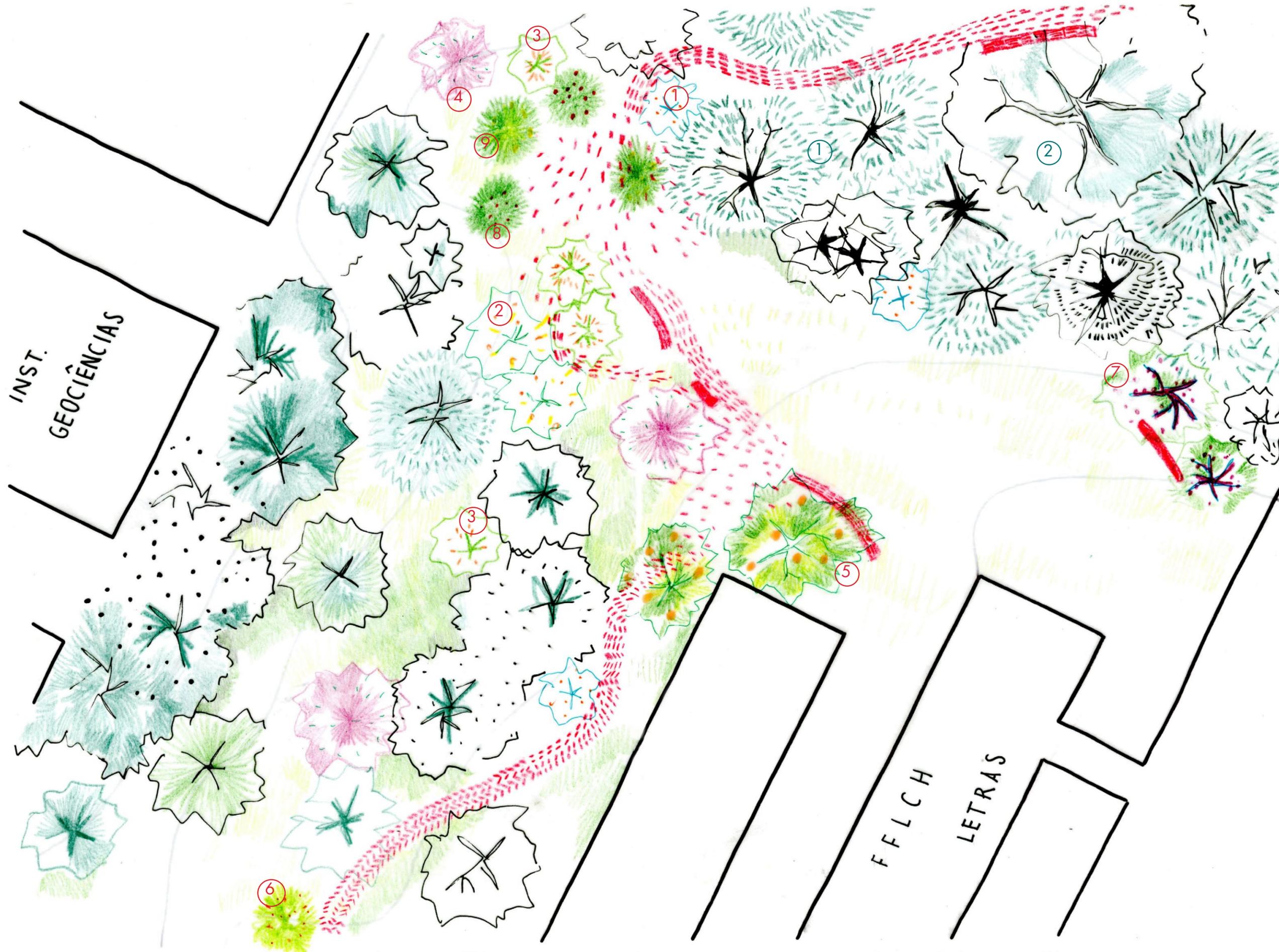
Demais cultivos que foram propostos para o plantio foi maracujá, fruta trepadeira nativa da Mata Atlântica; cará e abacaxi. Este último, pela sua fisionomia rústica, possui uma folhagem espessa com espinhos, é um bom aliado de outros cultivos, como batata-doce e amendoim, por prover sombra e a quebra dos ventos. No entanto, deve ser plantado longe do milho, pois esse pode ser um transmissor de uma praga ao abacaxi.

No geral, pensou-se em proteger a área da roça por meio do plantio de árvores à sua volta, complementando as existentes e protegendo os cultivos menores dos fatores externos e da rua que está ao lado. Em sua maioria são árvores frutíferas da Mata

Atlântica presentes na alimentação Guarani, e facilmente cultivadas em pomares, como araçás, ingás, pitanga, jaboticaba, gabioba e a banana. Sugeriu-se plantar um pouco afastado da roça um jaracatiá, fruta da Mata Atlântica que corre risco de extinção, em uma área de gramado para que ela possa crescer e atingir seu grande porte.



> Roça na Praça do Relógio. Oliveira (2021).



colher a terra

FFLCH-Letras

EXISTENTES IDENTIFICADAS:

- 1. Eucáipto
- 2. Pau Fava

NOVAS

- 1. Bacupari
- 2. Uvaia
- 3. Gabiroba
- 4. Grumixama
- 5. Cambucá
- 6. Pitanga
- 7. Jaboticaba
- 8. Araçá-do-mato
- 9. Araçá-amarelo



Escala gráfica



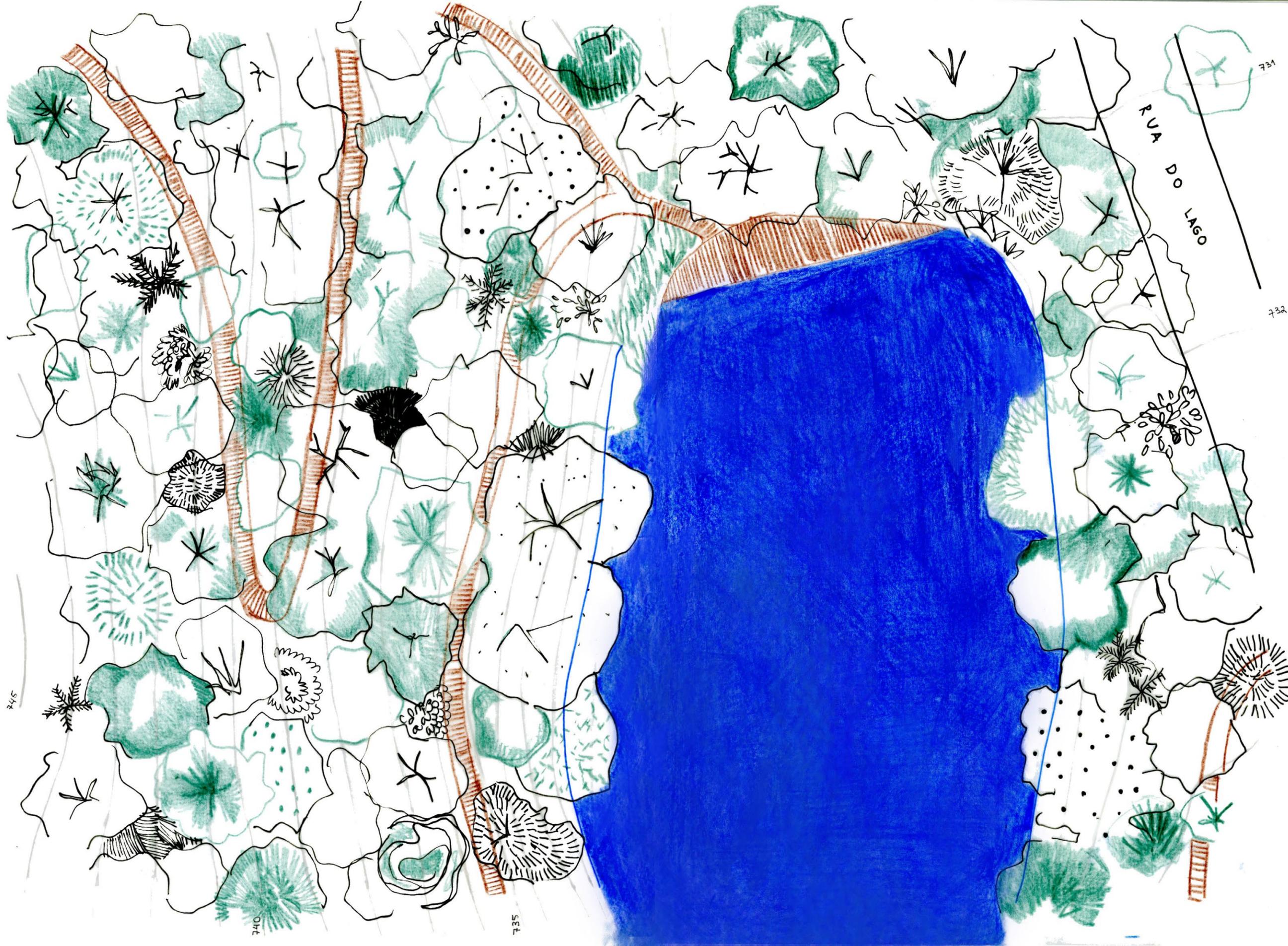
Por fim, o trajeto da terra, sai da Praça do Relógio e cruza o morro detrás da Luciano Gualberto, entre os prédios da Letras (Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas) e os fundos dos prédios do Instituto de Geociências (IGC). Ali é possível encontrar um grande exemplar de pau-fava, com uma copa de 15 a 20 metros, em meio a uma quantidade de eucaliptos. Neste pedaço, seguiu-se com a ideia do plantio de frutíferas da Mata Atlântica, dado que ao lado, na Luciano Gualberto, existem algumas amoreiras bastante cobiçadas pelos estudantes que assim que frutificam são devoradas pelos alunos quando voltam do trajeto do Restaurante Universitário Central. Ver o sucesso das amoreiras no campus é uma evidência da vontade que os estudantes têm de interagir com a paisagem da CUASO. Portanto, o plantio de frutíferas neste trecho seria uma forma de trazê-los para dentro do caminho proposto e de fazer com que provem variedades da Mata Atlântica que são pouco comercializadas.

Além dos araçás, grumixama e gabioba já mencionados, haveria uvaia, bacupari e cambucá. A uvaia, árvore com aspecto arbustivo e bastante ornamental quando está carregada de seus frutos amarelos alaranjados. O fruto apesar de um pouco ácido, pode ser colhido e apreciado logo no pé. O bacupari, nasce sob as árvores maiores, se adequando à luz do sol que é filtrada entre as folhas. Ideal para ser plantado entre as árvores existentes e produz um fruto alaranjado. Seu plantio é importante dado que é uma

fruta que está sumindo dos domínios da Mata Atlântica. Por fim o cambucá, que igualmente se tornou raro de ser encontrado. Um fruto adocicado que atrai também muitas aves. A diversidade de plantas pensadas para este pomar faria com que sempre tivesse pelo menos alguma árvore frutificando em cada época do ano.



> Árvores frutíferas entre a Letras e o IGC. Oliveira (2021).



**onde as árvores
caminham**

Reserva Florestal IB



Escala gráfica

0 1 2 5 10m



4.4. Onde árvores caminham

Chega-se enfim nas áreas de reserva, possibilitando uma vivência que se aproxima às das florestas nestes poucos hectares verdes em meio à cidade. Entre as espécies nativas da Mata Atlântica (em maioria), o caminhante entra em contato com uma natureza exuberante e com o barulho dos pássaros e das águas. Adentrar ali é de certa forma esquecer a cidade que há ao redor e se aproximar dos conhecimentos que vêm direto das florestas. Aguça-se a curiosidade para conhecer as espécies vegetais e as dinâmicas da mata estimulando o aprender com a natureza.

Para muitos povos ameríndios, as florestas têm donos. Os donos são os espíritos que a protegem e permitem que haja vida ali. Como também podem ser os animais que se alimentam das frutas e sementes das árvores, plantando-as. São também os humanos, que colhem seus frutos e abrem suas roças. São de todos os seres que se relacionam e em conjunto compõem as narrativas das florestas (MATTA, 2016). A floresta é assim, um lugar sagrado, indispensável para a vida e repleto de coisas belas, as aves, os frutos, os rios. No entanto, são também lugar do medo e da surpresa, onde se revelam as forças maiores.

Florestas, para além de espaços geográficos ou domesticados, são sobretudo constituídas por experiências, qualidades sensíveis, aspectos sensoriais e relações lógicas que são difundidas por meio de ricas narrativas. (...) Florestas se tor-

nam perigosas, encantadoras, extenuantes, provedoras etc. dependendo da posição ou do estado que se encontra quem a percorre, da ação pretendida e das relações estabelecidas. Assim, florestas estão em permanente transformação e são constituídas pelas referências e experimentações que abarcam aspectos visíveis e invisíveis, tangíveis e intangíveis, fugazes, temporais, convencionais e lógicos (MATTA, 2016, p. 27).

No caminho pela RFIB, quem o percorre seguirá uma trilha elevada de madeira que cruza o córrego que nasce ali dentro e chega às margens do lago. Ao seu norte, onde se localiza a barragem, colocou-se um deck de madeira, dali tem-se uma vista de todo o lago, rodeado pelas árvores. Um lugar para passar o tempo contemplando a vista e para se emergir nessa pequena floresta.

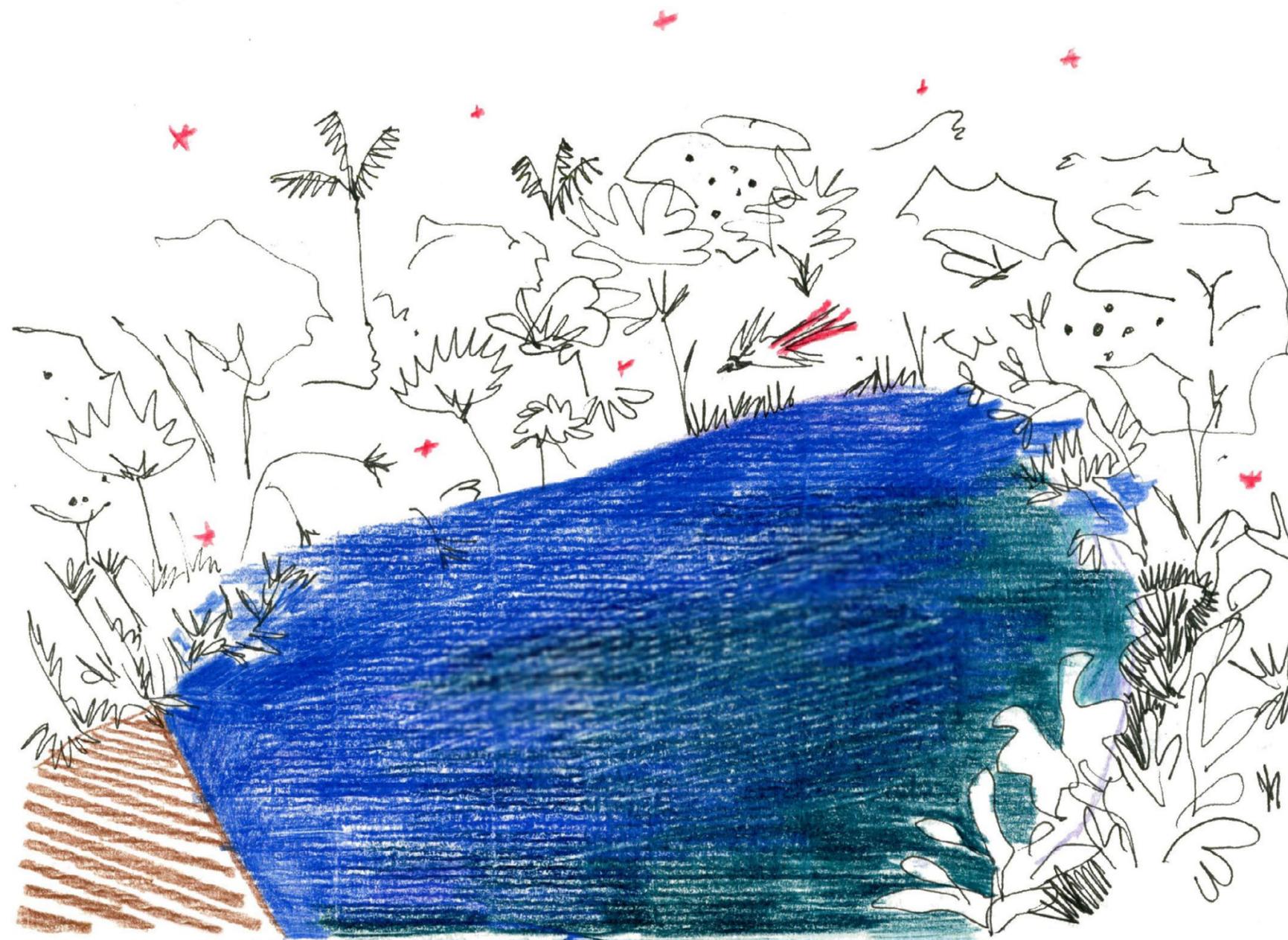
A trilha sai do lago e sobe o morro, andando por mais um tempo sob as árvores. Então o caminhante deve atravessar a Rua do Matão para acessar o Clube dos Professores ou Viveiro de Mudas. Dentro do Clube dos Professores há uma rica paisagem florestal, onde é possível identificar algumas árvores de longa vida e raras hoje em dia na cidade, como o cedro-rosa, *yary*. Uma árvore sagrada para os Guarani, por estar presente desde a criação do mundo; utilizada também para a confecção de instrumentos e para a construção de Casas de Reza.



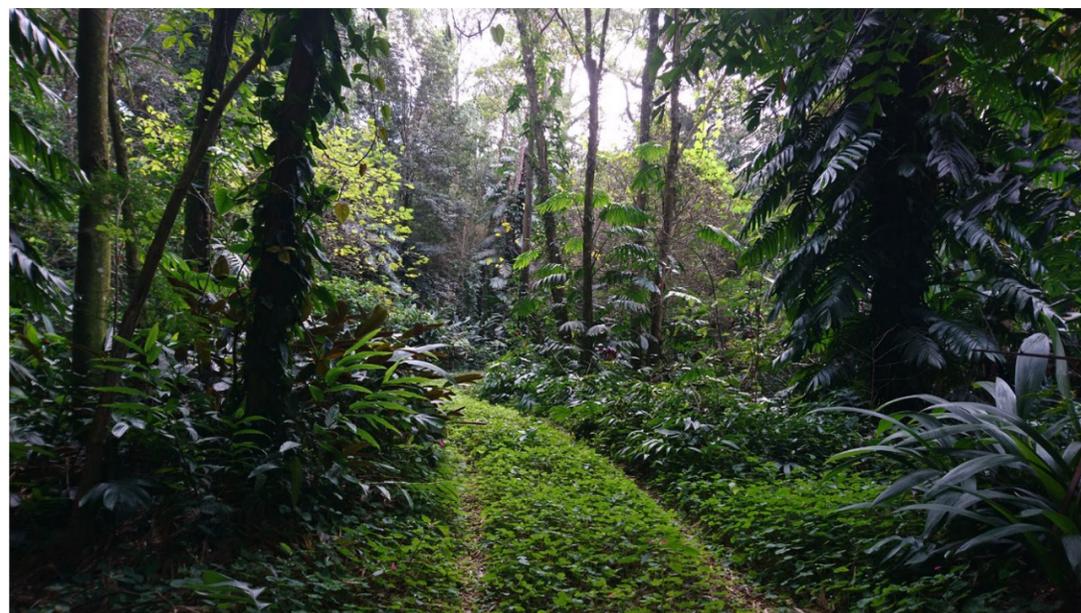
> Fotos da RFIB. Oliveira (2021).

Nesta área o caminho segue algumas trilhas existentes pavimentadas, mas se desvia em certos pontos para poder passar junto às árvores e sob um grande conjunto de bambu. Identificou-se também a existência de uma pequena capoeira. Uma clareira que ainda apresentava alguns cultivos de mandioca, abóbora e inhame, mas que já estava sendo tomada pelo mato. Ao lado da Sede da Gestão de Áreas Verdes do Campus, uma pequena edificação, há também uma horta dos funcionários que trabalham lá, atualmente abandonada, dado à pandemia do Covid-19 e o trabalho remoto.

Em suma, a paisagem dessas duas reservas é valiosa dada a raridade de se encontrar lugares assim na cidade. Infelizmente o acesso é restrito. A ideia do caminho é que as pessoas possam acessá-las livremente; seria mantida a vigilância existente sobre o local, que garante a preservação e segurança dos indivíduos, mas se possibilitaria que quem é de fora da USP também pudesse apreciar essa pequena floresta.



> Lago existente na RFIB.
Oliveira (2021).



> Fotos do Clube dos Professores. Oliveira (2021).

No canto esquerdo superior, cedro-rosa. No canto direito inferior área de capoeira

4.5. O que sobrou do céu

Ao sair da reserva, caminha-se em direção ao morro do Instituto de Física (IF), onde se terá um ponto de mirante ao topo. Aqui o circuito está próximo do seu fim, visto que ele se iniciou na parte baixa do IF e caminhou no sentido da descida, seguindo o curso d'água. No entanto, decidiu-se narrar esse trecho final como se estivesse na parte baixa do morro, no início do percurso, mas fosse tomada a decisão de subir ao invés de continuar descendo.

Dessa forma, ao seguir o caminho, o transeunte vai subindo o morro da física, que possui algumas árvores e uma extensa área de gramado exposta ao sol. Dadas as condições ambientais, esta parte se soma com a da Praça do Oceanográfico na proposta de resgatar algumas espécies de Cerrado. Ao lado do caminho haveria alguns capins e ervas, como a carqueja, planta medicinal que nasce facilmente em campos ao sol. Em seguida, ao passar entre algumas árvores, estaria plantada a *nherumi mirim*, vassourinha, árvore que segundo Popygua (2016), na cosmologia Guarani, teria sido a primeira a nascer, dando a origem a todas as outras do mundo.

Continuando na subida, a ideia é que o trajeto passe ao lado de uma extensão de capins Jaraguá, que podem crescer a uma altura maior de que uma pessoa. Se for em meados de setembro, a pessoa cercada entre os capins, avistará a sua frente a floração amarela de vários ipês, chamando-a para que continue a caminhada até o topo. Já próximo ao cume, os capins vão sendo substituídos pelo

gramado existente. Por fim, a medida em que a pessoa chegar no topo e se virar ela avistará o pico do Jaraguá enquadrado na paisagem.



> Vista do mirante.
Oliveira (2021).

o que sobrou do céu

Mirante da Física

NOVAS

- 1. Carqueja
- 2. Vassourinha
- 3. Capim-jaraguá
- 4. Ipê-amarelo
- 5. Erva-mate

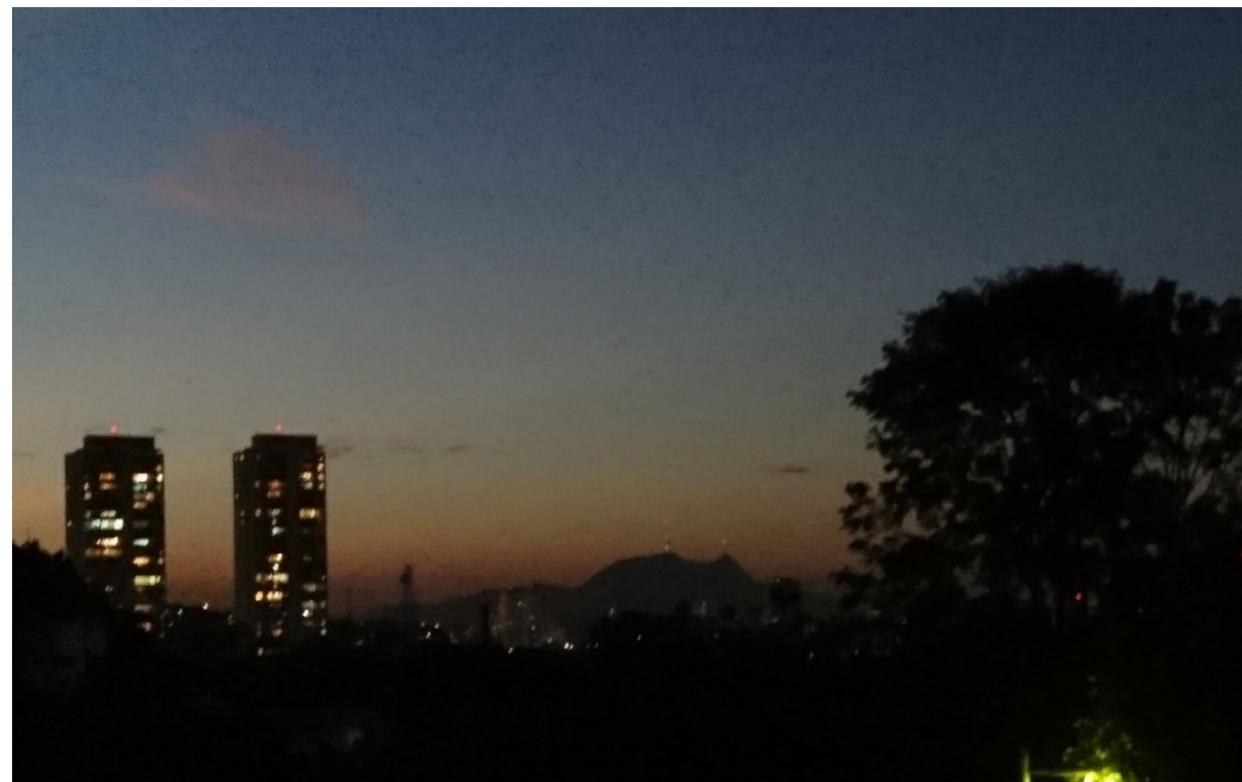


É uma vista marcante que traz em si um forte simbolismo político. O Jaraguá representa a luta dos povos indígenas em São Paulo, sendo morada de uma das duas terras indígenas do município. A vista do Jaraguá desde o ponto mais alto da CUASO representa a entrada dos povos indígenas dentro do campus, que vêm lutando para se reconhecer neste espaço e ocupar o que os pertence. A construção da *Opy* e conseqüentemente da Praça das Culturas, são um exemplo e uma conquista disso. Uma luta para que a USP, uma universidade que ainda não soube se abrir para estes povos, que ainda não possui um vestibular indígena – reivindicação constante dos estudantes que compõe o Levante Indígena da USP em criar um meio de acesso à universidade que contemple os povos indígenas do Brasil – se transforme. Esse é um espaço que certamente poderia ser incluído no projeto da Praça das Culturas e ser ocupado pelos estudantes a fim de simbolizar essa vista.

O que foi proposto para o mirante, foi um banco de tijolo voltado para o Jaraguá com um trecho pavimentado à frente para que seja possível acender uma fogueira. Os ipês-amarelos, *tajy poty*, que seriam plantados ao redor, abraçando o banco, constituem uma árvore sagrada que quando floresce anuncia a chegada de *Arapyau*, o tempo bom, os ventos quentes que vêm do norte, justamente a direção do pico do Jaraguá. Em meio aos ipês, seria feito o plantio de mudas da erva-mate. Ao lado, seria sinalizado um outro banco, que se camuflaria na topografia do morro que naturalmente

convida para se deitar e olhar o céu.

O que sobrou do céu é justamente essa vista, sendo a Ti Jaraguá uma resistência em São Paulo que luta para que o céu continue firme e com ele a cultura Guarani e a Mata Atlântica. Ao final da tarde o sol se põe um pouco à oeste do pico, fazendo com que, à medida que vá escurecendo o céu de rosa passe para o azul escuro e a silhueta do pico se destaque ao longe. Pela noite, este espaço pode ser um bom mirante para contemplar as estrelas visíveis da cidade de São Paulo, visto que do topo do morro tem-se uma visão aberta do céu.



> A noite caindo sobre o pico do Jaraguá. Oliveira (2021).



Considerações Finais

Este trabalho se constituiu como mais um sonho a ser somado no que tange uma transformação da USP e, de modo geral, de toda a paisagem de São Paulo. O projeto aqui desenhado é uma ideia, um sonho pessoal, mas espera-se que ele possa servir de alimento para sonhos futuros coletivos e concretizações.

Fez-se aqui um breve registro do trabalho feito junto à Praça das Culturas que, como já disse, é um processo contínuo que se constrói a cada ano. Deixo essa instigação para que o sonho desta praça possa sair do terreno do IP e se expandir para toda a paisagem da USP. Acredito que é algo que pode ser concretizado a partir da própria ocupação dos espaços, seguindo o exemplo da praça que vem se materializando por meio das pessoas que estão ali plantando, rezando e cuidando. Para além da luta institucional de concretizar a ocupação indígena dentro da universidade, alguns pontos desse projeto sugerem uma ocupação de espaços que já é possível, como o mirante, onde seria possível ocupar e trazer um simbolismo para aquele lugar.

Dessa forma, este trabalho pretende aprofundar o debate iniciado no projeto de extensão que pensa o entorno da Casa de Culturas Indígenas e transbordar para ocupar outros pontos da Cidade Universitária. O projeto procura propiciar um passo para que a universidade e a cidade de São Paulo assumam o reconhecimento da sua cultura indígena, dando visibilidade aos 305

diferentes povos indígenas (Instituto Socioambiental) do país. É necessário que o Brasil repare suas ações e promova o reconhecimento de sua cultura originária, dando lugar às mais de 150 línguas faladas no território. Cada língua carrega em si um modo de ver o mundo e isso deve ser incorporado na sociedade e na política brasileira dando lugar à pluralidade.

Referências Bibliográficas

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. 1a. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015. 768 p. .

ANDRÉ, Mônica Bertoldi. **Ruínas do Abarebebê: um olhar etnobotânico para a decolonização da paisagem**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. 132 p.

BARTALINI, Vladimir. Natureza, paisagem e cidade. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP** v. 20, n. 33, p. 36 , 2013.

BONZI, Ramón Stock. Córregos (e desígnios) ocultos na Cidade Universitária Armando De Salles Oliveira. **Revista LABVERDE** v. 0, n. 8, p. 82–108 , 2014.

CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA. Programa Aldeias. Disponível em: < <https://trabalhoindigenista.org.br/programa-aldeias/> >. Acesso em: 23 ago. 2020.

CICCARONE, Celeste. **Um povo que caminha: notas sobre movimentações territoriais guarani em tempos históricos e neocoloniais**. Dimensões v. 0, n. 26, p. 136–151 , 2011.

CINTURÃO VERDE GUARANI - QUINTAS AMERÍNDIAS. FAUUSP, 2021. 1 vídeo (1:48:02). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=oSWgGsqqp2I> > Acesso em: 20 mai. 2021.

COSSIO, RODRIGO RASIA. **Etnoecologia Caminhante, Oguata Va’E, Em Trilhas Para Descolonização De Relações Interculturais: Circulação De Pessoas E Plantas Mbya Guarani Entre Brasil E Argentina**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CRESTANI, Maraisa et al. From the Americas to the World - origin, domestication and dispersion of pineapple. **Ciencia Rural** v. 40, n. 6, p. 1473–1483 , 2010.

DELITTI, W.; PIVELLO, V. **Reservas Ecológicas da Universidade de São Paulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

EMPERAIRE, Laure. Dissonâncias vegetais: entre roças e tratados. In: OLIVEIRA, Joana Cabral et al. (Orgs.). **Vozes Vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta**. São Paulo: Ubu Editora, 2021. p. 57–76.

ETNICIDADES: GRUPO DE ESTUDOS ÉTNICOS E RACIAIS. Modos de Habitar Indígenas . Brasil: UFBA, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G3AAsUXnSII>>. Acesso em: 12 out. 2020.

FURQUIM, Laura Pereira. O acúmulo das diferenças: nota arqueológica sobre a relação entre socio e biodiversidade na Amazônia antiga. In: OLIVEIRA, Joana Cabral et al. (Orgs.). **Vozes Vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta**. São Paulo: Ubu Editora, 2021. p. 125–139.

GALANTE, Luciana. **Investigação etnobotânica na comunidade Guarani Mbya de Tekoa Pyau**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. 161 p.

GUARANI, Jerá. Tornar-se selvagem. **Piseagrama** v. 14, p. 12–19, 2020. Disponível em: <<https://piseagrama.org/tornar-se-selvagem/>>. Acesso em: 12 fev. 2021.

GUIMARÃES, Danilo Silva. Uma casa de culturas indígenas na USP. In: LATINA, Centro Brasileiro de Estudos da America (Org.). **Línguas Ameríndias: ontem, hoje e amanhã**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2020. 9786599215728.

INGOLD, Tim. A temporalidade da paisagem. In: BESSA, Altamiro Sérgio Mol (Org.). **A unidade múltipla: ensaios sobre a paisagem**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2021. p. 110–157.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Terras Indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3707>>. Acesso em: 12, jan. 2021.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Terras Indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/5248>>. Acesso em: 12, jan. 2021.

ITAÚ CULTURAL. **Mekukradjá**. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/mekukradja>>. Acesso em: set. 2020.

KRAUS, Jane Elizabeth et al. **Fauna e flora no campus da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LADEIRA, Maria Inês. **Espaço Geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso**. Versão Online. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista - CTI, 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.trabalhoindigenista.org.br/teses/espaco-geografico-guarani-mbya-significado-constituicao-e-uso/>>.

LADEIRA, Maria Inês; Tupã, Leonardo Wera. Condições ambientais do território guarani: implicações no modo de vida. **Tellus** v. 0, n. 6, p. 51–63, 2014. Disponível em: <<http://www.gpec.ucdb.br/projetos/tellus/index.php/tellus/article/view/78>>.

LORENZI, Harri. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil: vol. 1**. 8ª ed. Nova Odessa: Jardim Botânico Plantarum, 2020.

LIMA, Catharina et al. O direito ao (in) compressível: arte, cidade, paisagem e transformação social. **Rua** v. 23, n. 2, 2017, p. 291–309.

MARIA, Yanci Ladeira. **Paisagem: entre o sensível e o factual:**

uma abordagem a partir da Geografia Cultural. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. 133 p.

MATTA, Priscila. **Modos ameríndios de conhecer as florestas: produção de relações e percepções.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** Trad. C. A. Ribeiro de Moura, São Paulo, Martins Fontes, 2006, pg.16 (orig. 1945).

MODOS DE HABITAR INDÍGENAS, Etnicidades: grupo de estudos étnicos e raciais UFBA, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G3AAsUXnSII>>. Acesso em: 12 out. 2020.

MORAES, Alana; SCHAVELZON, Salvador; GUARANI, Jera; KEESE, Lucas; HOTIMSKY, Marcelo. Um levante da terra na metrópole da asfixia. **Piseagrama**, Belo Horizonte: 2021. Disponível em: <https://piseagrama.org/um-levante-da-terra-na-metropole-da-asfixia/>. Acesso em: 12 fev. 2021.

OLIVEIRA, Joana Cabral De. Mundos de roças e florestas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas** v. 11, n. 1, p. 115–131, 2016.

OLIVEIRA, Diogo. **Nhanderukueri Ka’aguy Rupa: As florestas**

que pertencem aos deuses. Monografia (Bacharel em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ORG. GALLOIS, Dominique; MACEDO, Valeria. **Nas redes guarani: saberes, traduções e transformações.** São Paulo: Hedra, 2018. .9781626239777.

PACIORNIK, Vitor Flynn. **XONDARO.** São Paulo: Editora Elefante, 2016. 60 p.

PALLAMIN, V. (pesquisadora responsável), ARANHA, C., BARTALINI, V., Lima, C. **Fenomenologia e Paisagem: espaços de transitividade em intervenções associadas ao paisagismo e arte contemporâneos.** Pesquisa realizada com apoio da FAPESP-2012- 2014 – proc. nº 01735-1

PALLAMIN, Vera. Fenomenologia, paisagem e arte contemporânea. **Paralaxe** n. 4, p. 43–61, 2015. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/paralaxe/article/view/23188>>.

PEROSA, Teresa. **Fortalecimento cultural e restauração da floresta: Como os Guarani estão usando seu Território para viver melhor e preservar a riqueza ambiental de São Paulo.** Centro de Trabalho Indigenista, Programa Aldeias, 2020. Disponível em: <https://trabalhoindigenista.org.br/wp-content/uploads/2020/07/FORTALECIMENTO-CULTURAL-E-RESTAURACAO-DA-FLORESTA_.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2020.

PIERRI, Daniel Calazans. **O perecível e o imperecível: lógica do sensível e corporalidade no pensamento Guarani-Mbya.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

POPYGUÁ, Timóteo da Silva Verá Tupã. **Yva Rupa: A terra é uma só.** São Paulo: Editora Hedra, 2016.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Geosampa: Mapa digital da cidade de São Paulo. Disponível em: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx>. Acesso em: 7 dez. 2020

Projeto de Lei 181 do #CinturãoVerdeGuarani na cidade de São Paulo. Comissão Guarani Yvyrupa. Disponível em: <<http://www.yvyrupa.org.br/pl-cinturaoverdeguarani/>>. Acesso em: 23 ago. 2020.

PROGRAMA ALDEIAS (Org.). **Ka’aguy re jaiko: Vivemos na mata.** São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 2016. 9781626239777.

SARTORELLI, Paolo Alessandro Rodrigues; FILHO, Eduardo Malta Campos. **Guia de plantas de regeneração natural do Cerrado e da Mata Atlântica.** São Paulo: Agroicone, 2017.

SILVA, Elcio. **O espaço das culturas indígenas dentro da USP.** USP Integração p. 4–18 , set. 2019.

SILVA, Silvestre; TASSARA, Helena. **Frutas Brasil Frutas.** São

Paulo: Empresa das Artes, 2005.

_____. **Árvores nativas do Brasil: volume 1.** São Paulo: Editora Europa, 2014

_____. **Árvores nativas do Brasil: volume 2.** São Paulo: Editora Europa, 2014

_____. **Árvores nativas do Brasil: volume 3.** São Paulo: Editora Europa, 2014

TAVARES, Paulo. **Memória da Terra: Arqueologias da ancestralidade e da despossessão do povo Xavante de Marãiwatsédé.** Brasília: Ministério Público Federal, 2020.

A VOLTA DE JETY #CINTURÃOVERDEGUARANI, Centro de Trabalho Indigenista, 2020. 1 vídeo (3 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7FAxO01iakc&feature=emb_logo. Acesso em 10 set. 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os Involuntários da Pátria. **Chão da Feira: Série Intempestiva** v. 65, n. Cadernos, p. 1–9 , 2017a. Disponível em: <<http://chaodafeira.com/cadernos/os-involuntarios-da-patria/>>.

_____. **Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. A inconstância da alma selvagem.** São Paulo: Ubu Editora, 2017b. p. 299–346.

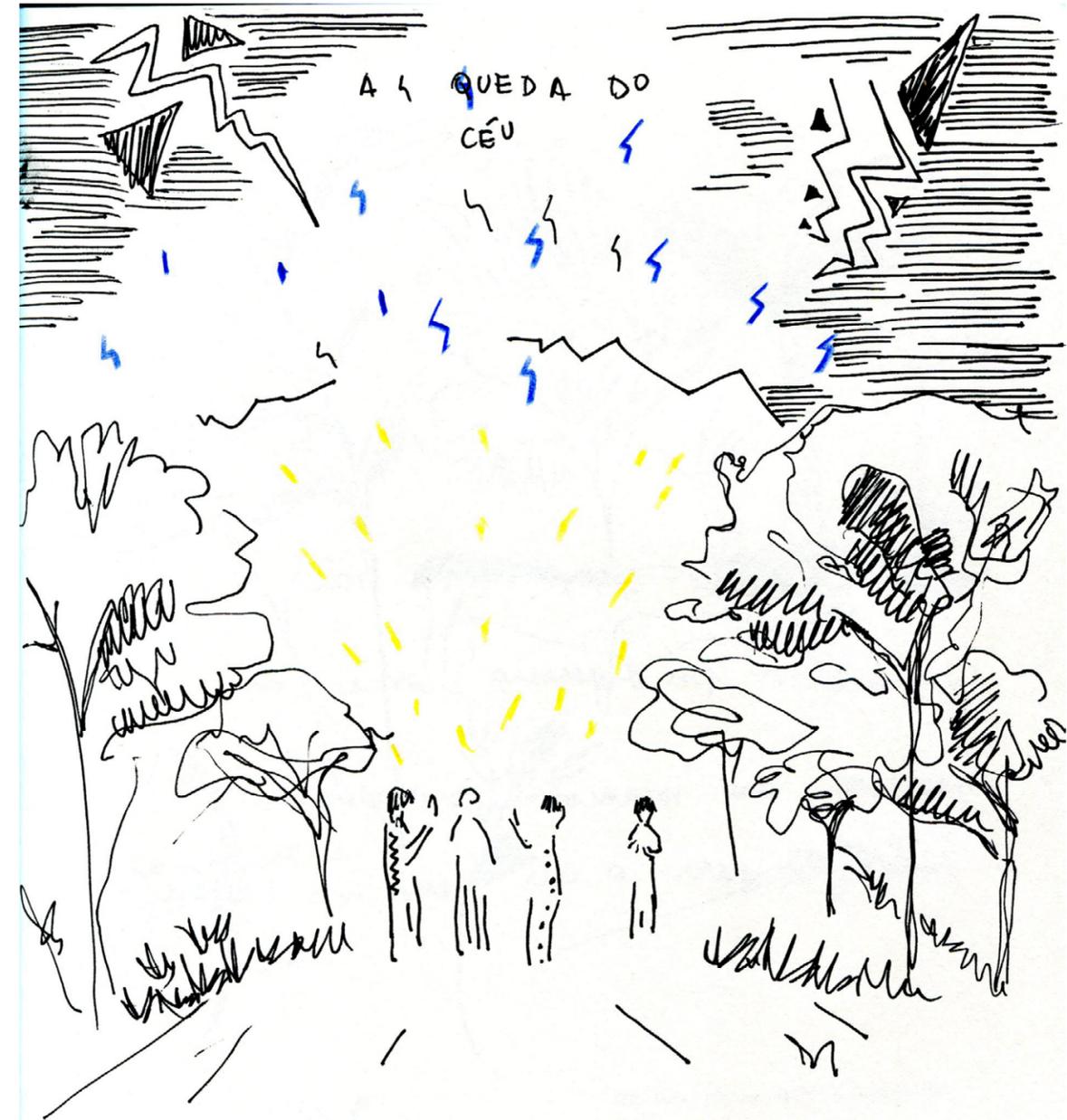
ZEA, Evelyn Schuler; DARELLA, Maria Dorothea Post; SALLES,

Machado, Juliana (Orgs.). **Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica: O curso**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em: <<https://licenciaturaindigena.ufsc.br/curso/>>. 9786588969083.

Tabela de Vegetação

NOME POPULAR	NOME GUARANI	NOME CIENTÍFICO	OCORRÊNCIA	OBSERVAÇÃO	FRUTIFICAÇÃO	LOCAL	CONDIÇÃO
amendoim	manduvi	<i>Arachis hypogaea</i>	todo Brasil	alimentício	todo o ano	Praça do Relógio	nova
araçá-amarelo		<i>Psidium cattleianum</i>	sul e sudeste do Brasil	frutífera	primavera e verão	Letras, Praça do Relógio	nova
araçá-do-mato	Yvyra jepiro	<i>Myrcianthes gigantea</i>	Mata Atlântica	frutífera	primavera e verão	Letras, Praça do Relógio	nova
aracaria	kuri	<i>Araucaria angustifolia</i>	sul e sudeste do Brasil	frutífera - pinhão	maio e junho	Praça do Relógio	existente
aroeira-pimenteira		<i>Schinus terebinthifolia</i>	Nordeste, centro oeste, sudeste e sul	frutífera	janeiro a julho	Praça do Relógio	existente
Bacupari		<i>Rheedia gardneriana</i>	Mata Atlântica	frutífera	janeiro a março	Letras	nova
banana	pakoa	<i>Musa paradisiaca</i>	exótica - Ásia e África	frutífera	ano todo	Canal do Tejo, Praça do Relógio	nova + exist.
batata-doce	pety	<i>Ipomoea batatas</i>	América do Sul	raíz tuberosa	-	Praça do Relógio	nova
buriti		<i>Mauritia flexuosa</i>	Cerrado	frutífera, regeneração de brejo	primavera a outono	IO	nova
buritiana		<i>Mauritiella armata</i>	Cerrado	regeneração de brejo	-	IO	nova
cajá		<i>Spondias lutea</i>	exótica - África	frutífera	ano todo	Canal do Tejo	nova
Cambucá		<i>Marlierea edilus</i>	Mata Atlântica	frutífera	final do verão	Letras	nova
cambuci		<i>Campomanesia phaea</i>	Mata Atlântica	frutífera	janeiro a março	IO, Praça do Relógio	nova
capim do brejo		<i>Andropogon virgatus</i>	Cerrado	regeneração de brejo	-	IO	nova
capim do brejo		<i>Mesosetum elytrochaetum</i>	Cerrado	regeneração de brejo	-	IO	nova
capim jaraguá		<i>Hyparrhenia rufa</i>	América tropical		-	Mirante	nova
cará		<i>Dioscorea Alata</i>	Brasil e África	tubérculo	-	Praça do Relógio	nova
carqueja		<i>Baccharis trimera</i>	Mata Atlântica e Cerrado	medicinal	-	Mirante	nova
cedro-rosa		<i>Cedrela fissilis</i>	Mata Atlântica	madeira	-	Clube dos Professores	existente
cereja-do-rio-grande		<i>Eugenia aggregata</i>	sul e sudeste do Brasil	frutífera	setembro a novembro	Praça do Relógio	nova
chá-de-bugre		<i>Cordia salicifolia</i>	Mata Atlântica e Cerrado	regeneração de brejo, medicinal	-	IO, IRI	nova
cruz-de-malta		<i>Ludwigia hexapétala</i>	Cerrado	regeneração de brejo	-	IO	nova
dendê		<i>Elaeis guineensis</i>	exótica - África	frutífera	ano todo	Canal do Tejo	nova
embaúba		<i>Cecropia pachystachya</i>	Mata Atlântica e Cerrado	regeneração de brejo	-	IO, IRI	nova
erva-mate	ka'a	<i>Ilex paraguariensis</i>	América Tropical	medicinal	-	Praça do Relógio, Mirante, Prç. Culturas	nova
feijão	kumanda	<i>Phaseolus vulgaris</i>	América Tropical	alimentício	ano todo	Praça do Relógio	nova
figueira-do-brejo		<i>Ficus insipida</i>	Amazônia e mato grosso	pode ficar sob alagamento	-	Praça do Relógio	existente
gabioba	guavira	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	Mata Atlântica e Cerrado	frutífera	dezembro a maio	Letras, Praça do Relógio	nova
goiaba	Araxa guaxu	<i>Psidium guajava</i>	América Tropical	frutífera	fevereiro a março	Várias pela CUASO	existente
grumixuma		<i>Eugenia brasiliensis</i>	Mata Atlântica	frutífera	novembro e dezembro	IO, IRI, Letras	nova
guanandi	guanandi	<i>Calophyllum brasiliense</i>	Mata Atlântica	madeira, sinal de água	-	IRI, Raia	nova
ingá-cipó/de macaco		<i>Inga edilus</i>	Amazônia e Mata Atlântica	vagens que podem ter até 1m	primavera e verão	Praça do Relógio	nova
ingá-do-brejo		<i>Inga vera</i>	Mata Atlântica	habita a beira dos rios	-	IO, IRI	nova
ingá-ferradura		<i>inga sessilis</i>	encostas da Mata Atlântica	leguminosa	flor: verão	Praça do Relógio	nova
inhame		<i>Colocasia esculenta</i>	exótica - África	tubérculo	-	Canal do Tejo, Clube dos Professores	nova + exist.
ipê-do-cerrado		<i>Handroanthus ochraceus</i>	Cerrado	flor amarela	julho	IO	existente
jaboticaba	yvapuru	<i>Myrciaria cauliflora</i>	Mata Atlântica	frutífera	fim do inverno, primavera e verão	Letras, Praça do Relógio	nova + exist.
jacarandá-branco		<i>Dalbergia brasiliensis</i>	Mata Atlântica e Cerrado	restauração mata ciliar	novembro a abril	Raia	nova

NOME POPULAR	NOME GUARANI	NOME CIENTÍFICO	OCORRÊNCIA	OBSERVAÇÃO	FRUTIFICAÇÃO	LOCAL	CONDIÇÃO
jaracatiá		<i>Jacaratia dodecaphylla</i>	Mata Atlântica e Cerrado	frutífera	fevereiro a março	Praça do Relógio	nova
jatobá		<i>Hymenaea courbaril</i>	Cerrado	frutífera	flor: outubro, frutos: junho	IRI	nova
jenipapo		<i>Genipa aericana</i>	América Tropical	fruto usado para tintura	ano todo	Praça das Culturas	Nova
jerivá	pindovy	<i>Syagrus romanzoffiana</i>	Mata Atlântica e Cerrado	sagrado	-	Praça das Culturas, Praça do Relógio	nova
juçara		<i>Euterpe edulis</i>	Mata Atlântica	palmito, mata ciliar	ano todo	IRI, Praça do Relógio	nova
mamão		<i>Carica Papaya</i>	América Tropical	frutífera	ano todo	Canal do Tejo	existente
mandioca	mandi'o	<i>Manihot esculenta</i>	América Tropical	tubérculo	-	Praça do Relógio	nova
maracujá		<i>Passiflora edulis</i>	Brasil	frutífera	verão	Praça do Relógio	nova
melancia	xanjau	<i>Citrullus vulgaris</i>	África ou América	frutífera	verão	Canal do Tejo, Praça do Relógio	nova
melão	mero	<i>Cucumis melo</i>	África ou América	frutífera	verão	Canal do Tejo, Praça do Relógio	nova
milho	avaxi ete'i	<i>Zea mays</i>	América do Sul	frutífera	ano todo	Praça do Relógio	nova
paineira		<i>Ceiba speciosa</i>	Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga	flor rosa	flor: dezembro a abril	várias pela CUASO	existente
pau-cigarra		<i>Senna multijuga</i>	quase todo brasil	flor amarela, mata ciliar	flor: dezembro a abril	raia	nova
pau-fava		<i>Senna Macranthera</i>	do ceará até rio grande do sul	flor amarela, vagens de ate 35cm	flor: verão, fruto: julho	Letras	existente
pau-jacaré		<i>Piptadenia gonoacantha</i>	Mata Atlântica	flores atraem abelha jataí	flor: outubro a janeiro	Praça das Culturas	nova
pequi		<i>Caryocar brasiliense</i>	Cerrado	frutífera	novembro a fevereiro	IO	nova
pêra-do-campo		<i>Eugenia klotzchiana</i>	Cerrado	frutífera	verão	IO	nova
pinha-do-brejo		<i>Magnolia ovata</i>	Mata Atlântica	regeneração de brejo	outubro, novembro e dezembro	IRI	nova
pindaíba-do-brejo		<i>Xylopia emarginata</i>	Mata Atlântica	regeneração de brejo	março a maio	IRI	nova
pitanga	guavira pyta'i	<i>Eugenia uniflora</i>	Mata Atlântica	frutífera	primavera e verão	Letras, Praça do Relógio	nova
quiabo		<i>Abelmoschus esculentus</i>	exótica - África	frutífera	todo o ano	Canal do Tejo	nova
sapucaia		<i>lecythis pisonis</i>	Floresta pluvial atlântica	frutífera - castanhas, flor rosa	primavera	Praça do Relógio	nova
tabaco	pety	<i>Nicotiana tabacum</i>	América do Sul	religiosa	-	Praça das Culturas	nova
urucum		<i>Bixa orellana</i>	Original da amazônia	fruto usado para tintura	do fim do verão/outono	Praça das Culturas	existente
uvaia		<i>Eugenia pyriformis</i>	Brasil	frutífera	primavera e início do verão	Letras	nova
vassourinha	nherumi-mirim	<i>Baccharis dracunculifolia</i>	Cerrado	medicinal	-	Mirante	nova



" UM DIA , PORÉM , daqui a muito tempo , talvez acabe mesmo despenhando um cima de nós . MAS ENQUANTO HOUVER XAMÃS VIVOS PARA SEGURÁ-LO ISSO NÃO VAI ACONTECER " 194 .

> Oliveira (2021) com base em (ALBERT; KOPENAWA, 2015 p.194).